

# Faculdade de Letras

## “MUSEUS NO CENTRO” Uma rede em Construção

### Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	“MUSEUS NO CENTRO” Uma rede em construção
Autora	Lídia Teresa Costa Gomes da Silva
Orientadora	Joana Antunes
Coorientador	Artur Côrte-Real
Júri	Presidente: Doutora Maria de Lurdes Craveiro Vogais: 1. Doutora Maria José Goulão 2. Mestre Joana Antunes
Identificação do Curso	2º Ciclo em História da Arte, Património e Turismo Cultural
Área científica	História da Arte
Data	22 -9- 214
Classificação	16 valores





## ÍNDICE

Agradecimentos	05
Lista de siglas	07
Índice Anexos	09
Introdução	13
PARTE I	
1. Redes de Museus - da conceptualização à concretização	17
2. Rede Portuguesa de Museus - Um percurso de 14 Anos	23
3. Museus no Centro (DRCC)	33
3.1 Delegação Regional de Cultura do Centro	33
3.2 Porquê uma rede “Museus no Centro”?	37
3.3 Critérios de escolha dos museus para a Rede MNC	55
4. “Coimbra - Rede de Museus “- O início	59
5. Object(iv)os comuns	65
PARTE II	
1. Dinâmicas culturais	71
2. Estágio Curricular. Atividades desenvolvidas	73
3. Plataformas e Estratégias de comunicação	77
4. Identidade Gráfica - Reflexão e sugestões	89
Conclusão	113
Anexos	117
Bibliografia	164



## **AGRADECIMENTOS**

A todos os que se (entre)cruzaram comigo nesta caminhada,

**OBRIGADA!**



## ***LISTA DE SIGLAS***

<b>APOM</b>	Associação Portuguesa de Museologia
<b>DCQM</b>	Divisão de Credenciação e Qualificação de Museus
<b>DGPC</b>	Direção-Geral do Património Cultural
<b>DGEMN</b>	Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
<b>DMCC</b>	Departamento de Museus, Conservação e Credenciação
<b>DMC</b>	Divisão de Museus e Credenciação
<b>DRCC</b>	Direção Regional de Cultura do Centro
<b>EP</b>	Estrutura de Projeto
<b>ICOM</b>	International Council of Museums (conselho Internacional de Museus)
<b>IMC</b>	Instituto dos Museus e da Conservação
<b>INE</b>	Instituto Nacional de Estatística
<b>IPPC</b>	Instituto Português do Património Cultural
<b>IPM</b>	Instituto Português de Museus
<b>RPM</b>	Rede Portuguesa de Museus
<b>OAC</b>	Observatório das Actividades Culturais
<b>OOAC</b>	Outros Organismos da Administração Central
<b>PCM</b>	Presidência do Conselho de Ministros



## **INDICE DE ANEXOS**

Anexo 1	p. 119 a 124
Anexo 2	p. 125 a 126
Anexo 3	p. 127 a 130
Anexo 4	p. 131
Anexo 5	p. 132 a 133
Anexo 6	p. 134
Anexo 7	p. 135 a 136
Anexo 8	p. 137
Anexo 9	p. 138
Anexo 10	p. 139
Anexo 11	p. 140
Anexo 12	p. 141
Anexo 13	p. 142 a 149
Anexo 14	p. 150 a 163



*“Os museus não são ilhas isoladas, mas antes parte integrante da sociedade onde se inserem...”*<sup>1</sup>

*“Um país que dispõe de uma rede bem organizada de museus possui um engodo que, inteligentemente arrumado, pode constituir uma fonte de inesgotáveis interesses e proventos.”*<sup>2</sup>

---

1 CAMACHO, Clara Frayão, “Rede Portuguesa de Museus - Um projecto em construção”, *Actas Fórum Internacional Rede de Museus*, Instituto Português de Museus, 2002, p. 10.

2 COUTO, João, “Os Museus Municipais, o Turismo e as Comissões de Arte e de Arqueologia, nº 286, Fevereiro de 1962, vol. LXII, p.82. citado por GONÇALVES, António Manuel, *Museus e turismo*, Lisboa, [s.n.], 1965, p. 26



O presente relatório é o resultado de seis meses<sup>3</sup> de estágio curricular realizado no âmbito do mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, efectuado na Direção Regional de Cultura do Centro (DRCC) e do consequente contato com os serviços dependentes da sua tutela, no caso específico, a rede de “Museus no Centro”. Após um percurso iniciado em 2013 através de estágios extracurriculares realizados nos renovados espaços museológicos da cidade de Coimbra, nomeadamente no Museu Nacional Machado de Castro e no Centro Interpretativo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, constatei que os museus já não são “casas de memória que representam o passado”, mas espaços vivos que trabalham, cada vez mais, para a comunidade e para a contemporaneidade. Neste sentido, propus-me conhecer e analisar a estrutura que tutela a Rede “Museus no Centro”, Direção Regional de Cultura do Centro, à qual está afeto o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. A experiência em causa revelou que as instituições dependentes da administração pública sofrem constrangimentos financeiros que se refletem nos recursos logísticos, técnicos e humanos dos espaços museológicos sob a sua tutela. Esta realidade obrigou a uma adaptação e mudança de atitude por parte das equipas técnicas responsáveis pelos espaços museológicos. Para colmatar necessidades, reduzir custos e cativar o público, cada vez mais esclarecido, estes espaços começam a estabelecer ligações em rede baseadas na cooperação profissional e apostando nas dinâmicas culturais como meio de ligação à comunidade. Tendencialmente organizados em rede, os museus refletem, deste modo, a transformação a que a própria sociedade assiste, onde a necessidade de troca de informação, meios e conhecimentos é crescente e praticamente instantânea, através das redes estabelecidas entre diversos pólos de interesses e necessidades.

O trabalho desenvolvido objetiva a análise da criação e o âmbito da Rede “Museus no Centro”, sendo esta tutelada pela Direção Regional de Cultura do Centro e composta pelas unidades orgânicas flexíveis<sup>4</sup>: Museu de Aveiro, Mosteiro de Santa

---

<sup>3</sup> Com a duração total de 400 horas.

<sup>4</sup> Criadas pelo Despacho n.º 11348/2012, N.º1, Cf. in Diário da República, 2.ª série - N.º162 - 22 de Agosto de 2012.

Clara-a-Velha<sup>5</sup>, Museu Etnográfico e Etnológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré), Museu da Cerâmica e Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco) e Museu da Guarda. Esta rede, fruto de um processo de vontade política, reúne um vasto acervo museológico de diferentes realidades locais e regionais, tendo na sua atuação características comuns às redes de museus, igualmente analisadas neste trabalho; refiro-me a “Coimbra - Rede de Museus” e Rede Portuguesa de Museus. Assim, várias questões foram surgindo ao longo da pesquisa e das atividades realizadas durante o estágio curricular, entre elas: Que objetivos comuns existem entre a Rede de Museus no Centro, a Rede Portuguesa de Museus e a Rede de Museus de Coimbra? Quais os critérios de escolha dos museus que fazem parte desta rede? Sendo o seu grande objectivo o contato com o público, que dinâmicas culturais são desenvolvidas e que estratégia de comunicação é utilizada pela Rede “Museus no Centro” para a sua divulgação? Estas questões tiveram consequências: uma pesquisa e recolha de informação sobre a implementação em Portugal das redes museológicas; a recolha e organização de um arquivo de documentação gráfica sobre as atividades culturais desenvolvidas pela rede “Museus no Centro”, desde o seu início; a elaboração de um questionário aos museus constituintes da rede “Museus no Centro” sobre questões relacionadas com desenvolvimento de suportes comunicacionais, estratégias de divulgação e constrangimentos técnicos; o estudo e testes de elementos gráficos para aplicação em suportes de comunicação de forma a contribuir para a uniformização da imagem gráfica da rede museológica; a elaboração de um texto publicado na décima primeira edição da revista Via Latina-Ad Libitum da Universidade de Coimbra e a conceção e execução de um objeto gráfico.

---

<sup>5</sup> Monumento Nacional, pelo Decreto de 16-06-1910, DG nº 136 de 23 Junho 1910, Afecto à DRCC, Portaria nº 829/2009, DR, 2ª série, nº163 de 24 Agosto 2009, disponível em: [www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2807](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2807), acedido em 07.01.2014.

## PARTE I



# 1.

## REDE DE MUSEUS

### *Da conceptualização à concretização*

Uma primeira proposta de rede no panorama museológico em Portugal terá ocorrido em 1941, por João Couto<sup>6</sup>, numa conferência apresentada ao *II Congresso do Pessoal Superior dos Museus de Arte*<sup>7</sup>, no qual aquele referiu a necessidade de incluir na rede dos Museus do Estado os museus que tivessem maior dimensão e necessitassem de mais apoio financeiro, assistência técnica, restauro e obras nos edifícios, pessoal devidamente qualificado, assim como de estudar uma forma do estado apoiar o *desenvolvimento e a organização* dos museus que dependessem das autarquias locais e das instituições particulares, promovendo o entendimento e trabalho em equipa entre diretores e os conservadores dos mesmos. Por esta altura, as principais dificuldades com que estes espaços se deparavam eram de ordem financeira, instalações e formação de pessoal. Em 1962, um novo alerta era dado, pelo mesmo autor no sentido de um alargamento da “Rede de Museus do Estado” mas tal não teve qualquer repercussão uma vez que foram surgindo novos museus sob

---

<sup>6</sup> João Rodrigues da Silva Couto, nasce em Coimbra a 29 abril de 1892, licencia-se em Direito e Letras na Universidade de Coimbra, exerceu atividade de professor nos liceus - José Falcão e Pedro Nunes (Coimbra) e em Lisboa, foi conservador no Museu dos Condes Castro Guimarães em Cascais, terminando a carreira como diretor do Museu Nacional de Arte Antiga. Desempenhou “um papel primordial, na museologia portuguesa do seu tempo, tentando sempre que possível, aproximá-la ao contexto europeu.” Discípulo de António Augusto Gonçalves, primeiro diretor do Museu de Machado de Castro, João Couto - definido como - “intransigentemente honesto e profundamente humano” contribuiu para a evolução da Museologia em Portugal, referindo-se à museologia como sendo *uma ciência que visa aproveitar os espaços dos museus, a fim de os tornar verdadeiras escolas[...] considera as palestras, as exposições temporárias, as sessões cinematográficas, os concertos e outros eventos, como instrumentos capazes de dinamizar o museu, desenvolvê-lo e captar frequentadores. No panorama museológico do Estado Novo, distinguiu-se como museólogo e pedagogo, sendo pioneiro na função pedagógica, animação cultural e na formação profissional.* Defendia que os museus deveriam apresentar-se como “museus ativos, museus convidativos e museus explicativos [...] os museus, como as bibliotecas, podem e devem receitar-se como tónicos para a nossa desregrada vida, se tais estabelecimentos souberem adaptar-se de forma a atrair, mas sobretudo de forma a segurar o público dentro das suas paredes”. Defensor da experiência museológica dos Estados Unidos da América, as atividades pioneiras do serviço educativo existentes no MNAA, por si criadas, foram um bom exemplo de museu-escola onde a cultura, o lazer foram extensões escolares. Cf. RÉGO, Carla Maria P. C. R, *João Couto - Homem e Obra, Dissertação de Mestrado em Museologia e Património Cultural*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob Orientação da Professora Doutora Regina Anacleto, Coimbra, 2008, pp.7-32.

<sup>7</sup> COUTO, João, “Tese apresentada ao II Congresso Transmontano”, in *Congressos e Conferências do Pessoal Superior dos Museus de Arte*, Lisboa, 1941. Cit. In CAMACHO, Clara Frayão, *Rede Portuguesa de Museus: linhas programáticas*, Lisboa, Rede Portuguesa de Museus-Instituto Português de Museus, 2001, p.12

novas tutelas “*sem que fossem criados órgãos e instrumentos formais de articulação entre eles.*”<sup>8</sup> Ainda neste contexto, Luís Chaves e Sebastião Pessanha, defensores de uma rede nacional de museus de etnografia, promoveram diversas acções para promoção de planos para a museologia local e regional, estruturada em escalões: “*museus regionais, municipais provinciais e superprovinciais*”<sup>9</sup>, sem concretização. A Secretaria de Estado da Cultura, após a queda do regime, tem a primeira iniciativa para alterar a estruturação museológica herdada. Faz um pedido de aconselhamento à UNESCO para “*melhorar a coordenação entre os museus existentes; descentralizar a acção destes museus; criar museus de tipo novo com larga participação popular.*”<sup>10</sup> A partir da análise realizada pelo museólogo Per-Uno Agren,<sup>11</sup> são identificadas três áreas principais, as quais, a longo prazo, teriam de ser reformuladas.

*Instalações* - melhorar a gestão e conservação das colecções ;

*Acervo* - otimizar os métodos de aquisição e de documentação das colecções;

*Educação* - Potenciar actividades educativas, exposições e publicações.

A sugestão dada como solução estrutural, a longo prazo, consistia em criar uma rede de museus regionais, articulada a nível nacional, regional e local, (modelo baseado na orgânica museológica sueca), proceder a uma reorganização programática e reformular a formação profissional. Estas propostas, apesar de muito válidas, não tiveram concretização, mas influenciaram o grupo de trabalho criado no Instituto Português do Património Cultural (IPPC) em 1980. O conceito de rede tornou-se um objetivo a concretizar no Plano Museológico Nacional desenvolvido pelo IPPC<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> CAMACHO, Clara Frayão, *Rede Portuguesa de Museus: linhas programáticas*, p.12.

<sup>9</sup> CAMACHO, Clara Frayão, “I- Problemática das redes de museus: contextualização e precedentes” in *Rede Portuguesa de Museus: linhas programáticas*, Lisboa, Rede Portuguesa de Museus-Instituto Português de Museus, 2001, p.13.

<sup>10</sup> CAMACHO, Clara Frayão, *Rede Portuguesa de Museus: linhas programáticas*, p.13.

<sup>11</sup> Cf. AGREN, Per-Uno, *Portugal - Les musées régionaux et locaux - quelques observations et propositions*, Umea/Suède, Janvier 1977 (dact.), s.p. in CAMACHO, Clara Frayão, “I- Problemática das redes de museus: contextualização e precedentes” in *Rede Portuguesa de Museus: linhas programáticas*, Lisboa, Rede Portuguesa de Museus-Instituto Português de Museus, 2001, pp.13-14.

<sup>12</sup> “Portugal beneficiou especialmente da sua acção no período pós-1974, quando o governo português solicitou à UNESCO aconselhamento para o sector dos museus, tendo o ICOM indicado Per-Uno Agren. Da missão UNESCO, como ficou conhecida, resultaram três deslocações de Per-Uno ao nosso País entre 1976 e 1979, concretizadas em visitas aos museus portugueses, em particular aos museus locais e de cursos de formação descentralizados, em que participaram mais de uma centena de pessoas.” in CAMACHO, Clara, “In Memoriam” Per-Uno Agren, Informação icom.pt, série II, nº2 (Set-Nov 2008) - info II-2\_set-nov08.pdf. disponível em [www.icom-portugal.org/boletim\\_icom,0,210.aspx](http://www.icom-portugal.org/boletim_icom,0,210.aspx), acedido em 20.01.2014

Este plano tentava estabelecer uma qualificação museológica para o país, uma vez que este novo organismo iria assumir a coordenação de monumentos que iriam transitar da Direcção Geral do Património do Estado. Realizaram-se reuniões descentralizadas com museus não dependentes do IPPC e atribuíram-se funções de coordenação a alguns museus que prestaram apoio técnico relevante a outros. Contudo, devido à ausência dos meios e dos recursos necessários à sua efectivação, o Plano Museológico Nacional acabou por não se concretizar. Não obstante esta situação, a década de oitenta foi bastante intensa no que diz respeito à circulação de ideias, disseminação de novos modelos museológicos e concretização de novos projetos de âmbito municipal<sup>13</sup>. A “explosão museológica”<sup>14</sup> deveu-se às políticas culturais e patrimoniais autárquicas vigentes que, nalguns casos, “*iniciaram um percurso sólido*”, demonstrando uma estruturação técnica e programática a par de uma forte componente de inserção comunitária. No início de 1998, altura em que se iniciavam as reflexões para a criação da Rede Portuguesa de Museus, foi realizado um inquérito pelo Instituto Português de Museus com o intuito de conhecer de forma rigorosa a realidade museológica nacional e proceder ao recenseamento das instituições existentes. Pretendia-se assim, obter uma descrição rigorosa do estado dos museus<sup>15</sup> em Portugal. Este inquérito surgiu com a constatação, por parte do Instituto Português de Museus (IPM) da inexistência de “*instrumentos fiáveis e actualizados de recenseamento e caracterização*” da realidade museológica portuguesa. Assim, apurou-se que, a partir da década de 70, ocorreu um aumento da criação de novos museus em Portugal, sendo a quantidade superior à sua qualidade, demonstrando, não só ausências de condições técnicas, mas também falta de

---

<sup>13</sup> “*Entretanto, gerou-se uma febre de museologite: muitas terras do país, desde capitais de distrito às pequenas cidades e às vilas, anseiam possuir um museu, a todo o custo. Alguns centros, por brio de regionalismos mal orientados neste escopo, em franca museorreia, instituem museus etnográficos e históricos indefinidos, sem programa, sem pessoal técnico, gastam um dinheirão na compra de um palácio ou edificam pomposa sede aonde o museu se há-de amanhoar, cuidando depois de pedinchar peças para atingir, de qualquer modo e desvirtuado, um recheio que justifique o organismo incipiente. É um movimento legítimo o de multiplicar os museus, mas nada salutar nestes tempos de racionalização, se meditarmos que eles podem criar-se ao acaso, sendo inadmissível que cresçam incaracterísticos.*” In GONÇALVES, António Manuel, *Museus e turismo*, Lisboa, [s.n.], 1965, pp. 29-30.

<sup>14</sup> “a expressão “*explosão museológica*” aplicada ao contexto português foi utilizada por vários autores, salientando-se, desde o final dos anos oitenta, Fernando António Baptista Pereira, por vezes associando-a à questão da necessidade da “*planificação museológica*”-”, in CAMACHO, Clara Frayão et. AL., *Rede Portuguesa de Museus: Linhas programáticas*, Lisboa, RPM, IPM, 2001, p.22.

<sup>15</sup> Lei N.º47/2004 de 19 de Agosto - Artigo 7.º “o museu tem como função: o estudo e investigação; incorporação; inventário e documentação; conservação; segurança; interpretação, exposição e educação; Artigo 3.º alínea a) “Conceito de museu: Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos;”

planeamento para a sua gestão e sustentabilidade futura, por parte das tutelas. Houve no entanto, após essa década, um “*aumento do equilíbrio entre quantidade e qualidade*”<sup>16</sup> nos museus criados. Os museus dependentes do Ministério da Cultura foram aqueles que revelaram “*uma maior consistência no funcionamento, a par da administração Regional*”<sup>17</sup>. Foi confirmada, assim, a importância das entidades que tutelam o funcionamento dos museus, devendo essa diversidade ser tida em conta na criação da rede, assim como um conjunto de critérios que permitissem medir o tecido museológico de Portugal (ex: condições, funções, objectivos). No seguimento deste estudo inicial, entre 1999 e 2000 realizou-se um inquérito aos Museus de Portugal, no âmbito da reestruturação da *Rede Portuguesa de Museus*<sup>18</sup> onde colaboraram o Instituto Português de Museus (IPM)<sup>19</sup>, o Observatório das Atividades Culturais (OAC)<sup>20</sup> e o Instituto Nacional de Estatística (INE). Este estudo, realizado através de um inquérito por questionário e entrevistas, permitiu atualizar os dados disponíveis até à data sobre os museus em Portugal, assim como o seu recenseamento. Apuraram-se dados sobre a distribuição geográfica pelo território nacional, ficando 24,3% a Norte, 17,9% no Centro, 35,5% em Lisboa e Vale do Tejo, 10,9% no Alentejo, 4,9% no Algarve, 3% nos Açores e 3,4% na Madeira<sup>21</sup>. Fazendo uma leitura dos dados, baseada nas propostas de atuação do museólogo Per-Uno Agren (este sugeriu ser essencial reformular instalações, acervos e atividades educativas nos museus portugueses) constata-se que os problemas mais relevantes à altura passavam por 61,8% dos museus não possuir orçamento anual próprio, 52,2% não tinha quadro de pessoal, 42,9% não refere/não possuía qualquer outro pessoal técnico, 31,5% não possuía serviço educativo, 32% não possuíam sistema informático e 6% afirmaram não ter prevista a ligação à internet.

A Tutela foi uma das principais variáveis a considerar nesta análise, dada a multiplicidade de organismos de que dependiam os museus. Essa diversidade refletiu-se nas políticas museológicas adoptadas, no seu grau de autonomia, recursos financeiros, técnicos e científicos. Assim, 24,3% dos museus inquiridos não desenvolvia actividades orientadas para os visitantes, apesar de 59% dos museus

---

<sup>16</sup> SANTOS, Maria de Lourdes Lima *et al.* (coord.), *Inquérito aos Museus em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais-Instituto Português dos Museus, 2000 pp. 155-156. “ [...] as tutelas destacam-se, entre outros aspectos, pelos resultados relativamente altos registados quanto ao funcionamento permanente ou às acções de formação dos seus funcionários, às actividades voltadas para os visitantes, aos serviços educativos e às modalidades de inventário das suas peças e colecções.”

<sup>18</sup> *Rede Portuguesa de Museus*, enunciada na legislação do D.L. n.º 161/97, de 26 Junho, lei orgânica do Instituto Português de Museus.

<sup>19</sup> Criado pelo Decreto de Lei n.º 278/91.

<sup>20</sup> Criado em 1996. Cf. [www.oac.pt/menuobservatorio.htm](http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm)

<sup>21</sup> SANTOS, Maria de Lourdes Lima *et al.* (coord.), *Inquérito aos Museus em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais-Instituto Português dos Museus, 2000, quadro n.º1, p. 44.

dispor de serviços educativos sendo a visita guiada a iniciativa mais comum. Quanto aos acervos, 56,4% revelaram dispor apenas de um inventário sumário das suas coleções, apenas 38% dos inquiridos realizaram projetos de investigação e 17% editaram estudos científicos. Comparando os problemas detetados por Per-Uno Agren, técnico da UNESCO, nos finais da década de setenta e as conclusões dos resultados obtidos pelo inquérito realizado pelo IPM/OAC cerca de 24 anos depois, não se evidenciam grandes diferenças.

Apesar da sua dinâmica, o setor museológico português revelou uma heterogeneidade que deixava a claro dificuldades financeiras, constrangimentos técnicos, necessidade de qualificação de pessoal e a urgência em trabalhar de forma a cativar públicos. Essas dificuldades continuaram, por isso, a ser objetivos a superar por estes espaços de cultura. O ponto de partida para a mudança deu-se com a criação de uma rede após os resultados do *Inquérito aos Museus em Portugal*<sup>22</sup>. Este inquérito surgiu com a constatação, por parte do Instituto Português de Museus (IPM) da inexistência de “*instrumentos fiáveis e actualizados de recenseamento e caracterização*” da realidade museológica portuguesa. A parceria criada pelo IPM e pelo Observatório das Actividades Culturais (OAC), proporcionou a elaboração e aplicação deste inquérito de cariz nacional e, dessa vontade, surgiu em 1999<sup>23</sup> a lei que se ajustava ao objetivo de criação de uma *Rede Portuguesa de Museus*, cumprido pelo despacho<sup>24</sup> que criou a Estrutura de Projeto, *Rede Portuguesa de Museus*, dependente do Instituto Português de Museus, com a duração prevista de três anos. Após os resultados foi construída uma “Base de dados Museus” (Bdmuseus), materializando os dois objetivos do OAC e as equipas dos organismos encomendadores das pesquisas: interactividade entre equipas e desenvolvimento posterior das pesquisas realizadas.

---

<sup>22</sup> SILVA, Raquel Henriques da, “Apresentação”, in SANTOS, Maria de Lourdes Lima *et al.* (coord.), *Inquérito aos Museus em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais-Instituto Português dos Museus, 2000.

<sup>23</sup>D.L. n.º 398/99, de 13 Outubro, aprova a orgânica do Instituto Português de Museus (IPM), atribuindo a esse instituto a definição do modelo da rede portuguesa de museus, assim no art. 4.º. pode ler-se: “A *Rede Portuguesa de Museus* assentará em critérios de descentralização e transversalidade dos recursos museológicos existentes e dos que vierem a ser criados e será constituída por museus dependentes do IPM ou pertencentes ao Estado, a autarquias ou a outras pessoas colectivas públicas ou privadas que integrem nos seus acervos espécies e coleções de reconhecido valor e interesse.”

<sup>24</sup> Despacho conjunto n.º 616/2000, de 17 de Maio.



## 2.

### REDE PORTUGUESA DE MUSEUS

#### *Um percurso de 14 anos*

A Rede Portuguesa de Museus<sup>25</sup> criada na dependência orgânica do Instituto Português de Museus, pelo Despacho Conjunto n.º 616/2000 de 17 de Maio, começou a funcionar como Estrutura de Projecto Rede Portuguesa de Museus (EP-RPM) em Agosto de 2000. Foi da sua responsabilidade estudar e propor o modelo da Rede Portuguesa de Museus tendo em conta a diversidade e expressão da realidade museológica nacional. A EP-RPM, ao iniciar o projecto de estruturação de uma rede de museus para o País, tomou como ponto de partida os estudos anteriores sobre a perspectiva museológica nacional e o panorama internacional, no que respeita a sistemas de articulação entre museus. Optou por uma metodologia de natureza aberta e participativa, de modo a envolver os agentes da museologia portuguesa num projecto que visava contribuir para a qualificação dos museus portugueses e para a melhoria da sua prestação cultural e social. A adesão à RPM, aberta a todo o tipo de museus, independentemente da sua tutela, da abrangência do seu campo temático, das suas colecções e do seu âmbito territorial, submeteu os candidatos a um processo de credenciação, que visa avaliar a qualidade técnica da instituição, para poder ser integrada na rede. As candidaturas foram objecto de uma apreciação técnica, incluindo visita, por parte da equipa da Estrutura de Projecto e de alguns directores de museus do IPM. O processo em causa, a par da decisão final tomada em conjunto com a direcção do IPM, foi acompanhado de relatórios de avaliação e de aconselhamento técnico, incluindo recomendações aos museus<sup>26</sup>.

Segundo Margherita Sani *“a creditação é certamente uma importante característica para a RPM, tanto mais que constitui um pré-requisito para entrar na rede. No resto da Europa ser creditado dá ao museu a oportunidade de ser*

---

<sup>25</sup> [http://www.oac.pt/pdfs/boletim\\_RPM\\_1.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/boletim_RPM_1.pdf), acedido a 27.12.2013

<sup>26</sup> CAMACHO, Clara Frayão, “A rede portuguesa de museus e os museus com colecções de arqueologia: parâmetros de sustentabilidade”, *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, I Série, Vol. VII-VIII, Porto, Universidade do Porto, 2008-2009, pp. 107-114.

*financiado, situação que se verifica igualmente em Portugal, mas com um facto acessório: ser creditado também qualifica o museu para aderir à Rede Portuguesa de Museus.*”<sup>27</sup> Regendo-se pelo código deontológico do ICOM, o regulamento de adesão à RPM tomou a noção de “museu”<sup>28</sup> definida por este organismo, assim como, as normas mínimas de conduta e procedimentos adotados, de um modo geral, pela comunidade internacional de museus. “*Trata-se de uma definição que tem evoluído, desde 1946, no sentido de uma maior precisão e abrangência*”<sup>29</sup>. Ora, sendo a Rede Portuguesa de Museus, uma realidade evolutiva, acompanham-na as alterações do quadro institucional português na área da Cultura e as dinâmicas do panorama museológico nacional, adaptando-se a novos contextos mantendo o seu conceito e os seus objetivos consagrados na Lei Quadro dos Museus Portugueses<sup>30</sup>, que assim se definem:

- *Valorização e a qualificação da realidade museológica nacional;*
- *Cooperação institucional e a articulação entre museus;*
- *Descentralização de recursos;*
- *Planeamento e racionalização dos investimentos públicos em museus;*
- *Difusão da informação relativa aos museus;*
- *Promoção do rigor e do profissionalismo das práticas museológicas e das técnicas museográficas;*
- *Fomento da articulação entre museus.*

---

<sup>27</sup> *Museus em Rede. Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, Nº 37, Lisboa, Direcção-Geral do Património Cultural, 2010.

<sup>28</sup> “*Os museus são instituições permanentes, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, preservam, pesquisam, comunicam e expõem, para fins de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais e imateriais dos povos e seus ambientes.*” Disponível em [www.icom-portugal.org/documentos\\_cd\\_129,159,detalhe.aspx](http://www.icom-portugal.org/documentos_cd_129,159,detalhe.aspx), acedido em 21.01.2014.

<sup>29</sup> NEVES, José Soares, SANTOS, Jorge Alves dos, NUNES, Joana Saldanha, *Os museus em Portugal: políticas públicas e dinâmicas do sector em Portugal nos anos mais recentes* in VI Congresso Português de Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, 2008 Disponível em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/768.pdf>, data de consulta a 02-03-2014.

<sup>30</sup> Lei nº47/2004 de 19 de Agosto, Cap. VIII, art.º 102 a 109º. A preparação da Lei-quadro dos Museus Portugueses baseou-se no conhecimento da realidade portuguesa, na experiência recente desenvolvida pelo IPM de criação da RPM e na atenção às orientações internacionais. Deve também destacar-se a forma como decorreu a preparação da lei, envolvendo representantes da APOM, do ICOM, da ANMP, directores de museus e docentes universitários. A Lei é composta por 11 capítulos, que podem ser agrupados em cinco grandes áreas temáticas.

Em 2003 é publicado “*O Panorama Museológico em Portugal (2000-2003)*” que materializa a colaboração do IPM, o OAC e o INE, divulgando o acompanhamento regular realizado aos museus portugueses. A necessidade de melhorar os desempenhos dos museus de tutela pública, privada lucrativa ou não lucrativa esteve na origem da constituição da RPM. No entanto, este relatório, em nota introdutória, declara que os museus tutelados pelo IPM, “*estão necessariamente na rede (entram por inerência, enquanto os tutelados pelas direções regionais dos assuntos culturais das regiões autónomas entram por protocolo)*”<sup>31</sup>, em termos do programa de apoio financeiro no que ao eixo de qualificação diz respeito. Uma vez que esse eixo de qualificação só alcança os museus sob tutela da Administração Local ou Privada, ficam excluídos os tutelados pela Administração Central e Governos Regionais. Confrontados os resultados recolhidos via inquérito do INE e Bdmuseus,

*“ em termos de tendências, e na referida perspectiva diacrónica, o perfil geral dos museus, segundo as variáveis comuns às referidas fontes, mantém-se semelhante: quanto à variável tutela, predomínio do número de museus da Administração Pública, avultando os da Local; quanto ao tipo de museu, predomínio de três tipos - Museus de Etnografia e de Antropologia, Museus de Arte e Museus Mistos e Pluridisciplinares; quanto à localização geográfica/região, predomínio de Lisboa e Vale do Tejo seguida do Norte; quanto ao tempo de existência/data de abertura, predomínio dos que têm entre 5 e 25 anos.”*<sup>32</sup>

Comparando com os resultados anteriores, num espaço de três anos não houve grandes evoluções quanto a estratégias de captação de públicos, uma vez que cerca de 52% das entidades continuam sem serviços educativos, apesar de algumas organizarem atividades como visitas guiadas e ações pontuais para o público escolar. É de salientar que os tempos de abertura em 19% estão limitados à semana, não havendo possibilidade de abertura ao sábado e domingo. Em 2007 as competências da responsabilidade da Estrutura de Missão (EP-RPM) transitaram para a Divisão de Credenciação e Qualificação de Museus (DCQM) do Departamento de Museus do

---

<sup>31</sup> SANTOS, Maria de Lurdes Lima, OLEIRO, Manuel Bairrão (coords.), *O panorama museológico em Portugal: 2000-2003*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais-Instituto Português dos Museus, 2005, pp.4-5

<sup>32</sup> SANTOS, Maria de Lurdes Lima, OLEIRO, Manuel Bairrão (coords.), *O panorama museológico em Portugal...*, p. 12

Instituto dos Museus e da Conservação (IMC). Essa Divisão acabaria por ser extinta, em 2010, ficando as referidas competências inseridas diretamente no Departamento de Museus do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC). No seguimento da avaliação, e com o intuito de efectuar uma apreciação global da atividade da RPM, em 2010 foi enviado um questionário aos Diretores ou responsáveis dos Museus RPM. As questões foram as seguintes: 1. Qual o impacto da RPM na museologia portuguesa?; 2. Quais os aspetos que destaca como os mais positivos da acção da RPM?; 3. Quais os aspetos que considera mais negativos ou que tenham ficado aquém das espetativas?; 4. Partilhe algumas sugestões para a acção futura da RPM; 5. Qual a relevância da presença da RPM na vida do museu que dirige?

Foram obtidas apenas 19 respostas num universo de 131 inquéritos. Os resultados obtidos foram vistos como um contributo interessante e revelaram os aspetos mais positivos apontados pelos seus dirigentes: a qualificação dos museus; a formação dos profissionais, informação técnica e documentação; visibilidade dos museus, a criação do boletim e site; os apoios técnicos e financeiros e peso da RPM na decisão sobre o investimento em museus. Nos aspectos mais negativos, foram apontados: a pouca interactividade entre museus RPM; os escassos apoios financeiros; a ausência de peso vinculativo junto das tutelas dos museus e o impasse na credenciação. São deixadas sugestões, pelos diretores no sentido de serem criados pólos descentralizados de apoio aos museus RPM, de um maior incentivo às parcerias entre museus; de serem possíveis estágios profissionais entre diferentes museus RPM e da necessidade de uma avaliação contínua dos museus pertencentes à rede<sup>33</sup>.

Em Fevereiro de 2012, a desativação da equipa do Departamento de Museus do IMC que assegurava a coordenação da RPM, originou a interrupção dos trabalhos nas várias áreas de atuação da RPM e nos seus eixos estratégicos (Credenciação, Formação, Informação, Qualificação) resultando na paralisação da articulação dos museus da RPM por parte da Administração Central. Em Maio do mesmo ano, no âmbito do Plano de Redução e Melhoria da Administração Central (PREMAC) do XIX Governo Constitucional, foi repensada e organizada a sua estrutura, no sentido de lhe dar maior coerência e capacidade de resposta no desempenho de funções, reduzindo

---

<sup>33</sup> “Questionário aos diretores dos Museus da RPM” in *Museus em Rede. Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, Nº 37, Lisboa, Direcção-Geral do Património Cultural, 2010. , p.6

os seus custos de funcionamento. Foi, assim, criada a estrutura orgânica da Direção Geral do Património Cultural (DGPC)<sup>34</sup>, dotada de autonomia administrativa, que sucede nas atribuições do IGESPAR, I.P. De acordo com as competências que lhe são atribuídas, passa a ser sua função:

*“Propor e executar a política museológica nacional, promover a qualificação e credenciação dos museus portugueses, superintender, reforçar e consolidar a Rede Portuguesa de Museus, assegurar a gestão das instituições museológicas dependentes e coordenar a execução da política de conservação, salvaguarda e restauro de bens culturais móveis e móveis integrados.”<sup>35</sup>*

*“A DGPC funcionará como estrutura de articulação e como plataforma de comunicação, de divulgação, de facilitação e de apoio à Rede Portuguesa de Museus, mas não terá um papel centralizador, sendo, por isso fundamental garantir a participação mais ativa dos museus na dinamização do trabalho em rede. [...] A rede deve servir exatamente para permitir a troca direta de experiências entre museus e para que os contatos possam partir dos próprios museus, não precisando de ser dirigidos por uma tutela ou uma estrutura central [...] Numa ótica de subsidiariedade e de cooperação entre museus, será equacionada a criação de núcleos de apoio a museus, previstos na Lei Quadro de Museus Portugueses<sup>36</sup>, com o objetivo de possibilitar que os museus mais capacitados e com mais recursos possam apoiar diretamente os museus menos capacitados em recursos humanos, técnicos e materiais, e, ainda, com vista a promover a articulação de recursos com o intuito de melhorar e rendibilizar a prestação de serviços ao público.”<sup>37</sup>*

Atualmente, a Rede Portuguesa de Museus, é constituída por 137 museus, incluindo os museus e palácios nacionais tutelados pela Direção Geral do Património Cultural (DGPC), os museus tutelados pelas Direções Regionais da Cultura do Continente, da Região Autónoma dos Açores e da Região Autónoma da Madeira, os palácios nacionais geridos pela empresa Parques de Sintra-Monte da Lua e mais 90 museus tutelados por diversas entidades como Municípios, Universidades, Fundações, Associações, Empresas Públicas, Empresas Privadas, Igreja Católica e Misericórdias.<sup>38</sup>

---

<sup>34</sup> Criada pelo Decreto-Lei n.º 115/2012

<sup>35</sup> D.L. n.º115/2012 de 25 de Maio, alínea c) do n.º2 do art.º 2º.

<sup>36</sup> Lei n.º47/2004 de 19 de Agosto, art.º 107º e 108º.

<sup>37</sup> “Modelo de funcionamento e linhas de atuação da Rede Portuguesa de Museus” in *Relatório dos encontros RPM 2013*, disponível em [http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/Relatorio\\_reunioes\\_RPM\\_2013.pdf](http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/Relatorio_reunioes_RPM_2013.pdf), acedido em 19.12.2013

<sup>38</sup> sdfbdgbisbihsi

## Museus RPM por Tutela

total: 137

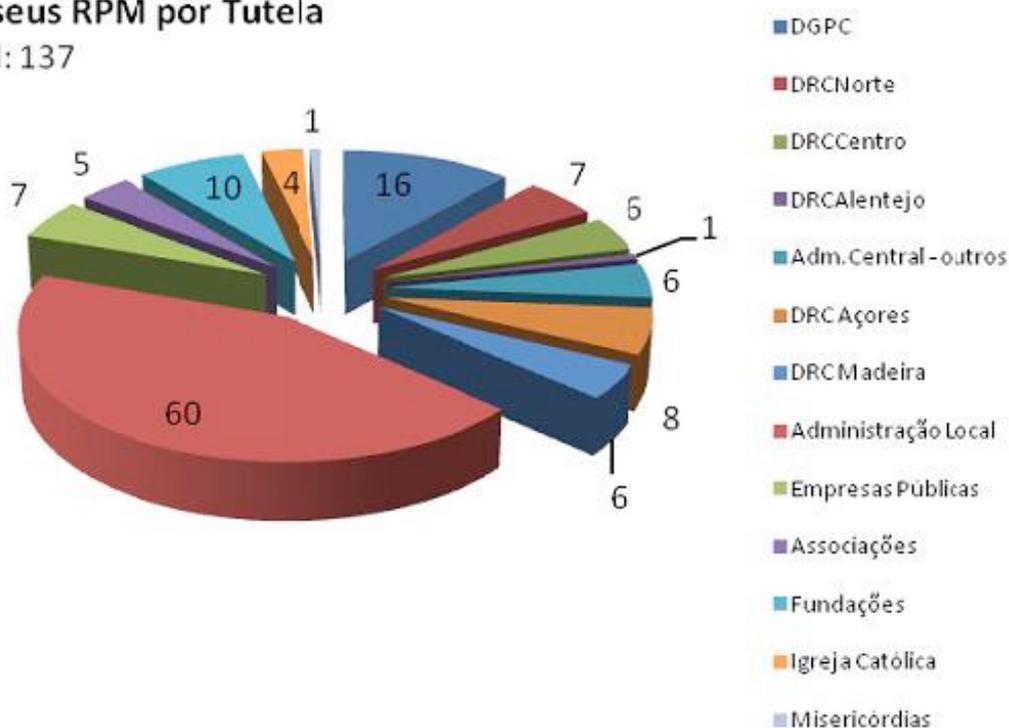


Figura 1. Tutelas dos Museus da Rede Portuguesa de Museus.

Enunciamos, igualmente, 14 museus<sup>39</sup> que se encontram, geograficamente, na zona centro e que fazem parte da RPM, realçando três que irão ser objeto de análise na segunda parte deste relatório: Museu de Aveiro e Museu Marítimo de Ílhavo em (Aveiro), Museu Francisco Tavares Proença Júnior e Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior em (Castelo Branco), Museu Monográfico de Conímbriga, Museu Municipal de Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, Museu da Pedra e Museu da Villa Romana do Rabaçal em (Coimbra), Museu da Guarda (Guarda), Museu Escolar de Marrazes e Museu da Imagem e Movimento em (Leiria), Museu Grão Vasco e Museu do Caramulo em (Viseu). Verificamos, assim, que no distrito de Coimbra se localizam 5 dos museus que pertencem à RPM.

<sup>39</sup> Gráfico da figura 1 retirado do Relatório das reuniões dos Museus da Rede Portuguesa de Museus, Abril 2013, p.v02, disponível em: [www.imc-ip.pt](http://www.imc-ip.pt), acedido em 19.12.2013.



Figura 2. Mapa da Zona Centro<sup>40</sup>

Sendo a RPM uma estrutura constituída por museus de diferentes tutelas, importa referir que se trata de “*uma estrutura transversal e não uma estrutura vertical ou centralizada*”<sup>41</sup>, sendo essa uma das suas linhas de força. Como referi anteriormente, a RPM tem acompanhado as alterações do quadro institucional português na área da Cultura e as dinâmicas do panorama museológico nacional, assim sendo, fruto da orgânica institucional, neste caso da (DGPC), o Departamento de Museus, Conservação e Credenciação e a Divisão de Museus e Credenciação (DMCC/DMC)<sup>42</sup> herdaram a missão de articulação da RPM, havendo assim uma troca direta de

<sup>40</sup> Disponível em: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro: <https://ccdr.pt>, acessado em 29.05.2014.

<sup>41</sup> Relatório dos encontros Rede Portuguesa de Museus, Abril, 2013, disponível em: [www.imc-ip.pt](http://www.imc-ip.pt), acessado em 19.12.2013

<sup>42</sup> Despacho n.º 11142/2012 de 16 de agosto de 2012, determina a estrutura flexível da DGPC, definindo as competências cometidas às várias unidades orgânicas.

competências do anterior Departamento de Museus do Instituto dos Museus e Conservação (IMC). Passam assim, a ser da competência do DMCC/DMC<sup>43</sup>:

- *A credenciação de museus e a sua integração na RPM;*
- *A supervisão/monitorização dos museus da RPM;*
- *A coordenação de programas de apoio técnico e financeiro a museus que integrem a RPM;*
- *A colaboração na gestão das estatísticas de visitantes dos museus da RPM;*
- *O apoio aos museus da RPM na realização de estudos sobre património imaterial associado relacionado com as coleções;*
- *A organização e apoio da ações de formação nas áreas da museologia e museografia;*
- *A articulação e apoio técnico às Direções Regionais da Cultura em matérias relacionadas com a museologia*

A DGPC pretende, assim, assegurar a continuidade do trabalho de dinamização da Rede Portuguesa de Museus, desenvolvido ao longo de 12 anos, através do DMCC e da DMC. Este trabalho traduziu-se, em grande medida, na requalificação dos museus no que respeita a obras de construção, remodelação e valorização, bem como a modernização dos seus sistemas documentais, no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio. Foi, de fato, através do seu parecer técnico, no contexto da apreciação das candidaturas, que a RPM sensibilizou as tutelas para o cumprimento de quesitos fundamentais para uma melhor qualificação destes espaços - estudo e investigação das coleções, medidas adequadas de gestão e atribuição de orçamentos, recurso a pessoal qualificado - sendo que esses programas constituíram uma oportunidade fundamental de qualificação dos museus portugueses<sup>44</sup>. Em continuidade com as

---

<sup>43</sup> Cf. "A articulação da Rede Portuguesa de Museus e o papel da Direção-Geral do Património Cultural" in Relatório das encontros Rede Portuguesa de Museus, Abril, 2013, Disponível em: [www.imc-ip.pt](http://www.imc-ip.pt), acedido em 19.12.2013

<sup>44</sup> referimo-nos ao Programa Operacional da Cultura (POC), Programas Operacionais Regionais (PORs) e o Programa Operacional da Sociedade da Informação (POSI). Cf: <http://www.qca.pt/pos/posc.asp>; <http://www.qren.pt/np4/POs> e <http://www.qca.pt/pos/poc.asp>

linhas de trabalho iniciadas pelo IMC, no relatório dos encontros da RPM realizados ao longo do ano de 2013, que tiveram lugar em Lisboa (Museu Nacional de Etnologia), Porto (Museu do Papel Moeda) e Portimão (Museu de Portimão), a DGPC menciona que irá manter os eixos de atuação no que respeita à articulação e à consolidação da Rede Portuguesa de Museus. Nesse sentido, no eixo da credenciação, prevê-se que sejam concluídas a instrução dos procedimentos das candidaturas pendentes, algumas apresentadas ao IPM em 2007 e a instrução de 18 processos de candidaturas de museus no universo de 21 - propunha-se fazê-lo até Dezembro de 2013. No eixo da qualificação, prevê-se que coordenará e articulará os pedidos de apoio técnico nas áreas de museologia e museografia, constituindo uma bolsa de consultores especializados em investigação, gestão, inventário, documentação, conservação e organização de coleções, programação museológica, discurso expositivo, arquitetura, museografia, acessibilidade, educação, comunicação e divulgação, assim como, gestão de estatísticas de visitantes, estudos de públicos e estudo, inventário e documentação de património imaterial.

Está previsto o início do processo de constituição de núcleos de apoio a museus e proceder-se-á a regularização de processos pendentes relativos aos programas Promuseus 2007 e 2010. Será ainda da sua responsabilidade emitir pareceres sobre a concessão de apoios financeiros pela administração central e sobre projetos de candidatura a programas de financiamento externo. No eixo da formação e informação/divulgação, intenciona reforçar a comunicação entre museus organizando programas dirigidos aos seus quadros, através de encontros, reuniões temáticas, visitas técnicas, ações de formação e seminários para disponibilizar informação e contatos nessas atividades entre os profissionais da área. Prevê ainda a criação de uma bolsa de formadores, internos e externos à DGPC e tenciona, ainda, divulgar as atividades organizadas pela DGPC e pelos museus da RPM através da criação de uma página da Rede Portuguesa de Museus no Facebook, atualização o website do ex-IMC e do futuro website da DGPC, assim como, retomar a publicação em formato digital do Boletim RPM - Museus em Rede, divulgar a newsletter e a revista anual da DGPC, participar no Programa TSF - Encontros com o Património e promover campanhas de divulgação das atividades dos Museus da RPM do Dia Internacional dos Museus e da Noite dos Museus.

Não podemos deixar de referir que estas ações de divulgação são o retomar do que já vinha sendo feito pela RPM, com o acrescento de uma nova plataforma digital: a página no facebook. Terminando a análise ao relatório publicado pela RPM, novas questões sobre os museus e a educação, outras redes de museus e alterações orgânicas das tutelas foram levantadas nas reuniões realizadas. Abordado o tema da constituição de novas redes de museus de âmbito local ou regional, assume-se que *“a perspetiva da DGPC é de acompanhar a constituição de redes à medida que se forem formando, sem intervenção no seu funcionamento, saudando-as como expressão efetivas de colaboração entre museus (...) pelo que a criação de novas redes não deverá significar a fragmentação ou menorização do papel da RPM”*.

O Património, visto hoje, não como um “tesouro intocável”, mas como um “potencial prestador de serviços”, nas suas mais variadas formas, é reconhecido pela sociedade como um veículo de apreensão do homem e da sua identidade. O Museu, que em tempos foi visto em tempos como um “repositório de memórias”<sup>45</sup>, começa hoje, fruto da evolução da própria sociedade que cada vez mais troca informação e conhecimento quase instantaneamente, a reforçar a sua *identidade* na sociedade, conjugando forças em rede, valorizando e divulgando as suas coleções de forma a captar públicos cada vez mais instruídos, exigentes e diversificados <sup>46</sup>. *“A atual noção passa da de tesouro intocável à de capital cultural explorável, mas gerido e integrante do capital social”*<sup>47</sup>. Foi com a aspiração de valorizar, também deste ponto de vista, a vertente identitária da Cidade de Coimbra, recuperando *«a percepção de Coimbra como “Cidade Museu”»* que uniram esforços, numa intenção de cooperação de forma progressiva, oito entidades da cidade, constituindo no ano de 2013, a “Coimbra - Rede de Museus”.

---

<sup>45</sup> Sinónimo de templo das musas (divindades inspiradoras do saber) in BERNARDES, João Pedro, “As Paisagens da Memória: museus, património e identidades” in Actas da XIV Jornadas de Património e Identidades: Função social do museu, 2002, p. 62.

<sup>46</sup> THE ECONOMIST, “*Museums Temples of delight*”, disponível em [www.economist.com/news/special-report/21591707-museums-world-over-are-doing-amazingly-well-says-fiammetta-rocco-can-they-keep](http://www.economist.com/news/special-report/21591707-museums-world-over-are-doing-amazingly-well-says-fiammetta-rocco-can-they-keep), acedido em 6-01-2014.

<sup>47</sup> CARVALHO, Ana Cristina Barreto de Carvalho, Gestão de Património museológico: As redes de Museus, Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade de São Paulo, Escola de comunicação e Artes, São Paulo, 2008, p.12.

### 3.

#### “MUSEUS NO CENTRO”

*Rede de serviços dependentes da DRCC*

#### **3.1 Delegação Regional de Cultura do Centro**

Serviço central de administração direta do Estado, a Direção Regional da Cultura do Centro<sup>48</sup> (DRCC) dotada de Autonomia administrativa, começou a ser reestruturada em 2006, juntamente com as Delegações Regionais do Norte, Alentejo e Algarve pelo decreto de lei n.º 215/2006, na sequência das alterações promovidas pelo Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE)<sup>49</sup>. Até então designadas por Delegações Regionais de Cultura, em 2007, nas atribuições e missão definidas pelo decreto regulamentar n.º 34/2007, promoveu-se a sua reorganização e reestruturação passando a designar-se Direções Regionais de Cultura, tendo sido determinado que a sua missão seria, entre outras:

*“dar apoio técnico, em articulação com o Instituto dos Museus e da Conservação, I.P. (IMC), a museus integrados na Rede Portuguesa de Museus e a outros localizados na área de actuação geográfica da direcção regional; Gerir os museus que lhe forem afectos e assegurar as condições para a sua fruição pelo público, de acordo com as orientações emanadas pelo Instituto dos Museus e da Conservação, I.P.; Sucedem nas atribuições relativas à salvaguarda e valorização do património arquitectónico das direcções regionais do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e nas atribuições relativas ao património classificado da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), nos respectivos âmbitos territoriais.”<sup>50</sup>*

---

<sup>48</sup> Com sede em Coimbra na Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes, 3000-303 Coimbra, disponível em [www.culturacentro.pt](http://www.culturacentro.pt), acedido em 28.12.2013

<sup>49</sup> O Decreto de Lei n.º 215/2006 de 27 de Outubro no artigo 26.º, reestrutura no ponto N.º4 os seguintes organismos:

a) As Delegações Regionais de Cultura do Norte, do Centro, do Alentejo e do Algarve, que passam a designar-se, respectivamente, Direções Regionais de Cultura do Norte, do Centro, do Alentejo e do Algarve;

<sup>50</sup> Decreto-Lei n.º 215/2006. D.R N.º 208, Série I de 2006-10-27. Aprova a Lei Orgânica do Ministério da Cultura

Exercendo as suas atribuições e competências na sua área de atuação geográfica - a zona Centro - e em articulação com os serviços e organismos da Presidência do Conselho de Ministros, na área da cultura, tem como objetivos fundamentais criar condições de apoio, acompanhamento e fiscalização de entidades e atividades culturais e ações relativas à salvaguarda, valorizar e divulgar o património cultural imóvel, móvel e imaterial, assim como acompanhar a gestão dos monumentos e sítios que lhe forem afetos, assegurando as condições para a sua fruição pelo público. Esta nova missão não se demitirá de uma nova fase vivida pela administração pública, que recebeu renovada atenção em 2012, com o XIX Governo Constitucional, no sentido de se tornar mais eficiente e racional na utilização dos recursos públicos, cumprindo os objetivos de redução da despesa pública. Nesse sentido, procedeu-se à reorganização das Direções Regionais de Cultura do Norte, Centro, Alentejo e Algarve e extinguiu-se a Direção Regional de Lisboa e Vale do Tejo<sup>51</sup>. As Direções Regionais de Cultura sucederam, nas suas atribuições, ao Instituto de Gestão do Património Arquitetónico, I.P., relativamente às ações regionais e locais de salvaguarda e acompanhamento do património arqueológico, da emissão de parecer sobre planos, projetos, trabalhos e intervenções nas zonas de proteção dos imóveis classificados ou em vias de classificação e respetivo acompanhamento e fiscalização, exceto nas zonas de proteção dos imóveis afetos à Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC) que sucedeu, igualmente, nas atribuições ao IGESPAR, ao IMC e à Direção Regional Centro Lisboa e Vale do Tejo. As DRCC sucederam ainda, nas atribuições do IMC, relativas a um conjunto de Museus situados nas respetivas circunscrições territoriais. No caso da Direção Regional de Cultura do Centro a estrutura interna<sup>52</sup> obedece a um modelo hierarquizado, sendo constituída por:

Uma unidade orgânica nuclear:

- Direção de Serviços dos Bens Culturais e

---

<sup>51</sup> Extinta pelo decreto-lei nº114/2012 de 25 Maio no âmbito do Plano de Redução e Melhoria da Administração Central (PREMAC), sendo as atribuições cometidas às Direções Regionais de Cultura na circunscrição territorial de Lisboa e Vale do Tejo prosseguidas pela Direção-Geral do Património Cultural, DGPC, que sucede igualmente ao IGESPAR e IMC nos domínios da salvaguarda, valorização e divulgação do património cultural imóvel, móvel e imaterial e do apoio a museus e pela Direção-Geral das Artes no domínio do apoio às artes.

<sup>52</sup> Cf. [www.culturacentro.pt/apresentacao.asp?id=24](http://www.culturacentro.pt/apresentacao.asp?id=24), onde é apresentado o organograma e a identificação dos responsáveis.

Cinco unidades orgânicas flexíveis:

- Divisão de Gestão Financeira
- Divisão de Recursos Humanos
- Divisão do Património e Salvaguarda
- Serviços Dependentes (Museu de Aveiro, Museu da Guarda, Museu de Francisco Tavares Proença Júnior - Castelo Branco, Museu da Cerâmica e Museu de José Malhoa - Caldas da Rainha, Museu Dr. Joaquim Manso - Nazaré, Mosteiro de Santa Clara-a-Velha - Coimbra)

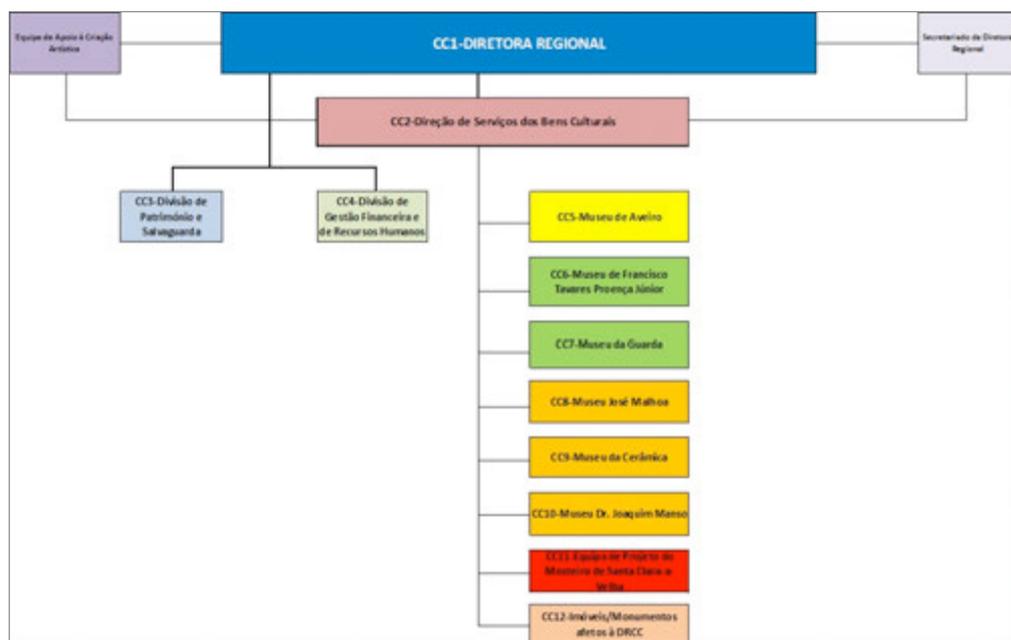


Figura 3. Organograma da DRCC<sup>53</sup>

<sup>53</sup> Fonte: Diretor de Serviços e Bens Culturais da DRCC

Os principais beneficiários das atividades da DRCC, segundo a sua missão organizacional<sup>54</sup>, são as autarquias, instituições, grupos, coletividades e associações culturais, onde aquela assume a responsabilidade de apoiar a criação artística e a salvaguarda do património, de desenvolver o ordenamento cultural do território, aprofundando e fortalecendo as relações entre equipamentos e agentes culturais profissionais e não profissionais, promovendo a sua qualificação e generalizando a noção de “rede”<sup>55</sup> para, desta forma, potenciar a noção de “território cultural”<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> A missão organizacional disponível em [www.culturacentro.pt/mapa.asp](http://www.culturacentro.pt/mapa.asp), acedido em 13.12.2014.

<sup>55</sup> Rede Portuguesa de Muses, *Relatório dos encontros RPM 2013*, disponível em [http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/Relatorio\\_reunioes\\_RPM\\_2013.pdf](http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/Relatorio_reunioes_RPM_2013.pdf), p.6, acedido em 23.02.2014.

<sup>56</sup> Rede Portuguesa de Muses, *Relatório dos encontros RPM 2013...*, p.7

## **2.2 Porquê uma Rede de “Museus no Centro”?**

Na procura de uma resposta deparamo-nos com a mudança iniciada, em 2007, pelo Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado, o qual estabeleceu a otimização de recursos humanos, materiais e serviços através da fusão de instituições. Desse modo, monumentos afetos a outros organismos passaram para a alçada das Direções Regionais de Cultura, criando-se um novo modelo organizacional com um órgão de gestão interno, de carácter regional. Esta alteração teve por base a necessidade de aproximação da Administração Central aos cidadãos e a devolução de poderes ao nível local e regional, permitindo a descentralização de competências a nível central. Esta medida implicou mudanças operacionais que, apesar da racionalização de recursos e das dificuldades de implementação, iniciaram uma mudança de modelo de gestão. O (pre)conceito, ainda existente, do museu como espaço inerte, adormecido, vocacionado para uma elite restrita, começa a ser alterado paulatinamente com a união de esforços, por parte das equipas pertencentes a cada espaço museológico da rede e da sua aposta em programação transregional, horários alargados, lojas com produtos identitários<sup>57</sup>, serviços pedagógicos temáticos, atividades culturais dinâmicas (nas áreas da música, do teatro, do cinema, e também através de exposições temporárias, entre outras iniciativas). Pretendendo implementar uma nova política cultural nos museus, a rede de serviços dependentes da DRCC - “Museus no Centro”, tenta, com estas medidas, uma maior proximidade aos cidadãos e à comunidade, para além da sua função subjacente de investigação e conservação dos acervos móveis e imóveis.

Defensora de valores como a preservação do património, a promoção da cultura e do conhecimento, a conservação e a divulgação das diversas coleções e espólio arqueológico que constituem os seus acervos, trabalha desde 2012, no sentido de desenvolver ações de extensão cultural e pedagógica, de forma a criar uma relação mais dinâmica com as comunidades e parceiros. Defende, igualmente, uma política de acessibilidade e inclusão para, dessa forma, cumprir o seu papel de serviço público e de rede museológica sem, no entanto, deixar de preservar a

---

<sup>57</sup> Produtos atuais de merchandising usando a figura identitária e logótipo desenvolvida para cada museu, assim como com a imagem da rede museus no centro. Ambas serão alvo de análise na segunda parte deste relatório.

identidade de cada museu. Para além da intercomunicação regional e do objetivo de cumprir as diretrizes do Plano de Redução e Melhoria da Administração Central (PREMAC), pretende também, conferir maior coerência e capacidade de resposta no desempenho de funções, reduzindo os custos de funcionamento, promovendo um sentido de equipa onde o começo da partilha de sinergias, de ideias, recursos humanos e materiais iniciou uma maior eficácia operacional devido ao facto de não depender de um órgão administrativo central nacional para a tomada de decisões regionais, como refere Artur Côrte-Real<sup>58</sup>. Concordamos, assim, com Sónia Gaspar, que defende que *“as práticas culturais homogeneizadas, resultantes de um crescimento do turismo cultural e da importância das indústrias da cultura, dotaram o museu de um papel social reforçado, tornando-o pólo de atracção turística e elemento chave no processo democratização da cultura.”*<sup>59</sup> A heterogeneidade no caso dos museus que compõem a rede “Museus no Centro” é, por si só, um dos aspetos mais interessantes e diferenciadores. Estando a iniciar um trajeto que se prevê positivo, embora nem sempre em linha reta, esta rede é composta por sete espaços museológicos que contêm acervos tão diversos como as regiões onde estão implantados, assim como díspares são as condições de conservação das coleções e respetiva gestão museológica. No texto que se segue enunciam-se as principais características da diversidade destes espaços que albergam, entre outras, coleções de arqueologia, etnografia marítima, tecelagem regional, cerâmica, pintura, numismática e arte.

---

<sup>58</sup> Diretor de Serviços dos Bens Culturais da DRCC *In* Diário as Beiras, 25.Agosto.2012, pág.6. *“Os museus não podem estar distantes das regiões e da comunidade em que se inserem”*. É, assim necessário, *“Dar vida aos museus”*, como acontece no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, onde se regista um aumento exponencial de visitantes e da dinâmica cultural procurando instaurar uma mudança de paradigma e mentalidades, sendo esta uma das missões da Direção Regional de Cultura do Centro, que pretende apostar, entre outras vertentes, na investigação, na conservação, bem como na realização de exposições e espectáculos transregionais. A Rede *“Museus no Centro”* é constituída por sete espaços museológicos, com um aspecto diferenciador - a sua diversidade de temáticas - capazes de conjugar diferentes interesses. O aspecto diferenciador desta rede reside na possibilidade de poder fazer *“rodar”* conteúdos e atividades, criando sinergias de forma a facilitar a ligação entre regiões. O fato do centro de tomada de decisões ser, atualmente, a Direção Regional Cultura e não o Governo Central de Lisboa, agiliza procedimentos, permitindo uma maior rapidez de decisão sobre as dinâmicas culturais que se realizam nos museus.

<sup>59</sup> GASPAR, Sónia Filipa da Silva, *Museu Nacional do Traje: Reflexões e Contributos para a Elaboração do Programa Museológico*, [dissertação de mestrado], Lisboa, FCSH-Universidade Nova de Lisboa, 2010.

**Museu de Aveiro.** Museu de História e Arte, instituído no antigo convento de Jesus, da Ordem Dominicana feminina, sofreu profundas alterações ao longo do tempo, sobretudo com o projeto de musealização<sup>60</sup>. A adaptabilidade do convento a espaço museológico “esvaziou”, em determinadas zonas, a estrutura original do espaço. O claustro e o refeitório, por serem espaços de funcionalidades específicas, levantam, igualmente, questões de adaptabilidade à sua nova função de espaço museológico. A sua particular vocação para a arte Barroca faz com que seja conhecido como “O Museu do Barroco” apresentando, no entanto, obras de pintura, escultura, talha, azulejo, ourivesaria e têxteis datados dos séculos XIV-XV ao século XIX. Da coleção do Livro Antigo e dos Manuscritos fazem parte documentos da fundação do convento e da vida da Princesa Santa Joana (m.1490), filha de D. Afonso V, figura incontornável na história do Convento e que se encontra sepultada num monumental túmulo colocado no coro baixo de período Barroco. *“Apesar desta tônica temática, o museu pode abrir-se a novas valências, nomeadamente, à componente arqueológica, dado o seu interessante espólio de arqueologia subaquática”*<sup>61</sup>. Aveiro dispõe neste museu da sua galeria de exposições temporárias - a maior de todos os museus da rede “Museus no Centro” - para albergar todo o tipo de exposições de arte contemporânea e de outras áreas artísticas. São desenvolvidas, igualmente, através do seu serviço educativo, atividades de proximidade com a comunidade, centradas

---

<sup>60</sup> “1936 obras de beneficiação geral do Museu; 1946 - reposição das campas das fundadoras na igreja; DGEMN: 1956 - obras de grande vulto, pelos Serviços dos Monumentos Nacionais; 1957 / 1958 - obras de restauro pelos Serviços dos Monumentos Nacionais; 1959 - obras de reparação geral do Convento, pelos Serviços de Construção e Conservação; 1998 - tratamento da envolvente: mudança da estátua da padroeira da cidade para outro local, colocação de calçada à portuguesa; 1999, até - conclusão do projecto de remodelação do espaço interior do convento, pelo Arquitecto Alcino Soutinho, iluminação exterior; beneficiação e conservação da fachada; 2003 - restauro do órgão do coro por Pedro Guimarães (Opus n.º 40); IPM: 2006 - obras de ampliação e requalificação: aumento de novas áreas destinadas a exposições temporárias, serviços educativos, biblioteca, auditório e cafeteria; obras de restauro na área monumental do antigo convento de Jesus” disponível em [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2255](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2255) acedido a 31.07.2014.

<sup>61</sup> Este texto e outros que se apresentam completando as descrições dos museus foram elaborados, a partir de conversas informais com o Diretor de Serviços dos Bens Culturais da Direção Regional de Cultura do Centro, Artur Côte-Real. Essa recolha foi realizada no âmbito da pesquisa levada a cabo sobre os museus tutelados pela DRCC, no período do estágio curricular decorrido entre Dezembro de 2013 e Maio de 2014. Dada a responsabilidade de uma referência mais precisa, passaremos a indicar a citação como: Artur Côte-Real DRCC, 2013-2014.

na história de Santa Joana, disponibilizando-se ainda, na loja do museu, materiais identitários, com temas ligados à região e à própria instituição<sup>62</sup>.

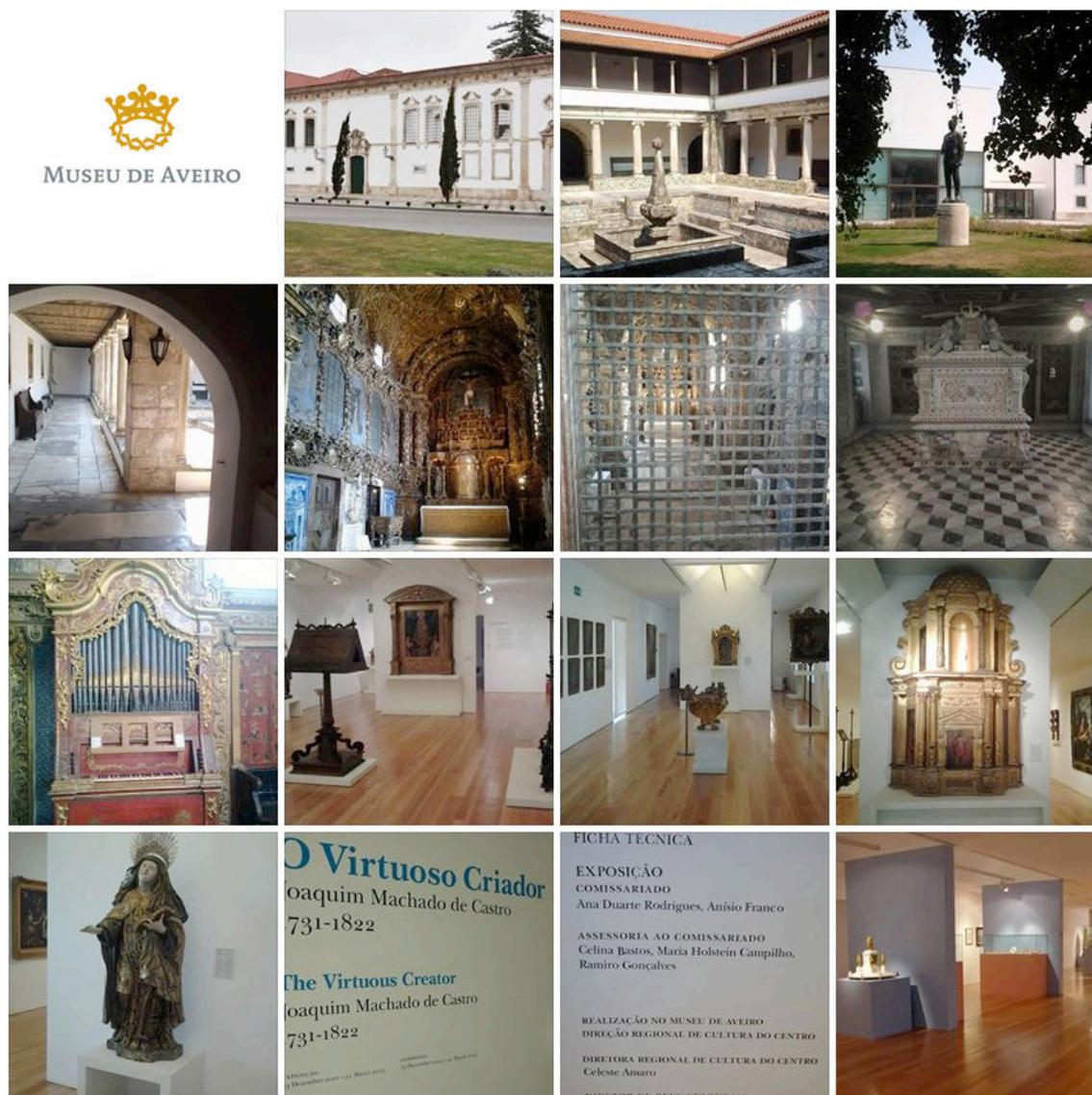


Fig. 4. Museu de Aveiro<sup>63</sup>

<sup>62</sup> Museu de Aveiro, Avenida Santa Joana, 3810-329 Aveiro, telf. 234 423 279, fax 234 421 749, maveiro@drcc.pt. Dispõe de uma equipa constituída por: 1 diretora; 1 coordenadora; 4 técnicos superiores; 10 assistentes técnicos, 4 assistentes operacionais.

<sup>63</sup> Imagens disponíveis em: <https://m.facebook.com/pages/Museus-no-Centro>, acedido em 14.06.2014.

**Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.** Monumento Nacional, fundado por D. Mor Dias no séc. XIII e refundado por D. Isabel de Aragão no séc. XIV, é composto pela Igreja, Claustro Maior e respectivas dependências, fragmentos importantes do conjunto monástico das Clarissas, assumindo-se como um emblemático exemplar da arquitetura Gótica Mendicante e por um Centro Interpretativo construído de raiz<sup>64</sup>. Apresenta aspetos diferenciadores dos outros museus devido às sucessivas inundações do rio Mondego, que perduraram até ao século XVII. Estas forçaram o abandono das Clarissas e motivaram a construção de um novo mosteiro no Monte da Esperança - Mosteiro de Santa Clara-a-Nova. A partir do século XVII, o edifício não sofreu qualquer tipo de alteração, nomeadamente no que concerne a actualizações arquitetónicas. De facto, a maior particularidade deste espaço, enquanto monumento, é o facto de se tratar de uma ruína que, por ter sido inundada, permitiu uma preservação praticamente integral da arquitetura e dos espólios arqueológicos, encontrando-se aqui vários objetos e estruturas que estiveram cerca de 300 anos completamente inacessíveis. Por estar abaixo da cota do rio, este monumento “resgatado” das águas, está inserido numa zona envolvente sujeita a uma permanente bombagem de águas, resultado de soluções técnicas complexas, que determinam fortes condicionantes no que diz respeito à sua manutenção. A construção de um edifício contemporâneo para um centro interpretativo, permite, a par com a ruína, contar o vivencial do próprio mosteiro, que foi riquíssimo, através dos artefactos encontrados nas escavações. O edifício em causa alberga, assim, um depósito de materiais para o domínio da investigação e apresentação pública, uma sala de exposições temporárias, instalações artísticas e uma loja com produtos identitários. O serviço educativo trabalha, paralelamente, com os elementos identitários da comunidade das clarissas e a água, estando esta intensamente presente no programa museológico através das sonoridades, documentários e no espelho de água adjacente à cafetaria. É, de todos os museus, o que tem a

---

<sup>64</sup> Arquitetos Domingos Domingues e Mestre Estevão Domingues (séc. 14) ; Baltazar de Castro (obras de restauro 1932 a 1937), Luís Amoroso Lopes (obras de reparação e protecção 1954 a 1981); PINTOR: Quentin Metsys; Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez (2007 a 2009 Centro de Interpretação), disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2807](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2807), acedido em 31.07.2014

componente arqueológica mais forte, tendo sido distinguido com prémios nacionais e internacionais<sup>65</sup>. Pelo seu potencial cénico, o monumento é hoje palco, entre outros, de eventos culturais nas áreas da música, teatro, bailado e cinema.<sup>66</sup>



Fig.5. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha<sup>67</sup>

<sup>65</sup> Prémio Internacional AR&PA 2010, Prémio Europa Nostra 2011, “Melhor” museu português 2011, informação disponível em: <http://www.asbeiras.pt/2011/01/mosteiro-de-santa-clara-a-velha-o-melhor-museu-portugues/>, acedida a 31.07.2014. O projeto de identidade visual do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha elaborado pela empresa FBA, em 2009, recebeu um Red Dot Award (outro dos mais conceituados galardões internacionais, a premiar o melhor que se faz anualmente em design) disponível em [http://www.jn.pt/revistas/nm/interior.aspx?content\\_id=3001349](http://www.jn.pt/revistas/nm/interior.aspx?content_id=3001349), acedido a 31.07.2014.

<sup>66</sup> Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Rua das Parreiras, 4040-266 Coimbra, tlf. 239 701 391, fax 239 801 160, [mosteiro.scvelha@drcc.pt](mailto:mosteiro.scvelha@drcc.pt). Equipa constituída por: 1 supervisor de equipa, 1 coordenador de equipa, 1 técnico superior, 5 assistentes técnicos, 1 assistente operacional.

O Museu Dr. Joaquim Manso alberga coleções que documentam a identidade histórico-cultural da região, desde a pré-história à atualidade, através de três temas principais: a história e a lenda, o mar com as suas embarcações tradicionais e o traje. Adaptado a uma moradia do princípio do século XX (a antiga casa de veraneio de Joaquim Manso), não possui as condições ideais em termos de funcionalidade museológica, sobretudo tendo em conta o seu tipo de espólio. No âmbito da etnografia marítima, vertente dominante do seu acervo, documenta-se o património náutico de vários pontos do litoral português, com apetrechos de pesca e embarcações (modelos em tamanho real) que, por razões de espaço, não estão expostos<sup>68</sup>. Este museu de pequena dimensão tem um novo projeto museológico, desenhado pelo arquitecto Siza Vieira, que esteve na iminência de vir a ser concretizado em 2007, encomendado pelo extinto Instituto dos Museus e Conservação em parceria com a Câmara Municipal. Este foi pensado para albergar um novo programa museológico e expor o espólio de grandes barcos, mas não foi executado, devido à contenção de custos decretada pelo Estado português. A ampliação estrutural e temática tinha previsto um programa museológico que ultrapassava as próprias barreiras da região da Nazaré.

Assim, e dada a falta de espaço para receber grandes grupos de visitantes, houve, no início da implementação da rede de Museus no Centro, contatos entre a DRCC e os responsáveis do Santuário de Nossa Senhora da Nazaré<sup>69</sup> e do Santuário de Fátima, no sentido de *“criar programas que, não tivessem especificamente a ver com questões religiosas mas sobretudo com aspetos culturais”*<sup>70</sup>, de forma a ligar o museu Joaquim Manso e os Santuários. O Santuário de Fátima seria *“o local de afirmação espiritual e de recepção de pessoas que canalizaria para a região uma*

---

<sup>67</sup> Imagens disponíveis em: <https://m.facebook.com/pages/Museus-no-Centro>, acessado em 14.06.2014.

<sup>68</sup> Disponível em: <http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=ba50f6ec-672e-43b5-a571-5cd77276ed01&edition=54> e em <http://www.cm-nazare.pt/News/newsdetail.aspx?news=bbd6ed7c-5b7f-48d7-84c5-4bbabcbd36c9>, acessado em 05.03.2014

<sup>69</sup> Localizado na escarpa do Sítio da Nazaré, foi um dos mais importantes centros de peregrinação de Portugal nos séculos XVII e XVIII. Mais informação disponível em: [www.santuariosdeportugal.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=428:livro-os-peregrinos-da-memoria-o-santuario-de-nossa-senhora-da-nazare-1600-1785&catid=80&Itemid=518](http://www.santuariosdeportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=428:livro-os-peregrinos-da-memoria-o-santuario-de-nossa-senhora-da-nazare-1600-1785&catid=80&Itemid=518).

<sup>70</sup> Artur Côte-Real DRCC, 2013-2014.

*parcela do potencial turístico que anda na ordem dos 5 milhões<sup>71</sup> de visitantes anuais. O Santuário de Nossa Senhora da Nazaré, estrategicamente, poderia criar programas alternativos fora do contexto religioso, permitindo que, em parceria com o Museu Joaquim Manso, ambos potenciassem os respetivos acervos e as funções que lhe estão subjacentes<sup>72</sup>. Esteve, por isso, prevista a deslocação do museu para as instalações da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré<sup>73</sup>, tendo sido elaborado um programa museológico pela DRCC, com carácter histórico e etnográfico, enfatizando as questões ligadas ao mar e ao canhão da Nazaré. Este projecto, à semelhança do anterior, não foi avante, perdendo-se, uma vez mais, a possibilidade de cativar mais visitantes, potenciar e divulgar o acervo patrimonial do Museu Joaquim Manso, assim como o da Confraria, e implementar formatos de divulgação, merchandising e serviço educativo, já testados nos museus afetos à DRCC. O percurso expositivo atual inclui registos que, ao longo do tempo, o homem deixou na sua relação com o mar, além de pintura, escultura e fotografia.<sup>74</sup> Este museu, para Artur Côte-Real, “deve encontrar novas temáticas de aproximação aos públicos. Uma delas, a “Onda”, que é resultante de um fenómeno com base científica<sup>75</sup>. O autor em causa salienta ainda que, o museu poderia aproveitar o potencial turístico existente em torno da Nazaré<sup>76</sup>, desenvolvendo e oferecendo aos visitantes, por meio de soluções virtuais, a possibilidade de visitarem o canhão e assim compreenderem como se forma este tipo de onda. Da mesma forma, assume como igualmente importante, discutir estas questões transversalmente com os responsáveis de outros museus que abordam a mesma temática, “numa perspectiva de encontrar narrativas que possam ser atrativas e não redundantes<sup>77</sup>”.*

---

<sup>71</sup> Disponível em <http://www.tvi24.iol.pt/503/economia-emprego/fatima-turismo-religioso-negocios-desemprego-iol-push-tvi24/1449078-6374.html>. Acedido em 31.07.2014.

<sup>72</sup> Artur Côte-Real DRCC, 2013-2014.

<sup>73</sup> Confraria de Nossa Senhora da Nazaré disponível em: [www.cnsn.pt](http://www.cnsn.pt), acedido em 31.07.2014.

<sup>74</sup> Museu Dr. Joaquim Manso, Rua D. Fuas Roupinho, Sítio, 2450-065 Nazaré, tlf. 262 562 801, fax 262 561 246, [mjmanso@drcc.pt](mailto:mjmanso@drcc.pt). Equipa constituída por: 1 diretor, 1 coordenador, 5 assistentes técnicos, 5 assistentes operacionais.

<sup>75</sup> Artur Côte-Real DRCC, 2013-2014.

<sup>76</sup> O número de visitantes no Santuário de Fátima está calculado, anualmente em 6 milhões de pessoas, segundo Artur Côte-Real, sendo o Sítio da Nazaré muito procurado como espaço de complemento ao percurso turístico religioso.

<sup>77</sup> Artur Côte-Real DRCC, 2013-2014.

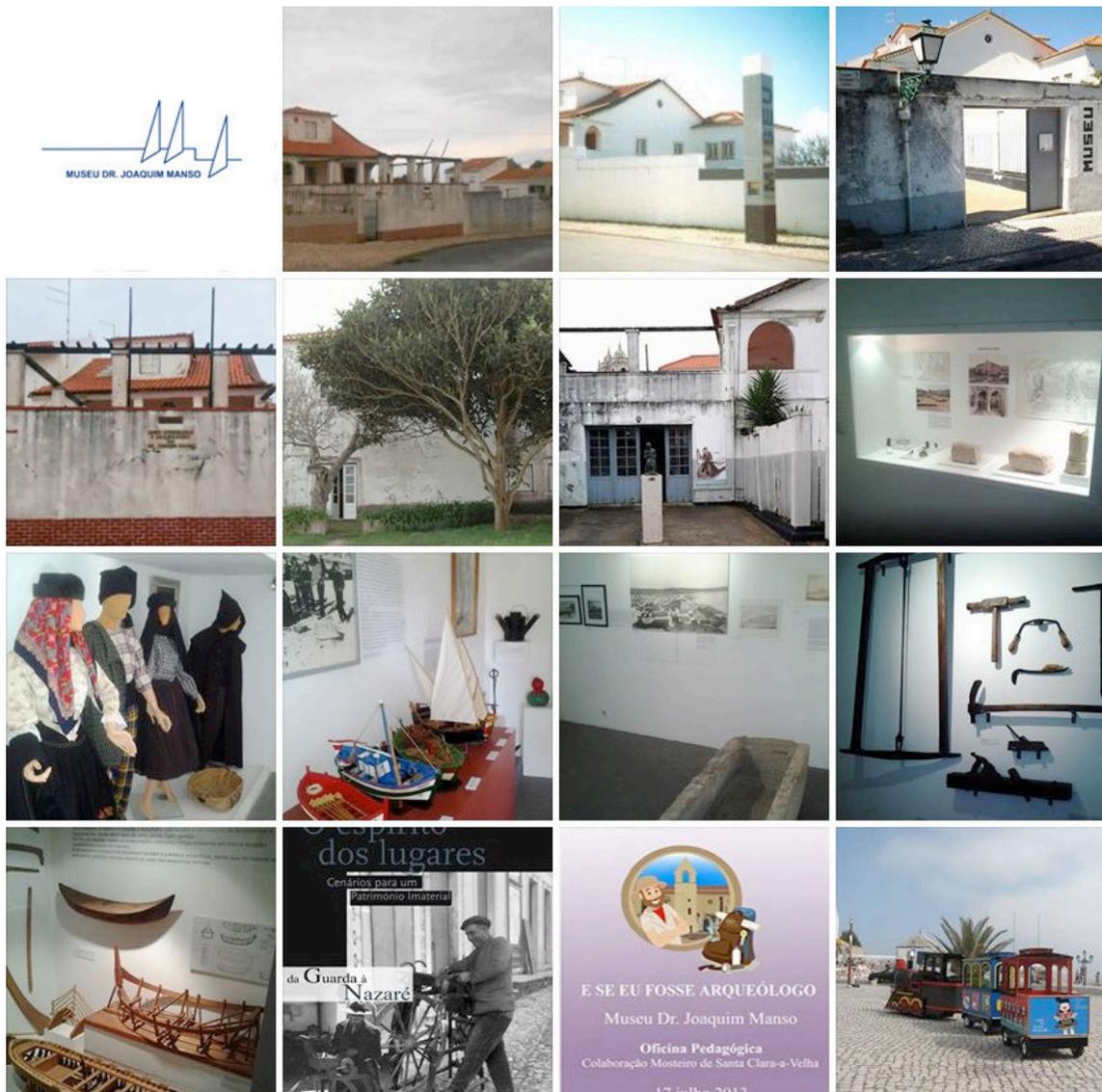


Fig. 6. Museu Joaquim Manso<sup>78</sup>

<sup>78</sup> Imagens disponíveis em: <https://m.facebook.com/pages/Museus-no-Centro>, acedido em 14.06.2014.

## CALDAS DA RAINHA

O Museu da Cerâmica encontra-se instalado no antigo Palacete do Visconde de Sacavém, José Joaquim Pinto da Silva (1863-1928), colecionador, ceramista e importante mecenas dos ceramistas caldenses. Trata-se, essencialmente, de um museu temático ligado às questões da cerâmica, com um acervo composto por trabalhos de figuras emblemáticas da região, assim como produção de cerâmica nacional. A sua coleção integra diversas peças representativas da produção das Caldas da Rainha e de outros centros cerâmicos do país e do estrangeiro, compreendendo peças dos séculos XVI e XVII e núcleos da produção do século XIX e da primeira metade do século XX. Possui, ainda, uma coleção de azulejaria que integra produção portuguesa, hispano-mourisca e holandesa dos séculos XVI a XX. Salientam-se os trabalhos patentes nas coleções de Maria dos Cacos, Manuel Mafra e Bordalo Pinheiro. O museu<sup>79</sup>, pela qualidade e importância das suas coleções, segundo Artur Côrte-Real, necessita de *“uma ampliação de forma a musealizar, com um programa mais contemporâneo, a grande quantidade de obras que estão, hoje, praticamente amontoadas, só assim as peças de cerâmica e vidro contemporâneo que fazem parte, igualmente, do seu espólio, poderão ganhar maior relevância”*<sup>80</sup>. Carece, de igual forma, de melhorias ao nível das acessibilidades, para deste modo cumprir a função de museu inclusivo, à semelhança dos museus de Aveiro e Santa Clara-a-Velha. Essa ampliação será possível, mas num esforço conjunto com a Câmara Municipal das Caldas da Rainha, entidade que tem seis museus sob sua alçada<sup>81</sup>. O palacete do Visconde de Sacavém tem ainda incorporado um jardim romântico, que poderia fazer parte da atração turística, aproveitando a sua potencialidade para a realização de eventos ao ar livre, nomeadamente o cinema e a música. O seu serviço educativo, trabalha intensamente com a comunidade infantil, juvenil e sénior em atividades pedagógicas ligadas à produção da cerâmica, sendo esta temática a forte característica identitária da região, onde a ligação da

---

<sup>79</sup> Museu da Cerâmica, Rua Dr. Ilídio Amado, Ap. 97, 2504-910 Caldas da Rainha, telf. 262 840 280, fax 262 840 281, mceramica@drcc.pt. Equipa constituída por: 1 diretor; 1 coordenador, 2 técnicos superiores, 6 assistentes técnicos, 3 assistentes operacionais.

<sup>80</sup> Artur Côrte-Real DRCC, 2013-2014.

<sup>81</sup> Atelier- Museu António Duarte, Atelier-Museu João Fragoso; Espaço Concas, Museu Barata Feyo, Museu do ciclismo, Museu do Hospital e das Caldas da Rainha. Informação disponível em [http://www.cm-caldasrainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/MUSEUS/MUSEU\\_HOSPITAL](http://www.cm-caldasrainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/MUSEUS/MUSEU_HOSPITAL), acedido a 31.07.2014.

população à produção cerâmica potencia a sua grande adesão às atividades desenvolvidas.



Fig.7. Museu da Cerâmica<sup>82</sup>

<sup>82</sup> Imagens disponíveis em: <https://m.facebook.com/pages/Museus-no-Centro>, acedido em 14.06.2014.

## CALDAS DA RAINHA

O **Museu Malhoa**<sup>83</sup> mostra o maior núcleo já reunido de obras de José Vital Branco Malhoa, pioneiro do Naturalismo em Portugal, membro do grupo do Leão<sup>84</sup>, e, simultaneamente, um dos pintores portugueses que mais se aproximou da corrente Impressionista.<sup>85</sup> O museu apresenta um acervo que alberga uma importante coleção de pintura e escultura dos séculos XIX e XX, revelando-se a quem o visita como o museu do naturalismo português. Fazem parte do seu espólio, igualmente, coleções de Cerâmica das Caldas que ilustram a importância da atividade de Rafael Bordalo Pinheiro para a faiança local, bem como o conjunto único das 60 esculturas de terracota da “Paixão de Cristo” - o núcleo de Escultura ao Ar Livre.

Tem a particularidade de se encontrar num edifício desenhado já no século XX pelo arquiteto Paulino Montês, contendo circuitos muito bem desenhados. Encontra-se, no entanto, em terreno do Parque cedido pelo Hospital Termal: Museu e jardim são tutelados por diferentes entidades: o primeiro pela Direção Regional de Cultura do Centro e o segundo pelo Ministério da Saúde, o que torna a sua gestão limitadora. Embora muito frequentado e muito atraente do ponto de vista turístico, o jardim funciona como uma espécie de coração vivo da cidade, mas tem restrições de horário de funcionamento que impedem a realização de eventos com horários alargados, e implicam a perda de uma importante fatia de público que poderia aderir aos mesmos e, conseqüentemente, visitar o próprio museu. Os programas do serviço educativo são bastante direcionados para as escolas, nomeadamente as de design, uma vez que o próprio museu tem uma componente artística muito forte, desenvolvendo atividades na área da música, teatro e exposições.

---

<sup>83</sup> Museu Malhoa, Parque D. Carlos, 2500-109 Caldas da Rainha, telf. 262 831 974, fax 262 843 420, mjosmalhoa@drcc.pt

Equipa constituída por: 1 diretor, 1 coordenador, 1 técnico superior, 8 assistentes técnicos, 1 assistente operacional.

<sup>84</sup> Grupo de pintores e intelectuais que se reuniam na Cervejaria Leão de Ouro Disponível em <http://iha.fcsh.unl.pt/uploads/RHA-5-8.pdf>, acedido em 13.03.2014.

<sup>85</sup> Para a sua biografia e estudo ver, por exemplo, SALDANHA, Nuno, *José Malhoa - Tradição e Modernidade*, Lisboa, Scribe, 2010.

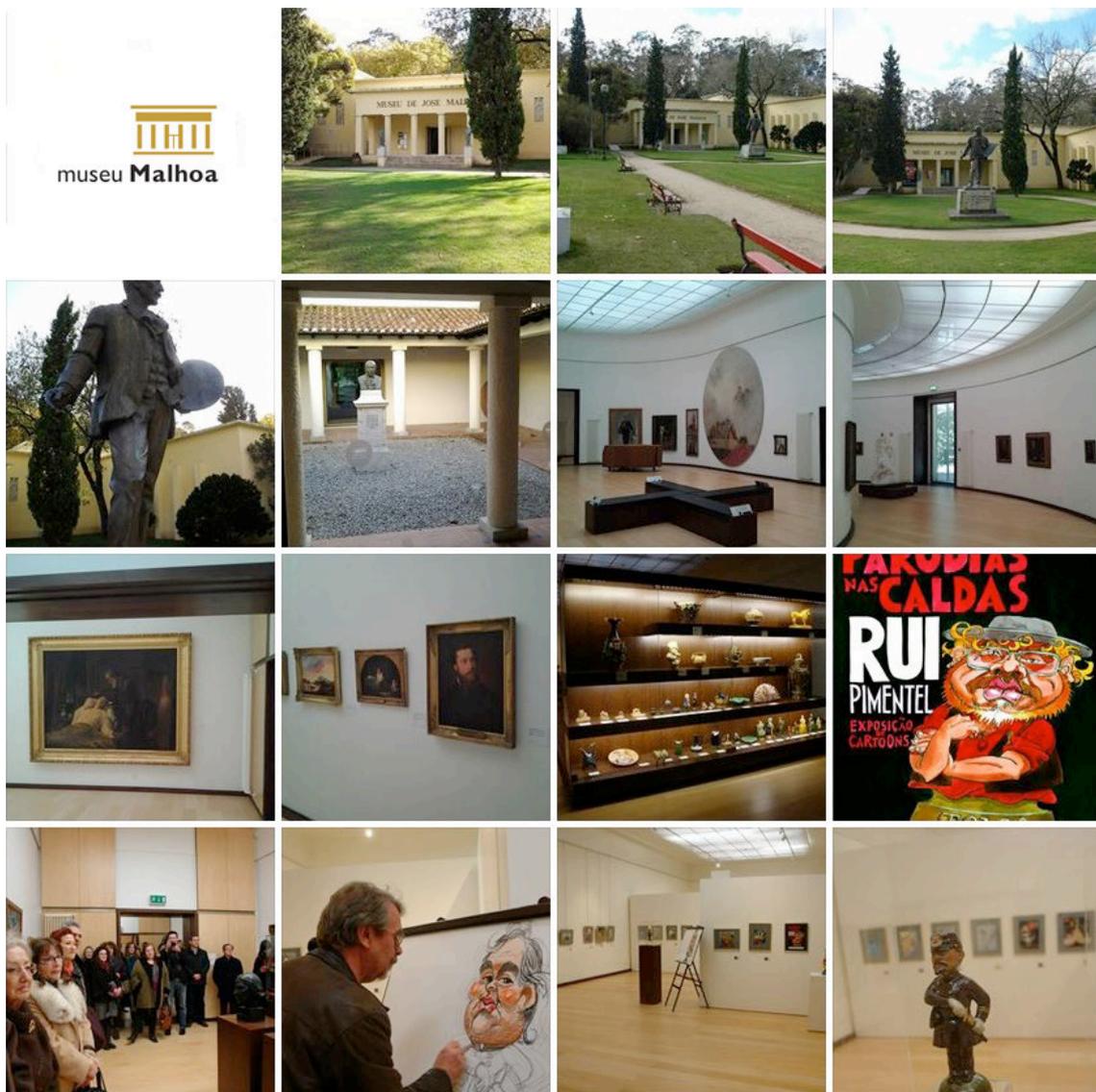


Fig.8. Museu José Malhoa<sup>86</sup>

<sup>86</sup> Imagens disponíveis em: <https://m.facebook.com/pages/Museus-no-Centro>, acedido em 14.06.2014.

## CASTELO BRANCO

O Museu Francisco Tavares Proença Júnior<sup>87</sup> foi implementado e adaptado ao edifício do antigo Paço Episcopal. O seu acervo tem por base a coleção arqueológica de Francisco Tavares Proença Júnior, fruto do seu trabalho como arqueólogo na região. Apesar de ter vivido apenas 33 anos (1883-1916),<sup>88</sup> o trabalho e vida intensos deste arqueólogo poderão vir a ser recriados cinematograficamente, numa estratégia de modernização e enriquecimento dos conteúdos museológicos, segundo Artur Côrte-Real. O núcleo museológico é ainda constituído por peças de arte antiga provenientes do recheio do Paço Episcopal, além de paramentaria, colchas bordadas e obras de arte contemporânea. Apesar das várias áreas temáticas existentes no museu é precisamente a etnográfica, onde as colchas bordadas de Castelo Branco se inserem, que mais destaque tem tido, fruto da estratégia delineada pela própria região em conjunto com o museu, que possui uma oficina/escola de bordados regionais, com bordadeiras que neste momento estão, na sua maioria, a deixar o ofício. O museu em causa, à semelhança dos museus das Caldas da Rainha, possui um jardim, tutelado pela câmara municipal, constituído por um espaço verde ordenado e um conjunto de estátuas monumentais, sendo a entrada feita pelas traseiras do edifício, precisamente por questões de propriedade. *“Estrategicamente, um protocolo estabelecido com a câmara municipal no sentido de permitir ao público desfrutar do jardim e aceder ao museu pela porta principal, seria uma mais valia para ambos”*<sup>89</sup>. Apesar desse constrangimento, o museu não deixa de aproveitar o largo adjacente para a realização de atividades inseridas no seu serviço educativo. Oficinas pedagógicas, cinema, música ao ar livre e eventos temporários como o projeto *“Beira Serra - Clássicos no Centro por esses Museus fora...”*, realizado em Maio de 2014, são atividades desenvolvidas pelo museu no âmbito da rede *“Museus no Centro”*, permitindo, neste caso concreto, a ligação entre património automobilístico, património edificado e museus da rede, cativando,

---

<sup>87</sup> Museu Francisco Tavares Proença Júnior, Largo Dr. José Lopes Dias, 6000-462 Castelo Branco, tlf. 272 347 880, mftpj@drcc.pt. Equipa constituída por: 1 diretor, 1 coordenador, 4 técnicos superiores, 12 assistentes técnicos, 4 assistentes operacionais.

<sup>88</sup> (1883-1916) Cf. em: <http://www.cm-castelobranco.pt/index.php?link=mtavares>, acedido em 31.07.2014.

<sup>89</sup> Artur Côrte-Real, DRCC,2013-2014.

assim, públicos de várias gerações e regiões. Igualmente proveitoso, segundo Artur Côrte-Real, seria conjugar sinergias com o recém-criado museu da seda <sup>90</sup>, “unindo esforços no sentido de criar linhas de trabalho em conjunto, aproveitando os recursos de ambas as instituições”<sup>91</sup>.



Fig.9. Museu Francisco Tavares Proença Junior<sup>92</sup>

<sup>90</sup> Tutelado pela Câmara Municipal de Castelo Branco

<sup>91</sup> Artur Côrte-Real, DRCC,2013-2014.

<sup>92</sup> Imagens disponíveis em: <https://m.facebook.com/pages/Museus-no-Centro>, acedido em 14.06.2014.

## **GUARDA**

O **Museu da Guarda** encontra-se instalado no edifício do ex-Seminário Episcopal, obra de D. Nuno de Noronha, que governou a Diocese Egitanense entre 1594 e 1608. O acervo do Museu é constituído por coleções de arqueologia, numismática, escultura sacra dos séculos XIII a XVIII, armaria dos séculos XVII a XX, cerâmica, fotografia, etnografia regional, pintura e desenho de finais do século XIX e 1ª metade do século XX. O museu revela uma necessidade de modernização do circuito expositivo de forma a tornar as temáticas e o seu acervo mais apelativos. Um exemplo destas necessidades prende-se com as legendas, de pequenos formatos e linguagem muito técnica. Uma reformulação do circuito expositivo iria certamente contribuir para atrair um maior número de visitantes, estando numa região com um grande potencial turístico, devido à proximidade de Espanha.

Uma das vias possíveis a ser explorada, segundo o Diretor de Bens Culturais da DRCC, poderá ser o património imaterial relacionado com a história do contrabando que ocorreu nesta zona, que tem relação direta com a existência hoje, do aglomerado urbano da Guarda e as consequências que trouxe nas relações com o país vizinho, assim como a história da região ligada à saúde e aos sanatórios. Este refere ainda que, à semelhança do museu de Santa Joana em Aveiro e do museu Joaquim Tavares Proença Júnior em Castelo Branco, o museu<sup>93</sup> da Guarda está instalado num edifício *“que teve uma vivência específica dispondo, igualmente, de um potencial, ainda inexplorado de conteúdos retratando a história das vivências nos seminários e conventos”*<sup>94</sup>. Essa opção de conteúdos para uma eventual reformulação do circuito museológico iria dar ao público em geral uma percepção histórica do tipo de edifício em questão, da sua função e papel na sociedade da época, assim como das transformações e adaptações sofridas até aos dias de hoje. O seu serviço educativo promove ações regulares com as escolas da região, exibindo também exposições temáticas, ciclos de cinema, teatro e música.

---

<sup>93</sup> Museu da Guarda, Rua Alves Roçadas, N° 30, 6300-603 Guarda, telf. 271 213 460, fax 271 233 221, mguarda@drcc.pt. Equipa constituída por: 1 diretor, 1 coordenador, 1 técnico superior, 6 assistentes técnicos, 2 assistentes operacionais.

<sup>94</sup> Artur Côte-Real, DRCC,2013-2014.



Fig. 10. Museu Joaquim Manso<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> Imagens disponíveis em: <https://m.facebook.com/pages/Museus-no-Centro>, acedido em 14.06.2014.



## 2.3 Critérios de escolha dos museus da Rede “Museus no Centro”

Ao longo da pesquisa realizada sobre a Rede “Museus no Centro” e baseada na informação recolhida sobre os processos de criação de redes, constatei que as necessidades, dificuldades e características dos espaços museológicos pertencentes à rede foram as prioridades a colmatar, superar e valorizar respetivamente. Citando alguns dos princípios defendidos pela política museológica da lei quadro dos museus<sup>96</sup> -transversalidade, descentralização, coordenação e serviço público - considero que estão refletidos nas iniciativas culturais que foram programadas, realizadas e divulgadas, no âmbito da rede “Museus no Centro”, ao longo do período do estágio curricular. No entanto, comparando a informação recolhida acerca das condições museológicas, das necessidades e constrangimentos dos museus selecionados para a alçada da DRCC, ficam algumas questões, para as quais não encontramos respostas claras, nomeadamente: por quê foram escolhidos estes sete museus e não outros, no universo museológico da zona centro para integrar a rede “Museus no Centro”, estando dois localizados na mesma cidade? Um dado evidente é a heterogeneidade das suas coleções e das condições museológicas de conservação e exposição dos acervos, assim como nas condições para acolhimento ao público. Sendo os casos do Museu de Aveiro e do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra exemplos de modernidade, acessibilidade e de condições de conservação, a situação oposta

---

96 Artigo 2.º da Lei N.º 47/2004 de 19 de Agosto que aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses e define os princípios da lei museológica: *“Princípio de serviço público, através da afirmação dos museus como instituições abertas à sociedade; Princípio da coordenação, através de medidas concertadas no âmbito da criação e qualificação de museus, de forma articulada com outras políticas culturais e com as políticas da educação, da ciência, do ordenamento do território, do ambiente e do turismo; Princípio da transversalidade, através da utilização integrada de recursos nacionais, regionais e locais, de forma a corresponder e abranger a diversidade administrativa, geográfica e temática da realidade museológica portuguesa; Princípio da informação, através da recolha e divulgação sistemática de dados sobre os museus e o património cultural, com o fim de permitir em tempo útil a difusão o mais alargada possível divulgação sistemática de dados sobre os museus e o património cultural, com o fim de permitir em tempo útil a difusão o mais alargada possível e o intercâmbio de conhecimentos, a nível nacional e internacional; Princípio da supervisão, através da identificação e estímulo de processos que configurem boas práticas museológicas, de ações promotoras da qualificação e bom funcionamento dos museus e de medidas impeditivas da destruição, perda ou deterioração dos bens culturais neles incorporados; Princípio de descentralização, através da valorização dos museus municipais e do respectivo papel no acesso à cultura, aumentando e diversificando a frequência e a participação dos públicos e promovendo a correção de assimetrias neste domínio; Princípio da cooperação internacional, através do reconhecimento do dever de colaboração, especialmente com museus de países de língua oficial portuguesa, e do incentivo à cooperação com organismos internacionais com intervenção na área da museologia.”*

reflecte-se nas condições do Museu Joaquim Manso da Nazaré e do Museu da Guarda, espaços que necessitam de uma modernização e intervenção no modelo expositivo do seu acervo, assim como nas condições para a sua conservação.

A reforma levada a cabo pelo XIX Governo Constitucional promoveu a devolução de poderes para o nível local e regional, permitindo a descentralização de competências a nível central. Desta forma, pretendeu agilizar os processos burocráticos. No entanto, segundo o Diretor de Bens e Serviços da DRCC, embora de âmbitos e tutelas diferentes, os projectos de reestruturação previstos para o museu Joaquim Manso não viram a luz do dia.

No caso do Museu Tavares Proença Júnior, a oficina/escola de bordados regionais caminha para a desativação, uma vez que as bordadeiras vão deixando o seu ofício por questões de idade e não estão a ser formadas pessoas para que haja uma continuidade da aprendizagem. O museu da Cerâmica depara-se com constrangimentos de espaço para expor, nas melhores condições, o diversificado acervo de que dispõe, tendo muito próximo o Museu José Malhoa com uma realidade diferente, uma vez que o seu edifício foi pensado de raiz, à luz das regras da época, para a sua função museológica. Constata-se, portanto, que existem dificuldades de várias ordens a superar e que apesar do centro de decisões ser, neste momento, regional, as dificuldades a colmatar são muitas, em parte pelo facto de esta rede museológica ter apenas dois anos, sendo esta duração temporal, demasiado reduzida, para se verem neste momento grandes resultados significativos, dadas as restrições financeiras que a administração pública sofre neste momento.

À luz da pesquisa realizada no âmbito deste estágio e retomando o início deste trabalho<sup>97</sup>, o Plano Museológico Nacional, desenvolvido pelo Instituto Português do Património Cultural (IPPC) na década de oitenta, baseado nas sugestões de Pero-Uno Agren, atribuiu funções de coordenação a alguns museus com melhores condições, para prestarem apoio relevante a outros, e mais tarde, no desenvolvimento das políticas museológicas, os inquéritos realizados pelo Instituto Português de Museus entre (1998 e 2000) confirmaram a importância das entidades que tutelam o funcionamento dos museus dada a heterogeneidade, dificuldades técnicas e financeiras do sector. Assim, depreendemos que a escolha de museus com melhores condições técnicas e de gestão para a rede “Museus no Centro” foi tida como referência para que os museus com mais dificuldades pudessem partilhar os seus

---

<sup>97</sup> Ver página 11.

recursos técnicos, humanos e de gestão, uma vez que os objetivos desta rede passam pela sinergia de recursos humanos, materiais e intelectuais.<sup>98</sup> Os museus Regionais, com os seus acervos e programas museológicos, conseguem representar da melhor forma os anseios das regiões no sentido de mostrar as suas potencialidades na área da cultura. Esta questão de identidade regional levou a Direção Regional de Cultura a tutelar dois espaços museológicos na mesma cidade das Caldas da Rainha.

Segundo Artur Côrte-Real, *“O Museu José Malhoa identifica regionalmente duas áreas artísticas, pintura e escultura, de artistas locais, através de José Malhoa e artistas seus contemporâneos, assim como, o Museu da Cerâmica através de Bordalo Pinheiro, Manuel Mafra e Ceramistas de produção mais contemporânea. O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra é um exemplo único no panorama Nacional. O caso do museu da Guarda terá que reorganizar ideias sobre temáticas mais concretas no sentido de o tornar verdadeiramente regional”*<sup>99</sup>. Nesse sentido questionámos ainda a possibilidade da existência de lobbies científicos, locais ou políticos para a realização dessa escolha. A resposta a esta questão não ficou clara, no que concerne aos lobbies, mas pela informação legislativa recolhida<sup>100</sup> e apresentada ao longo deste relatório<sup>101</sup>, ficou clara a vontade política.

---

<sup>98</sup> Ver página 11 deste relatório.

<sup>99</sup> Artur Côrte-Real, DRCC, 2013-2014.

<sup>100</sup> Dec. Lei N.º114/2012 - Direções Regionais de Cultura do Norte, Centro, Alentejo e Algarve; Portaria 227/2012 - Estrutura Nuclear das DRC; Despacho N.º 11142/2012, D.R. N.º158, Série II, de 16 de Agosto de 2012 - Criação das unidades orgânicas flexíveis da DGPC.

<sup>101</sup> Ver pp. 24-26 deste relatório.



### 3.

#### “COIMBRA-REDE DE MUSEUS”

##### O início

A “Coimbra - Rede de Museus” *“tomou por missão contribuir para a vitalidade e o dinamismo cultural de Coimbra, articulando, cooperando e partilhando responsabilidades e recursos entre os parceiros. É actualmente composta, por adesão voluntária, por oito parceiros que representam dez espaços museológicos da cidade”*<sup>102</sup> de um universo de vinte e oito<sup>103</sup>. A coordenação é assegurada pelas direções dos Museus participantes, composta por uma equipa com um mínimo de três entidades parceiras que serão designadas anualmente, com base em sistema rotativo, estando previstas reuniões trimestrais para o desenvolvimento do plano de atividades. São objetivos já estabelecidos desta rede:

*“A programação e desenvolvimento de projetos concretos entre os museus reforçando a imagem identitária de Coimbra; A realização de projetos pedagógicos, promovendo a função educativa no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação na comunidade, o aumento e diversificação dos públicos; O estudo e a investigação enquanto fundamento das suas atividades, utilizando recursos próprios e estabelecendo formas de cooperação com outros organismos vocacionados para a investigação; A formação e atualização profissional, estimulando o contato técnico e científico com novas realidades na área da museologia e proporcionando a qualificação dos seus recursos humanos, com vista a melhorar a prestação de serviços ao público; O alargamento a novas parcerias, através da participação, designadamente, de mecenas e patrocinadores; A Criação de mecanismos que favoreçam a visita do público aos espaços museológicos dos membros da rede e atraiam públicos regionais, nacionais e internacionais.”*<sup>104</sup>

Esta rede é composta por espaços museológicos diversificados pertencentes a diferentes entidades tutelares que a seguir, sumariamente, descrevemos<sup>105</sup>.

---

<sup>102</sup> Texto retirado na íntegra do Protocolo de colaboração estabelecido entre as entidades e cedido pela DRCC, no âmbito da pesquisa sobre redes museológicas a 13 de Maio de 2013.

<sup>103</sup> Cf. Museus em Coimbra, disponível em <http://www.igogo.pt/museus-coimbra-2/?page=1>, acedido a 23.12.2013.

<sup>104</sup> Texto retirado na íntegra do protocolo estabelecido pelas entidades e cedido pela DRCC, no âmbito da pesquisa sobre redes museológicas.

<sup>105</sup> As descrições seguintes são baseadas no texto do Protocolo assinado pelos membros da rede “Coimbra-Rede de Museus”.

## ***Universidade de Coimbra***

Tutela o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, actualmente requalificado e instalado no antigo “Laboratório Chimico”, que alberga diversas coleções universitárias, como por exemplo uma coleção de “Máquinas, Aparelhos e Instrumentos” do antigo Gabinete de Física Experimental. Tutela ainda o Paço das Escolas (1537), onde se destacam: a Biblioteca Joanina (1717); a Capela de S. Miguel; a Sala dos Capelos, onde se realizam actualmente as cerimónias académicas solenes e, por fim, a Torre da Universidade (1728), que contém os sinos que desempenharam um papel regulador da vida universitária e da cidade; o Museu Académico (1950), actualmente inserido no edifício do antigo Colégio de S. Jerónimo, possui um acervo composto pelas ofertas de antigos estudantes que retratam a diversidade de vivências da Academia e da cidade.

## ***Direção Geral do Património Cultural***

Está representada através do Museu Nacional de Machado de Castro, espaço museológico classificado como Monumento Nacional. Assente sobre o criptopórtico romano do séc. I que suportava o fórum de Aeminium, mais tarde adaptado a residência episcopal entre o século XII e 1990, que alberga coleções de escultura em pedra e madeira, pintura flamenga, ourivesaria, cerâmica e têxteis representativas da produção nacional e internacional do período compreendido da Idade Média ao século XIX.

## ***Direção Regional de Cultura do Centro***

Faz-se representar através do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha<sup>106</sup>, classificado como Monumento Nacional desde 1910. Alvo de obras de valorização finalizadas em 2009, onde uma intervenção arqueológica em grande escala permitiu valorizar todo o espaço da antiga cerca monástica e resgatar das águas um vasto acervo arqueológico composto, entre outros, por materiais da vivência quotidiana das clarissas, como porcelanas e faianças, vidros e adornos pessoais, simples fusos, agulhas e dedais.

---

<sup>106</sup> Mais informação na página40 deste relatório.

Foram igualmente revelados elementos decorativos do século XV e XVI em azulejaria e escultura, que se encontravam na igreja e nas ruínas arqueológicas.

### ***Câmara Municipal de Coimbra***

Marca presença com o seu Museu Municipal, atualmente constituído por dois pólos, distribuídos por diferentes edifícios de interesse patrimonial. Localizados no centro histórico da cidade, o primeiro núcleo, o Edifício Chiado, é um raro exemplar da Arquitetura do Ferro. Inaugurado em 1910, como uma sucursal dos Grandes Armazéns do Chiado em Lisboa, este imóvel de interesse público possui a Coleção Telo de Moraes que alberga uma coleção de pintura portuguesa dos séculos XIX e XX. O segundo núcleo, inaugurado em 2003 e instalado na Torre de Almedina, Núcleo da Cidade Muralhada, pretende contribuir para o enriquecimento da história da cidade medieval e para o estudo da sua estrutura de defesa: muralha, torres e castelo.

### ***Fundação Bissaya Barreto***

Integra a rede com a casa Museu Bissaya Barreto, antiga residência do cirurgião e professor da Universidade de Coimbra. O início da sua construção data de 1923, de acordo com o estilo revivalista que pretende sugerir o Barroco Joanino português. Neste edifício podem ser apreciadas as principais peças reunidas pelo ilustre professor ao longo de 50 anos. A Casa Museu afirma a sua missão e importância no tecido urbano e cultural de Coimbra, como lugar que, ultrapassando o âmbito meramente museológico, se abre também à investigação, à produção artística e intelectual, à atividade educativa e à receção institucional.

### ***AC, Águas de Coimbra, E.M.***

Entidade tutelar do Museu da Água de Coimbra, inaugurado em 2007, ocupou a primeira estação de captação de água do país, datada de 1922. É um espaço museológico que se enquadra de forma harmoniosa no Parque da cidade, dinamizando a valorização das questões ambientais e principalmente dos recursos hídricos através da realização, entre outras atividades, de exposições temporárias e seminários.

### ***Carmelo de Santa Teresa***

Integra a rede “Coimbra-Rede de Museus” com o Memorial Irmã Lúcia, criado após o seu falecimento ocorrido a 13 de Fevereiro de 2005. Está Integrado num projeto municipal de um Roteiro Religioso de contexto urbano, que inclui dois outros espaços: o Convento de Santa Clara e o extinto Convento de Santo Antão dos Olivais. Com um programa da responsabilidade da Divisão de Museologia da Câmara Municipal de Coimbra, o Memorial Irmã Lúcia documenta o seu percurso de vida, recorrendo sempre que possível a um discurso na primeira pessoa, e recria o espaço da cela, permitindo a entrada autónoma de visitantes, de modo a não perturbar o dia-a-dia da clausura.

### ***Santa Casa da Misericórdia de Coimbra***

É detentora, desde 1841, do Museu da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra que faz parte do Colégio da Sapiência, dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Aberto ao público desde 2000, este edifício, construído entre 1593 e 1604, segundo traçado do Italiano Filippo Terzi, dispõe de: um espaço equipado para acolher exposições temporárias; uma sala onde se conservam obras de arte diversa pertencentes ao acervo da Casa; uma capela onde se realizam eventos de índole religiosa ou cultural e de uma torre-mirante que oferece uma panorâmica única sobre a cidade.

TUTELA	ESPAÇO MUSEOLÓGICO
AC, Águas de Coimbra, E.M.	Museu da Água de Coimbra
Câmara Municipal de Coimbra	Museu Municipal de Coimbra Edifício Chiado - Coleção Telo de Morais Torre de Almedina - Núcleo da Cidade Muralhada
Carmelo de Santa Teresa de Coimbra	Memorial Irmã Lúcia
Direção Regional da Cultura do Centro (DRCC)	Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
Direção Geral do Património Cultural (DGPC)	Museu Nacional de Machado de Castro
Fundação Bissaya Barreto	Casa Museu Bissaya- Barreto
Santa Casa da Misericórdia de Coimbra	Museu da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra
Universidade de Coimbra	Museu Académico Museu da Ciência da Universidade de Coimbra Paço das Escolas

Quadro I : Tutelas e espaços museológicos aderentes voluntariamente ao projeto “Coimbra - Rede de Museus”

Nas ações regulares da “Coimbra-Rede de Museus” estão previstas, anualmente: a celebração conjunta do Dia Internacional dos Museus (18 de Maio) e Noite dos Museus; o dia da Cidade (4 de Julho); as Jornadas Europeias do Património (Setembro) e exposições enquadradas na temática de Coimbra, sendo que, para além destas ações estipuladas, sob proposta dos membros, poderão realizar-se outras atividades que os membros considerem adequadas aos fins consignados. Em 2013, “Coimbra - Rede de Museus” realizou a sua primeira ação articulada no Dia Internacional dos Museus, partilhando uma programação disciplinada a par de uma divulgação conjunta, onde a permuta de acervos e atividades heterogéneas, em simultâneo, foram ao encontro do cerne da sua constituição.

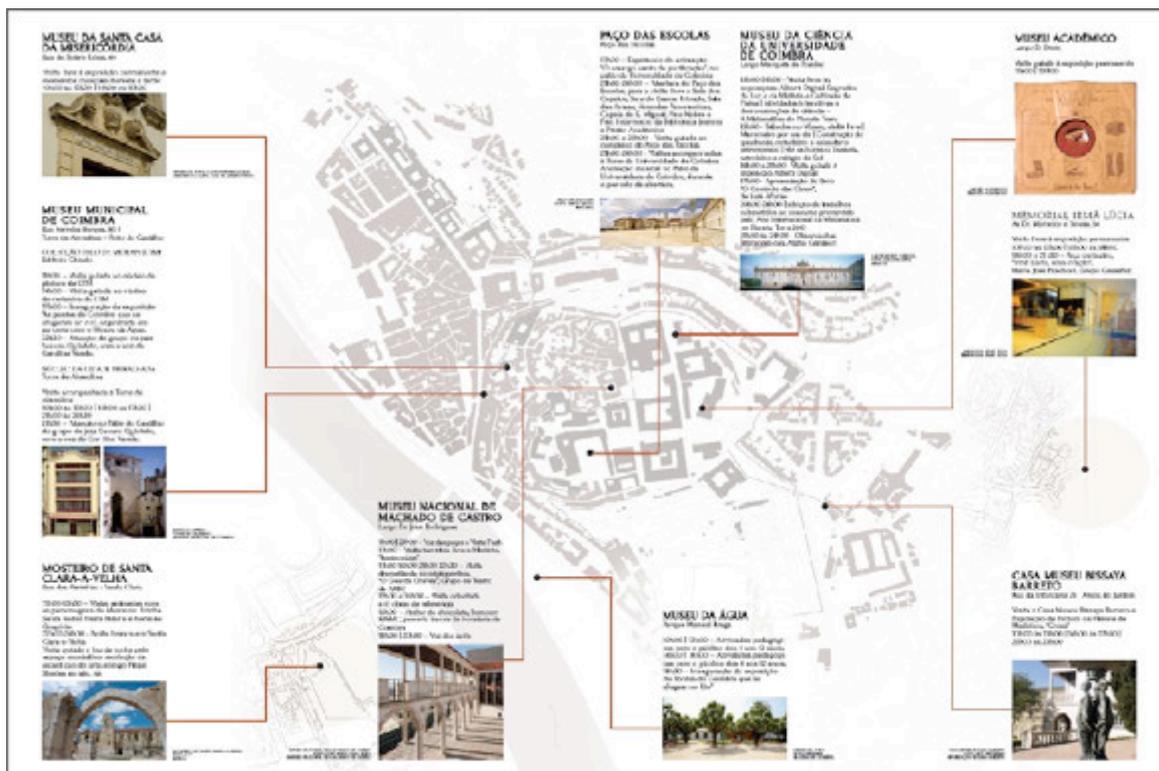


Figura 3. Mapa dos espaços museológicos da “Coimbra - Rede de Museus”<sup>107</sup>

<sup>107</sup> Disponível em : [http://www.museudaciencia.org/uploads/files/rede\\_de\\_museus\\_18\\_de\\_mai\\_2013\\_1.pdf](http://www.museudaciencia.org/uploads/files/rede_de_museus_18_de_mai_2013_1.pdf). acessido a 26.12.2014.

## 4.

### OBJET(IV)OS COMUNS

As redes podem constituir-se de muitas formas desde que tenham como premissa básica a multiplicação de ações de reciprocidade. Verticais ou horizontais, elas podem agrupar-se pela sua natureza administrativa e institucional. Os três exemplos de redes museológicas, apresentados anteriormente, têm em comum os objetivos defendidos pela Rede Portuguesa de Museus que passam pela: “ *valorização e qualificação da realidade museológica nacional; cooperação institucional e articulação entre museus; descentralização de recursos; planeamento e racionalização dos investimentos; difusão da informação relativa aos museus; promoção do rigor e do profissionalismo das práticas museológicas, das técnicas museográficas e o fomento da articulação entre museus*”<sup>108</sup>

A criação da Rede Portuguesa de Museus teve como grande objetivo a qualificação e credenciação dos museus no que diz respeito às condições físicas de manutenção, classificação e exposição dos acervos. Com essa qualificação, os espaços museológicos passariam a ter condições e a obedecer a parâmetros comuns de preservação e difusão dos seus acervos. Reunidas as condições para o desenvolvimento de projetos entre museus, o resultado da vontade de partilha de responsabilidades e recursos originou a criação da “Coimbra - Rede de Museus”. O caso paradigmático destes mesmos resultados é o das atividades do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios ou do Dia Internacional e a Noite dos Museus, onde o tema definido pelo ICOM para 2014 refletiu precisamente o potencial das redes: “Museus: as coleções criam conexões”. Nestas ocasiões, foram realizados projetos pedagógicos que apelaram à participação da comunidade, ao aumento e diversificação dos públicos e programas para famílias.

Assim, a “Coimbra - Rede de Museus” criou um programa que, para além das visitas guiadas e animação musical, teve como tema “O Azulejo”. Partindo das

---

<sup>108</sup> Art.º 103 da Lei Quadro dos Museus Portugueses n.º 47/2004, publicada em Diário da República-Isérie-A, N.º 195- 19 de Agosto de 2004 disponível em [www.imc-ip.pt/pt-PT/rpm/ContenDetail.aspx](http://www.imc-ip.pt/pt-PT/rpm/ContenDetail.aspx)

coleções dos museus da rede, que incluem azulejos e painéis azulejares nos seus edifícios e acervos, criaram-se percursos temáticos que permitiram ao público ter contato com as tipologias mais significativas de azulejos existentes na cidade de Coimbra, cobrindo três períodos de produção azulejar (sécs. XVI, XVII e XVIII).

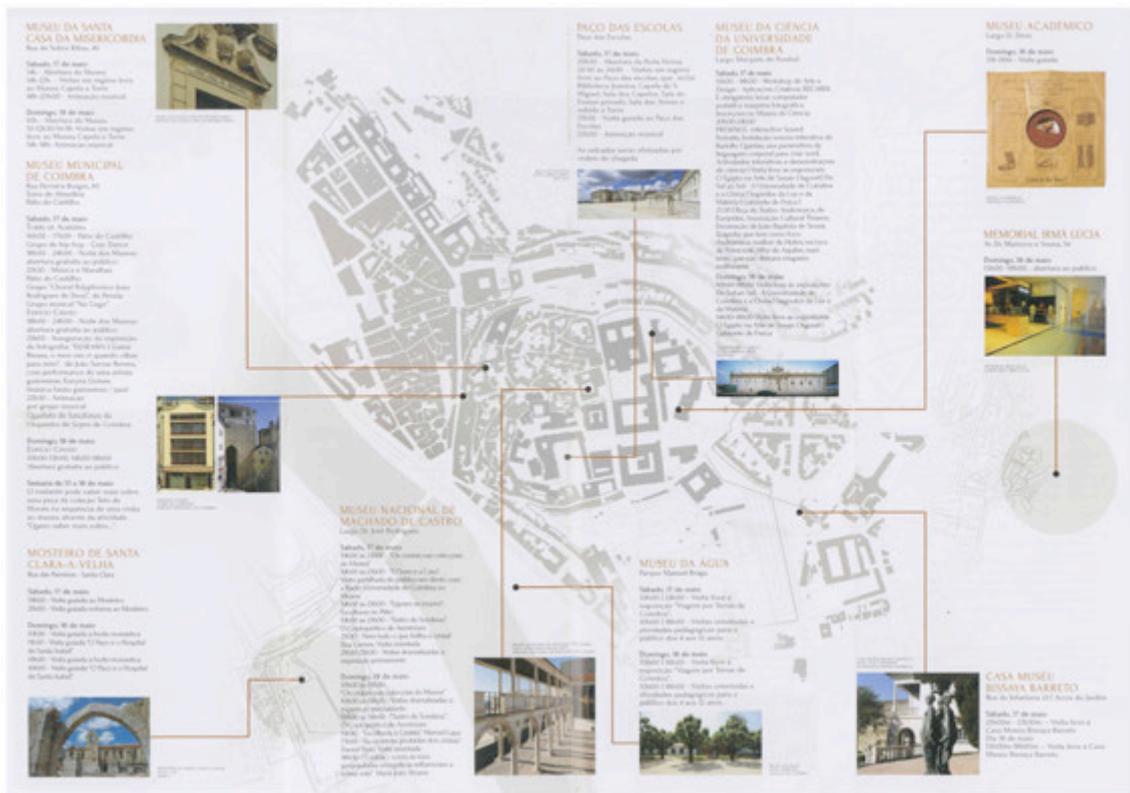


Figura 3. Mapa dos espaços museológicos da “Coimbra - Rede de Museus”<sup>109</sup>

No caso da rede “Museus no Centro”, locais emblemáticos das cinco cidades que acolhem os sete museus foram alvo de atividades diversas, como percursos temáticos, visitas guiadas, workshops, cinema, debates e jogos. Esses locais permitiram mostrar a diversidade de possibilidades e estratégias que, cada vez mais, os museus desenvolvem para cativar públicos diversificados. Falamos de: fontes, lavadouros, praias e jardins usados, em conjunto, para as atividades do Dia

<sup>109</sup> Imagem digitalizada do desdobrável de divulgação das atividades da rede “Museus no Centro”, disponibilizado pela DRCC.

Internacional dos Monumentos e Sítios e do Dia Internacional e a Noite dos Museus. O cruzamento de atividades da rede “Museus no Centro” com a “Coimbra - Rede de Museus” verificou-se no caso específico do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, que pertence às duas redes. “O azulejo” permitiu partilhar públicos, através do percurso temático, atrás referido.

Podemos assim concluir que o grande objetivo comum das redes é a partilha de recursos, experiência e, o mais importante, de conhecimento. Este encontra-se depositado, materialmente, nos seus acervos e imaterialmente, nas experiências proporcionadas pelas atividades complementares que, cada vez mais, apostam no aumento do envolvimento da comunidade escolar, científica, artística e do público em geral, potenciando as dinâmicas culturais.



## PARTE II



Ao longo dos tempos a cultura tem sofrido um crescimento potenciador de uma evolução que hoje, devido ao desenvolvimento tecnológico, atinge um ritmo sem precedentes. Verificamos que *“o maior ativo do ser humano ao longo dos tempos é a sua capacidade de mudança e evolução que advém dos conhecimentos, incorporação de novas tecnologias e atitudes. Vivemos de conteúdos. Comunicamos conteúdos e relacionamo-nos através deles. Evoluímos com eles.”*<sup>110</sup> Atualmente, a rápida troca de informação permite o contato de diferentes culturas, levando a fenómenos de aculturação<sup>111</sup> mais frequentes. Perante esta realidade os museus têm, cada vez mais, a importante função de salvaguardar o património civilizacional. Concordando com Maria Vlauchou, *“Um dos maiores e mais interessantes desafios para os museus é serem representativos da(s) comunidade(s) em que se inserem. O ideal seria que as pessoas, para as quais os museus existem, se pudessem rever nas coleções, exposições e actividades propostas(...).”*<sup>112</sup> E é nesse caminho que a rede de “Museus no Centro” começa a trabalhar, apostando em atividades que aproximam a comunidade, tornando o(s) museu(s) como lugar(es) vivo(s), pois este(s) *“Não serve apenas para mostrar um espólio, algumas obras. Convida as pessoas a partilhar universos, a viver experiências que não são apenas memória, uma coisa passiva. Pede uma participação activa. (...) Os museus proporcionam o espaço para encontros (...).”*<sup>113</sup> Ao longo do trabalho realizado no estágio curricular, pude verificar que a oferta cultural oferecida pelos museus da Rede “Museus no Centro” caminha para a diversidade, e o esforço desenvolvido, desde o seu início em 2012, vai ao encontro do aumento das atividades por parte dos museus da rede, no âmbito educativo e lúdico. Exposições, ciclos de cinema, concertos, feiras e workshops temáticos, conferências, debates, lançamento de publicações, seminários e atividades pedagógicas promovidas pelos serviços educativos com temas relacionados com os acervos e

---

<sup>110</sup> Informação icom.pt, Série II, nº23 (Dez13-Fev14), p.11. disponível em [www.icom-portugal.org](http://www.icom-portugal.org), acedido a 17.06.2014.

<sup>111</sup> Aculturação: Fenómeno pelo qual um grupo de indivíduos de uma cultura definida entra em contato com uma cultura diferente e se adapta a ela ou dela retira elementos culturais. Disponível em: [www.priberam.pt](http://www.priberam.pt), acedido em 16.06.2014.

<sup>112</sup> Informação icom.pt Série II, nº 7 (Dez09-Fev10), disponível em [www.icom-portugal.org](http://www.icom-portugal.org).

<sup>113</sup> *Giacomo Scalisi*, in Informação icom.pt Série II, nº 7 (Dez09-Fev10), p. 15 disponível em [www.icom-portugal.org](http://www.icom-portugal.org), acedido em 16.06.2014.

história dos museus visando o público escolar, pessoas com incapacidades, grupos de risco, reclusos, famílias e turistas são, cada vez mais, tidos em conta na programação destes espaços. Por isso, o museu enquanto instituição sociocultural, através da prestação de serviço público, ao contribuir para uma sociedade participativa necessita, como qualquer outro tipo de empresa/instituição, de divulgar, informar e cativar o público que a ele recorre como meio de estudo e lazer, através de campanhas e meios de divulgação. No entanto, *“Antes de levar a cabo qualquer campanha, é indispensável estabelecer objetivos claros, senão torna-se impossível avaliar posteriormente os resultados; esta prática assume uma importância decisiva, pois, cada vez mais, a administração pública é obrigada a prestar contas do trabalho que efectua e do dinheiro que despende.”*<sup>114</sup>

Na segunda parte deste relatório não se pretendem avaliar os resultados das campanhas comunicacionais promovidas pela rede “Museus no Centro”, trabalho que com certeza, será realizado num momento posterior pela DRCC, até porque esta rede está num período de implementação. Mas pretendo expor desenvolvido no âmbito do estágio curricular que, para além da necessária pesquisa sobre o universo das redes museológicas, apresentada anteriormente, proporcionou o desenvolvimento dos suportes comunicacionais que em seguida se analisam, levantando questões relacionadas com identidade cooperativa não realizadas até à data e para as quais pretendo também deixar uma sugestão válida.

---

<sup>114</sup> GRENCHO, Pedro, *Comunicação em Serviços Públicos: o impacto da publicidade na alteração de comportamentos do cidadão*, [dissertação de mestrado], Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, 2010. pp 125-127.

## 2.

### **ESTÁGIO CURRICULAR**

#### *Atividades desenvolvidas*

Ao longo do período de 4 de Novembro 2013 a 30 de Maio de 2014, as atividades desenvolvidas no decurso do estágio curricular passaram por uma pesquisa sobre a criação de redes museológicas em Portugal, uma análise da rede específica “Museus no Centro”, recentemente criada e diretamente dependente da Direção Regional de Cultura do Centro, e o desenvolvimento de estudos e organização de material gráfico para a divulgação das atividades culturais promovidas pela mesma. Este período de 6 meses, foi dividido em dois momentos. A primeira fase correspondeu à indispensável adaptação à instituição, ao conhecimento das várias equipas e departamentos da DRCC e ao início da pesquisa sobre o tema *redes de museus* no arquivo da DRCC, nos dossiers internos da instituição, na internet<sup>115</sup> e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra<sup>116</sup>. O resultado do processo de pesquisa, a par da análise do meu percurso curricular e extra-curricular realizado até Fevereiro de 2014 no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, tomou a forma de um texto publicado na Revista Via Latina<sup>117</sup>, lançada durante a semana cultural da Universidade de Coimbra cujo tema, deste ano, se debruçou sobre as “Redes” e de um convite por parte da Doutora Joana Brites para uma apresentação oral, no âmbito da unidade curricular do segundo semestre de Teoria e História do Património do primeiro ano do mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, do trabalho até então desenvolvido.

---

<sup>115</sup> A pesquisa foi iniciada, num primeiro momento, nos seguintes sites: [www.culturacentro.pt](http://www.culturacentro.pt);

[http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/entidades/PCM/DRCC/PT/ORG\\_direccao+regional+de+cultura+do+centro.htm](http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/entidades/PCM/DRCC/PT/ORG_direccao+regional+de+cultura+do+centro.htm)

[http://www.igespar.pt/media/uploads/instrumentosdegestao/DL215\\_2006.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/instrumentosdegestao/DL215_2006.pdf)

<http://acultura.no.sapo.pt/page7IPPAR.html>

<http://www.publico.pt/cultura/noticia/seis-museus-da-direccao-regional-de-cultura-do-centro-passam-a-ter-tres-directores--1560309>

[http://www.imc-ip.pt/pt-PT/iniciativas/actividades\\_imc/ContentDetail.aspx?id=4450](http://www.imc-ip.pt/pt-PT/iniciativas/actividades_imc/ContentDetail.aspx?id=4450)

<http://nomundodosmuseus.hypotheses.org>

<http://dre.pt/pdf1sdip/2012/05/10200/0276802772.pdf>

<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=650101&tm=4&layout=121&visual=49>

<sup>115</sup> Via Latina Sd Libitum, Redes, N°11, *Património em Rede*, pp. 94-98. Também disponível em [www.revistavialatina.com](http://www.revistavialatina.com).

<sup>116</sup> RÊGO, Carla Maria P. C. R, *João Couto-Homem e Obra, [Dissertação de Mestrado] em Museologia e Património Cultural*, Coimbra, FLUC Universidade de Coimbra, 2008. ; GONÇALVES, António Manuel, *Museus e turismo*, Lisboa, [s.n.], 1965.

Numa segunda fase, iniciei a recolha e organização do material gráfico impresso, realizado no âmbito da Rede “Museus no Centro”, disponível na DRCC, assim como a pesquisa de material de divulgação publicado on-line, nas várias plataformas digitais<sup>118</sup> usadas para a divulgação da Rede “Museus no Centro”. Esta pesquisa iniciou a construção de dois arquivos, um digital e outro físico<sup>119</sup>, de classificação de produtos gráficos desenvolvidos até à data, que terá de ser melhorado e completado, uma vez que o tempo disponível para a realização do mesmo não foi suficiente para uma completa sistematização. Com as pesquisas realizadas e com base nas reuniões intercalares realizadas com o Diretor de Serviços dos Bens Culturais da DRCC, tomei consciência da necessidade de uma uniformização de imagem por parte da Rede “Museus no Centro” que, apesar de iniciada, não está ainda implementada.

Após uma recolha de informação gráfica disponível acerca de cada museu concluí que apenas o Museu de Aveiro possui manual de identidade gráfica<sup>120</sup> possui manual de identidade e os restantes 6 museus possuem apenas os logótipos desenvolvidos<sup>121</sup>. Constatei igualmente que foi sentida a necessidade da criação de um símbolo que representasse o conjunto dos sete espaços museológicos tão diversos e, para colmatar essa necessidade, foi solicitado a uma empresa externa à Direção Regional de Cultura do Centro a criação do manual de identidade gráfica para a marca “Museus no Centro”, a FBA<sup>122</sup>. A implementação da marca em suportes comunicacionais e merchandising vendido nas lojas de cada museu, está a decorrer faseadamente, desde o início de 2013, por fornecedores externos<sup>123</sup>. É de realçar que foram desenvolvidos, igualmente, vários suportes comunicacionais por estagiários da Escola Superior de Educação de Coimbra, que à semelhança do meu percurso, escolheram esta entidade para valorizar o seu curriculum. Assim, o Tiago Dinis desenvolveu um conjunto de seis ilustrações aplicadas no passaporte “Museus no Centro”<sup>124</sup> e Patrícia Cortesão uma Ilustração representativa dos sete museus

---

<sup>117</sup> Cf. Anexo 1, pp.119-124

<sup>118</sup> <https://www.facebook.com/pages/Museus-no-Centro> e [www.culturacentro.pt](http://www.culturacentro.pt)

<sup>119</sup> Cf. Anexo 2, pp.125-126.

<sup>120</sup> Cf. Anexo 3, pp.127-130.

<sup>121</sup> Cf. Anexo 4, p.131.

<sup>122</sup> Para mais informação ver [www.fba.pt](http://www.fba.pt)

<sup>123</sup> Estes projetos foram desenvolvidos em permanente articulação com a DRCC, que determinou e validou as orientações para a produção dos materiais hoje disponíveis nas lojas em regime de consignação.

<sup>124</sup> Cf. Anexo 5, pp.132-133.

pertencentes à rede <sup>125</sup>, usada em cartazes, T-shirts, no passaporte e vídeo promocional da rede museológica. A par da análise do trabalho gráfico desenvolvido, no âmbito da marca “Museus no Centro”, foi-me sendo solicitada a concepção de suportes gráficos para divulgação de atividades desenvolvidas pelos museus da rede e pela DRCC, trabalho este elaborado em parceria com José Augusto Alves Dias (Assistente Técnico), responsável pela elaboração dos suportes comunicacionais da DRCC, em articulação direta com o Diretor de Serviços e Bens Culturais. Foram, assim, executados os seguintes suportes comunicacionais durante o período de estágio:

*CARTAZES*: A feira de natal de 2013: “O museu é uma prenda”<sup>126</sup>; as atividades do dia 18 de Abril - “Dia Internacional dos Monumentos e Sítios”<sup>127</sup>; Comemorações dos 40 Anos do 25 de Abril<sup>128</sup>; as atividades do dia 18 de Maio - “Dia Internacional dos Museus”<sup>129</sup>; o projeto Beira Serra - “Clássicos no Centro por esses museus fora...”<sup>130</sup> Feira Ibérica de Turismo - Cartazes Informativos Museus da Guarda e Castelo Branco<sup>131</sup>

*ANÚNCIO DE REVISTA, JORNAL E MARCADOR*: Direção Regional de Cultura do Centro<sup>132</sup>

*NEWSLETTER*: Concepção de proposta de layout para a newsletter institucional da DRCC em programas de open source<sup>133</sup>. *FLYERS*: Alterações aos flyers informativos sobre cada museu da Rede “Museus no Centro”<sup>134</sup>.

*FOLHA DE SALA*: Museu José Malhoa - Folha de sala para a abertura da exposição “Paixão de Cristo” de Rafael Bordalo Pinheiro <sup>135</sup>.

---

<sup>125</sup> Cf. Anexo 6, pp.134.

<sup>126</sup> Cf. Anexo 7, pp.135-166

<sup>127</sup> Cf. Anexo 8, p.137

<sup>128</sup> Cf. Anexo 9, p.138

<sup>129</sup> Cf. Anexo 10, p.139

<sup>130</sup> Cf. Anexo 11, p.140

<sup>131</sup> Cf, p. 92

<sup>132</sup> Cf. Anexo 12, p.141

<sup>133</sup> A definição do Open Source foi criada pela Open Source Initiative (OSI) a partir do texto original da Debian Free Software Guidelines (DFSG) e determina que um programa de código aberto deve garantir, entre outros, a distribuição livre de código fonte, permitindo uma alternativa ao modelo de negócio para a indústria de software.

Ver [www.mediamarkt.pt/mp/article/Open-Source,796001.html](http://www.mediamarkt.pt/mp/article/Open-Source,796001.html).

Este trabalho foi desenvolvido em parceria com a Dr. Ana Botelho, responsável pela divulgação das atividades culturais da DRCC.

<sup>134</sup> Cf. Anexo 13, pp. 142-149

<sup>135</sup> Cf, p. 91



### 3.

#### **PLATAFORMAS E ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO**

*“Os museus são cada vez mais instituições entendidas como entidades prestadoras de serviços, pelo que necessitam crescentemente de envolver os conhecimentos das áreas da gestão da inovação, do marketing, do design e das novas tecnologias da informação e da comunicação.”<sup>136</sup>*

Atualmente assiste-se ao uso generalizado das novas tecnologias por parte da sociedade em geral, mas sobretudo por parte das empresas e instituições, para comunicação interna, para divulgar os seus serviços e interagir com o seu público. Esta nova forma de comunicar exige das instituições um esforço de integração e de readaptação de funcionários e estratégias de comunicação. Sendo a cultura, cada vez mais, uma opção para ocupação de tempos livres de um público mais instruído, com maiores rendimentos e tendencialmente global, *“as coleções museológicas tendem igualmente a relacionam-se crescentemente com o mundo global e com fluxos de informação”<sup>137</sup>*. As utilizações destes novos meios, para além de permitirem uma rápida disponibilização da informação, são facilitadoras da interactividade com o público.

---

<sup>136</sup> MOUTINHO, Mário C. “Definição evolutiva de Sociomuseologia-proposta para reflexão”, *XIII Atelier Internacional do MINOM*, Lisboa, 2007, disponível em [www.minom-portugal.org/documentos-de-referencia/10-definicao-de-sociomuseologia.html](http://www.minom-portugal.org/documentos-de-referencia/10-definicao-de-sociomuseologia.html), acedido em 27.06.2014.

No seguimento, leia-se também: “Todos temos a percepção que as sociedades submetidas a intensos processos de globalização apresentam-se como conjuntos sociais afetados por intensos processos de transformação. O tempo social acelera-se e o espaço social fragmenta-se. Como em toda a organização social, o processo da sua transformação pode ser observado a partir dos movimentos sociais. É neles que encontramos os elementos de inovação social, de organização e de práticas que estão a emergir. (...) A produção de inovação social por estes movimentos é muito intensa, diversificada e enuncia importantes transformações. A capacidade de comunicação e a plataforma tecnológica evolui muito aceleradamente, permite a estes movimentos sociais a geração de comunicação em tempo real. O movimento social hoje liga-se em tempo real, gerindo em tempo real uma multiplicidade de interações comunicacionais, obrigando à prática de novos processos de decisão sobre a ação. O Global e o local estão conectados. Gera-se uma conexão instantânea entre qualquer pessoa em qualquer lugar. Cada indivíduo comunica instantaneamente com outros, em qualquer escala.” LEITE, Pedro Pereira, “A Nova Museologia e os Movimentos sociais em Portugal”, 2014, disponível em <http://hdl.handle.net/10437/4642>, acedido em 27.06.2014

<sup>137</sup> SEMEDO, Alice, NORONHA, Elisa, “Plataformas e outras conversações: Web quê?”, *Museologia.pt*, Nº3, Ministério da Cultura-Instituto dos Museus e da Conservação, 2009, p. 193-197.

No caso em análise, da Rede “Museus no Centro”, a divulgação aumentou<sup>138</sup> com a aposta na internet. Plataformas digitais como o facebook e o site institucional com vídeos promocionais são o meio primordial de divulgação, para além, obviamente, dos meios “tradicionais”, como é o caso de cartazes, flyers, anúncios em jornais e rádio, entre outros, dependendo sempre dos meios financeiros disponíveis.

## Facebook



Fig.11. facebook da rede museus no centro<sup>139</sup>.

Nesta plataforma, gerida diretamente pela DRCC, são disponibilizadas informações sobre as atividades existentes nos museus da rede. Trata-se da “plataforma-mãe” de todos os serviços dependentes, permitindo visualizar, de uma forma ágil, as atividades abrangentes da rede, sendo os respetivos links para as páginas individuais, criadas e geridas por cada museu, como se exemplifica nas figuras seguintes.

---

<sup>138</sup> Dados retirados da entrevista dada pela Diretora Regional de Cultura - Celeste Amaro. MARQUES, Paulo, “Todos os museus da região Centro cresceram em visitantes e receitas”, *“Diário As Beiras”*, 26 de Junho, 2014, p.4.

<sup>139</sup> Imagens disponíveis em: <https://m.facebook.com/pages/Museus-no-Centro>, acessado em 25.03.2014.

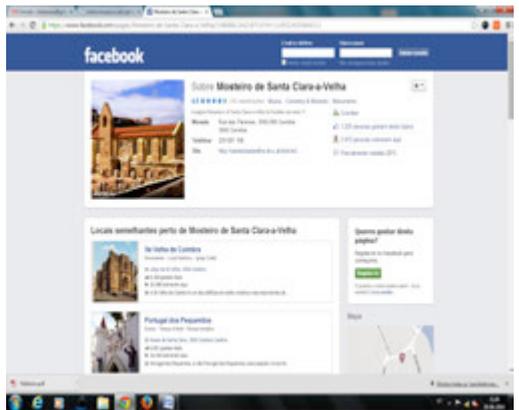


Fig. 12,13,14,15,16,17 e 18 - facebook individual dos museus pertencentes à Rede "Museus no Centro".<sup>140</sup>

E porque, para além de uma pesquisa, se pretende deixar um leque de sugestões para melhoria da identidade gráfica da rede “Museus no Centro”, a qual será abordada pormenorizadamente no terceiro ponto desta segunda parte do trabalho, começamos por sugerir a unificação das imagens das diversas páginas de facebook existentes. Assim, damos conta de que a recente marca criada para identificar a rede “ Museus no Centro” não é aplicada no mesmo local nas diferentes páginas do facebook. À semelhança do que iniciou o museu José Malhoa, apesar de dois logótipos constituírem demasiada informação para um espaço tão pequeno, sugere-se a colocação, apenas, da marca dos “Museus no Centro” no quadrado branco que se destaca na imagem de fundo. O posicionamento da marca nesse local cria um reforço da mensagem, através da repetição. Assim, uma pessoa que navegue nos diversos facebooks, irá facilmente perceber que a Rede “Museus no Centro” contém uma diversificada quantidade de museus e coleções.

O logótipo específico de cada museu poderia ser colocado no canto superior direito do *baner*, integrado numa imagem escolhida para o efeito, imagem essa, representativa do museu ou das suas coleções, cujo destaque seria fundamental. No caso específico do facebook do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, o endereço criado não permite uma rápida busca nos servidores. Para além de aparecer mais do que um endereço referente ao facebook do Mosteiro, o endereço oficial não permite ao utilizador visualizar, sem se registar, as atividades e informações disponíveis, à semelhança do que acontece nos outros museus. Para além desta plataforma existem outras, como o site da Direção Regional de Cultura e uma aplicação desenvolvida para telemóvel.<sup>141</sup>

---

<sup>140</sup> Fig.12: <https://www.facebook.com/museuaveiro>; Fig.13: <https://www.facebook.com/MuseudaNazare>;

Fig.14: <https://www.facebook.com/Museu-da-Guarda>; Fig.15:<https://www.facebook.com/pages/Museu-Francisco-Tavares-Proença-Junior>; Fig.16: <https://www.facebook.com/museujosemalhoa>; Fig.17: <https://www.facebook.com/museujosemalhoa>;

Fig.18:<https://www.facebook.com/Mosteiro.santaclara.a.velha>

<sup>141</sup> Cito a propósito a seguinte passage: “The internet allows for new definitions of heritage and new forms of participation; mobile telephony offers new possibilities for meaning and sharing of experiences *in situ*” in MENSCH, Peter van, MENSCH, Léontine Meijer-van, RIHTER, Andreja, *New Trends in Museology*, Celje, Museum of Recent History, 2011. p.89

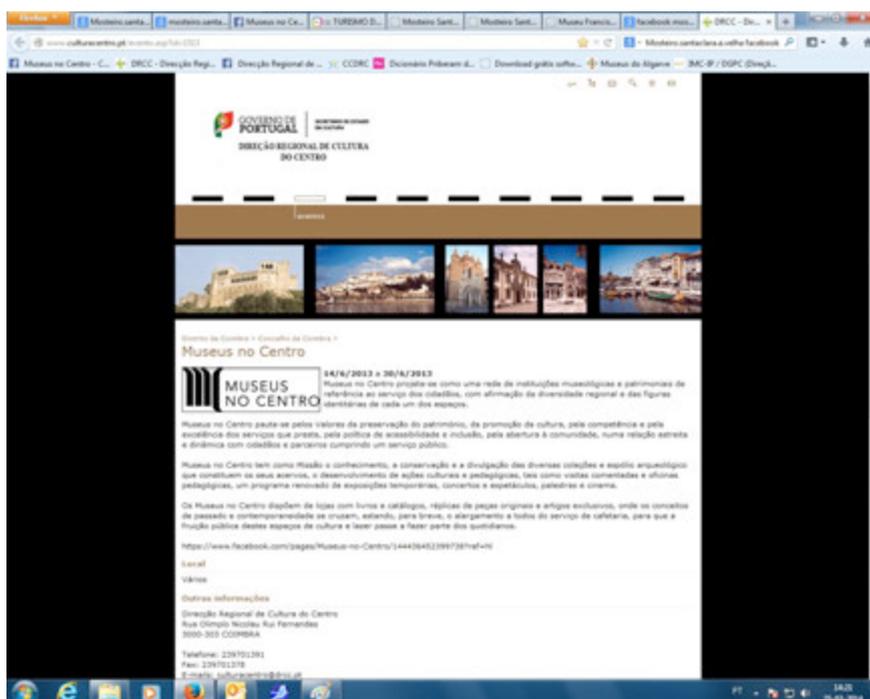


Fig.19. Página do site da Direção Regional de Cultura do Centro referente à rede “Museus no Centro”.<sup>142</sup>

Como tem sido referido, os museus que fazem parte da Rede “Museus no Centro” estão sob a alçada da Direção Regional de Cultura do Centro. Assim, encontramos no seu site toda a informação sobre as atividades desenvolvidas pelos mesmos. Para confirmar e validar a pesquisa realizada acerca dos suportes de comunicação foi elaborado um questionário<sup>143</sup> e solicitado a todos os museus o seu preenchimento<sup>144</sup>. Verificou-se que, apesar de alguns museus utilizarem blogs, newsletters e terem parcerias com sites de divulgação de eventos culturais na sua generalidade, a divulgação das atividades e eventos é feita através do facebook e do site institucional da Direção Regional de Cultura do Centro.

<sup>142</sup> www.culturacentro.pt

<sup>143</sup> Cf. Anexo 14, pp. 150-163

<sup>144</sup> Não posso deixar de sublinhar a pronta disponibilidade, de todos, para o preenchimento do mesmo.

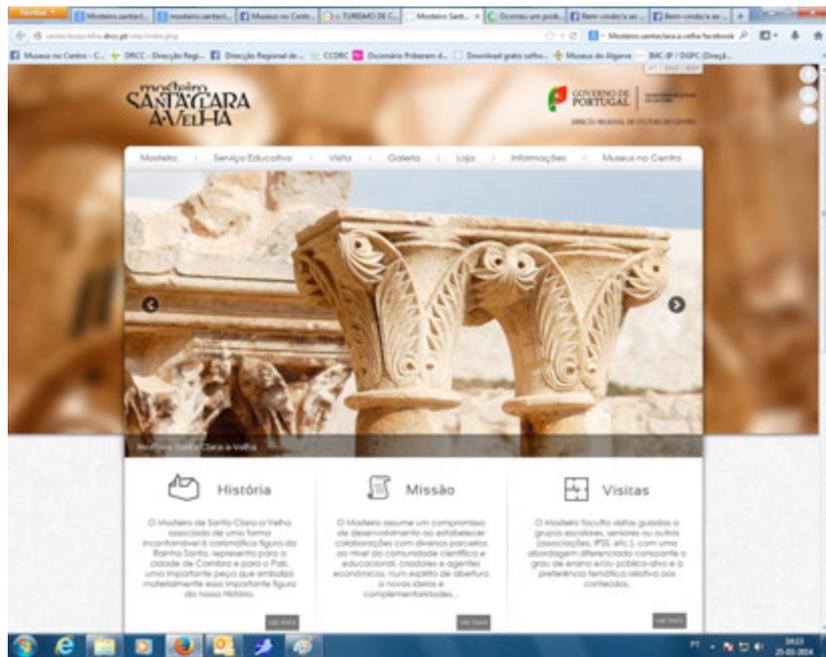
MUSEUS	PLATAFORMAS
Todos os museus excepto Museu da Cerâmica e José Malhoa	Site institucional DRCC
Nenhum	Facebook
Apenas o Museu Joaquim Manso	Twitter
Joaquim Manso	Newsletter
Joaquim Manso e Museu Francisco Tavares Proença Júnior	Blog
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha,	Agenda 7
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha,	Eventoscoimbra.com
Joaquim Manso, Museu da Guarda e Museu Francisco Tavares Proença Júnior	Mailing List

Tabela. 2. Principais plataformas de comunicação usadas pela rede “Museus no Centro”<sup>145</sup>.

Para além das plataformas atrás referenciadas, outras plataformas desenvolvidas foram encontradas na pesquisa realizada, nomeadamente, um site específico para os “Museus no Centro” desenvolvido por alunos da ESEC, no âmbito do estágio realizado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Embora este seja graficamente bastante apelativo, a sua manutenção não é feita com regularidade, criando o inconveniente de ter informação desatualizada, links que não funcionam corretamente, descurando-se, assim, uma plataforma de carácter informativo que poderia ser aproveitada para ter informação disponível noutras línguas (até porque, estão previstos links para inglês e espanhol) e não se restringir apenas a informar um público que domine o português.

---

<sup>145</sup> Fonte: Informação recolhida no âmbito de um questionário realizado no mês de Maio de 2014 aos espaços museológicos da Rede “Museus no Centro”. Cf. Anexo 14, pp.150-163.



Figs.20, 21 e 22. Site desenvolvido por um grupo de alunos da Escola Superior de Educação para os Museus no Centro<sup>146</sup>

Foi também desenvolvida, e está disponível virtualmente, uma aplicação para telemóveis e tablets, que requer ajustes de layout e correções de logótipos que aparecem, erradamente, associados a fotografias que não representam o espaço museológico em questão. Existem links que informam estar em manutenção e outros dispõem de informação de 2013.

<sup>146</sup> Disponível em: [santaclaraavelha.drcc.pt/site/index.php](http://santaclaraavelha.drcc.pt/site/index.php), acessado a 25.03.2014

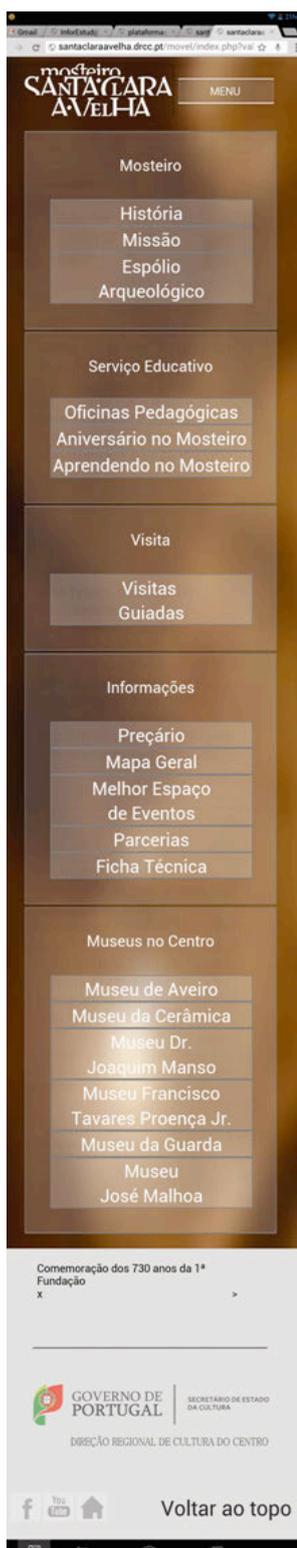


Fig.23, 24 e 25. Layout da Aplicação para aparelhos móveis.

A necessidade da elaboração do questionário acerca dos suportes de comunicação dos museus afetos à DRCC surgiu no decorrer desta pesquisa, ao verificarmos que uma série de plataformas comunicacionais estavam desenvolvidas, mas não atualizadas convenientemente. Assim, nas respostas às questões:

1. Que dificuldades sentem na utilização das plataformas digitais?
2. Com que dificuldades se deparam na concepção de suportes gráficos?

Foram obtidas as respostas que apresentamos resumidas nas tabelas seguintes.

### Questão 1.

MUSEUS	DIFICULDADES
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha	Dificuldades na inserção de imagens e vídeos
Museu Joaquim Manso	Falta de formação dos funcionários
Museu da Guarda, Museu Francisco Tavares Proença Júnior Museu Joaquim Manso	Mau funcionamento da internet
Museu de Aveiro, Museu José Malhoa, Museu da Cerâmica	Não sentem dificuldades

Tabela 3. Dificuldades sentidas pelos Museus no Centro na utilização de plataformas on-line.

Para além de dificuldades técnicas relacionadas com o tipo de internet usada nos casos específicos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior e Museu da Guarda, uma vez que o acesso é feito por pen de Banda Larga, foram assinaladas dificuldades de inserção de grandes volumes de informação, no que diz respeito especificamente a imagens e vídeos, assim como dificuldades na concepção dos próprios suportes

gráficos devido à falta de programas específicos, computadores apropriados e pessoal com formação na área, como se pode depreender das tabelas resumo a seguir apresentadas. Verificou-se que apenas os museus de Santa Joana em Aveiro e José Malhoa nas Caldas da Rainha dispõem de funcionários com formação gráfica.

Foram pedidas sugestões para melhoria das dificuldades sentidas e as respostas obtidas revelaram necessidades como: internet, equipamentos informáticos, impressoras e programas atuais, tanto para desenvolvimento de imagem gráfica como para trabalho de organização e gestão, ações de formação específicas em desenvolvimento de imagem e apoio técnico como comprova a tabela seguinte:

## Questão 2.

MUSEUS	SUGESTÕES
Museu da Cerâmica Museu Joaquim Manso Museu Francisco Tavares Proença Júnior	Aquisição de programas de edição gráfica
Museu da Guarda	Instalação de internet por fibra ótica
Museu de Aveiro, Museu Joaquim Manso Museu da Cerâmica	Aquisição de equipamento: computadores, impressoras
Museu José Malhoa	Necessidade de técnico especializado

Tabela 4. Sugestões dadas pelos Museus para melhoria de dificuldade.

Para perceber de que forma eram resolvidas as questões relacionadas com o desenvolvimento de imagem e impressão, o questionário efetuado revelou, ainda, que a maioria dos museus recorrem a parcerias externas com escolas de design, gabinetes de design das Câmaras Municipais e serviços externos de impressão sempre que os equipamentos internos não o permitem, quer por falta de consumíveis, dimensão, qualidade ou tipo de trabalho. Recorrem igualmente à DRCC, tanto para a elaboração pontual de suportes comunicacionais, como para a sua impressão. Detectadas estas dificuldades, ficou clara a diversidade de layouts existentes para a divulgação das atividades programadas pelos espaços museológicos da Rede de “Museus no Centro”, as quais se podem visualizar nas plataformas digitais e que estão presentes na recolha que foi realizada na DRCC para a construção do arquivo gráfico físico. Assim, tornou-se essencial uma reflexão sobre o trabalho gráfico desenvolvido até à data pela Rede “Museus no Centro”.

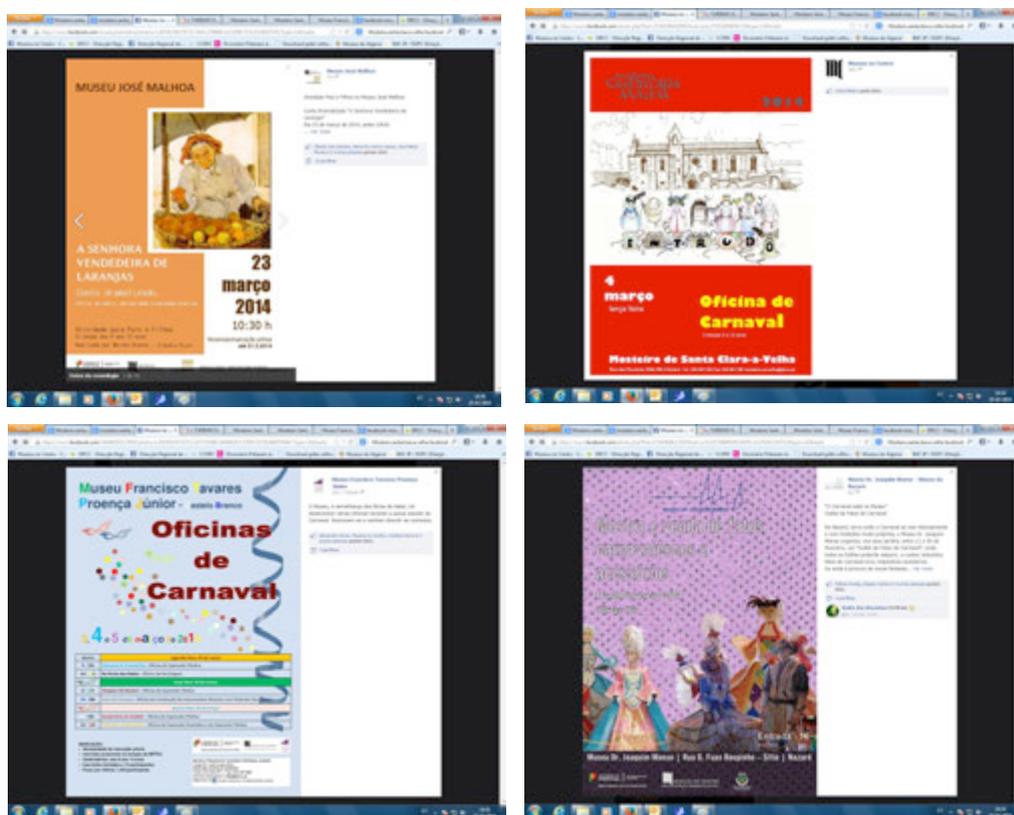


Fig. 26,27,28,29. Exemplos da diversidade gráfica dos suportes desenvolvidos pelos museus pertencentes à rede “Museus no Centro”



## 4.

### IDENTIDADE GRÁFICA

#### *Reflexão e Sugestões*

*Design* - do inglês *design*, “intenção, propósito”, do latim *designare* “marcar, indicar”, e do francês *désigner* “designar, desenhar” - diz respeito à concepção de um produto (máquina, utensílio, mobiliário, embalagem, publicação, etc.), no que concerne à sua forma física e funcionalidade.<sup>147</sup> O Design Gráfico é o processo criativo e técnico que recorre a imagens e texto para comunicar, estimular, persuadir, entreter, identificar, sinalizar, organizar e informar de forma consciente através de mensagens específicas. A atividade dos designers gráficos reflete-se no quotidiano através de posters, logótipos, embalagens, livros, jornais, revistas, placas, sinalética, sistemas de identidade visual de empresas e/ou marcas, produtos, eventos, exposições, anúncios, entre outros, que comunicam com o público-alvo a identidade corporativa<sup>148</sup>. Esta é um tema complexo que envolve muitos conceitos: a cultura, a visão, o posicionamento, a imagem, objetivos, estratégias e tudo o que possa influenciar a gestão de uma empresa/instituição. Todas as partes envolvidas no processo, sejam acionistas, colaboradores, parceiros, clientes ou fornecedores, devem reconhecer a empresa/instituição e identificar as suas principais características no seu projeto de identidade visual. O design gráfico possui um papel importante, porque com símbolos e metáforas tem de comunicar os valores da empresa/instituição, de forma a promover a coesão de todos os elementos essenciais, que levam ao seu entendimento/percepção por parte do público. Em síntese, a identificação visual da empresa/instituição é o fator responsável por materializar a sua identidade, sendo, portanto, estrategicamente importante para o sucesso da comunicação.

---

<sup>147</sup> Cf. DABNER, David, *Design and Layout: Understanding and Using Graphics*, How Design Books, Cincinnati-EUA, 2003, pp. 12-84; BONNICI Peter, *Linguagem Visual: O misterioso meio de comunicação*, Destarte, 2000, pp.38-110; ROCHA, Carlos Sousa, *Teoria do Design*, Plátano Editora 1994, pp.104-117; POLL, Carolina Rodrigues, *Identidade Visual para um Museu do Design no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, [Trabalho de conclusão de graduação], Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010, disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/27848>, acessado em 19.05.2014.

<sup>148</sup> Idem.

A marca<sup>149</sup> é a identidade de uma empresa, transmite os seus valores e os seus objetivos, sendo a principal forma de contato com o público. Na marca, os elementos visuais de destaque são basicamente as formas e as cores da imagem escolhida para representar a empresa/instituição. A forma, como objeto de composição nas marcas, deve prevalecer sobre a cor no sistema de identidade visual, permitindo aplicações monocromáticas e em relevo. Essa forma gráfica é constituída por elementos distintos básicos: o logótipo e o símbolo gráfico. Estes devem dar ênfase às principais características do produto ou serviço, devem ser claros, objetivos, flexíveis, autênticos, únicos, comprometidos com a visão e o posicionamento pretendido. Se a marca é a definição do que uma empresa/instituição representa, o seu valor reflete a forma como a empresa/instituição é percebida pelo público. Este foi o mote de partida para a segunda parte do trabalho desenvolvido durante o estágio curricular.

Enquadrado no âmbito da Rede “Museus no Centro”, o trabalho desenvolvido de pesquisa acerca de redes museológicas, apresentado na primeira parte do relatório, cedo revelou ser apenas um dos itens interessantes a explorar. Assim, e porque a minha formação de base o permite<sup>150</sup>, foram delineados objetivos relacionados com questões de identidade gráfica, não com a ambição de um estudo sobre a perceção do público acerca da marca, uma vez que a mesma está no início da sua implementação no mercado, mas porque foi identificada a necessidade de análise/organização e adaptação de material gráfico desenvolvido até à data para a Rede “Museus no Centro”, por diferentes empresas e para diversos públicos-alvo. A importância da criação de uma marca para a rede “Museus no Centro” está no próprio conceito de marca. Sentida a necessidade de comunicar de uma forma global, a “união” de sete espaços museológicos diversificados e com identidades próprias mas com um objetivo comum, foi iniciado em 2013, pela empresa FBA<sup>151</sup>, o processo de criação da marca composta por um símbolo e logótipo.

---

<sup>149</sup> “O termo ‘marca’ está rapidamente a tornar-se no sinónimo atual da antiquada ‘identidade da sociedade’. Hoje falamos dos valores da marca, da identidade da marca, da personalidade da marca, enquanto que ontem falávamos dos valores da sociedade, identidade da sociedade, imagem da sociedade. Ontem a ‘marca’ referia-se às mercadorias, hoje também está relacionada com a própria sociedade.” BONNICI, Peter, *Linguagem Visual: o Misterioso Meio de Comunicação*, Lisboa, Destarte, 2000.; Cf. Marca: letra ou símbolo que identifica produtos comerciais ou industriais; logótipo; sinal indicativo de propriedade, categoria, origem, que se coloca sobre um artigo para o distinguir de outros *in* Dicionário da língua portuguesa - dicionários académicos, Porto editora, 2009, p. 539.

<sup>150</sup> Licenciada em design gráfico e Ilustração pela Escola Universitária Artística de Coimbra

<sup>151</sup> [www.fba.pt](http://www.fba.pt)



MUSEU DE AVEIRO

mosteiro  
SANTA CLARA  
A VELHA



MUSEU DR. JOAQUIM MANSO



museu **Malhoa**

Fig. 30. Logótipos dos Museus pertencentes à Rede “Museus no Centro”.

O logótipo do Museu da Cerâmica foi redesenhado por um estagiário da ESEC, do qual não apurámos a identidade.





*“ O símbolo funciona como um monograma. Ele aglutina, numa forma que tende para a abstracção tipográfica, as iniciais “M” e “C”. As duas letras desenhadas de forma modular sugerem, em simultâneo, universos distintos: O minimalismo de uma rubrica geométrica e um pormenor arquitectónico formado pelo conjunto de arcadas de remate sofisticado. A letra escolhida para o logótipo é a Avenir, desenhada por Adrian Frutiger. É um tipo de letra geométrico com grande legibilidade e variedade de pesos facilitando por isso bons resultados em textos curtos como sejam títulos e destaques. Como tipo de letra complementar, a utilizar em textos extensos, foi escolhido o tipo Joana desenhado por Gill Sans.”<sup>152</sup>*

#### *Assinaturas Complementares*

*“Prevendo diferentes necessidades e suportes estão previstas assinaturas alternativas que permitem uma mais correcta aplicação da marca caso a caso.”<sup>153</sup>*



---

<sup>152</sup> Texto retirado integralmente do manual de identidade desenvolvido pela empresa FBA, pp.4-6.

<sup>153</sup> Texto retirado integralmente do manual de identidade desenvolvido pela empresa FBA, pp.4-6.

Posteriormente, uma série de sete personagens foram criadas pela DRCC e desenvolvidas pela empresa Olifante<sup>154</sup>, que já tinha executado um trabalho similar para o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Essas figuras com uma imagem jovem e apelativa foram submetidas ao rigor de uma pesquisa, de forma a representarem fielmente as principais características das personagens escolhidas para representar cada espaço museológico. Artur Côrte-Real refere que:

*“Todos os projetos colocados nas lojas foram pensados para que estas não fossem banalizadas com produtos indiferenciados. Apostámos em material de qualidade e com uma imagem que marca a diferença. Sentimos a necessidade de dar uma nova tônica gráfica aos museus, não só através do logótipo “Museus no Centro” mas também, através de figuras identitárias, que servem tanto para suportes de informação como para linhas de merchandising. Propusemos à empresa que já tinha trabalhado a figura identitária para o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, criar as restantes personagens com base nas informações que lhe prestávamos. Por exemplo: as primeiras propostas que apareceram do Zé Povinho, figura representativa do Museu da Cerâmica, vinham com a camisa às riscas e não há nenhuma figura do Zé Povinho com esse aspeto. O José Malhoa tinha um bigode diferente que foi alterado porque este era “o seu bigode”, nas várias propostas aparecia com gravata e ele nunca usou gravata mas sempre laço, assim como, a paleta de cores usada na figura tem as cores que identificámos como as mais utilizadas na sua pintura. No caso da mulher das sete saias da Nazaré, o avental aparecia redondo e a sua forma é sempre retangular. No caso do Museu da Guarda, o Santo António do Pão, foi uma personagem adoptada pela DRCC para mascote porque é quase única e muito venerada na região.”<sup>155</sup>*

No processo de pesquisa sobre a aplicação da marca “Museus no Centro”, verificou-se que esta vai sendo feita à medida que surgem as necessidades. Pelo fato de não terem sido definidas regras comuns para os sete museus em relação aos suportes gráficos necessários e às suas normas de concepção, cada instituição desenvolve os seus suportes, variando consoante a criatividade e conhecimentos do executante. Assim, a diversidade de layouts é enorme e o único ponto em comum é a utilização da marca “Museus no Centro”. Os suportes mais utilizados, quer fisicamente, quer virtualmente, são os cartazes e flyers, sendo que, o layout desenvolvido para impressão acaba por ser usado na versão web, criando, por vezes,

---

<sup>154</sup> Para mais informação ver: [www.olifantedesign.com](http://www.olifantedesign.com)

<sup>155</sup> Artur Côrte-Real, DRCC, 2013-2014.

situações de pouca leitura devido à demasiada informação ou ao tipo de redução da imagem para poder ser inserida numa plataforma digital.



Fig.31. Figuras identitárias criadas pela empresa ©Olifante. Fazendo uma leitura da esquerda para a direita e de cima para baixo: Princesa Santa Joana\_Museu de Aveiro\_Aveiro; Varina\_Museu Joaquim Manso\_Nazaré; ; Rainha Isabel Aragão com hábito de Clarissa\_Mosteiro de Santa Clara-a-Velha\_Coimbra; Zé Povinho\_Museu da Cerâmica\_Caldas da Rainha; Pintor José Malhoa\_Museu José Malhoa\_Caldas da Rainha; Santo António\_Museu da Guarda\_Guarda; Arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior\_Museu Francisco Tavares Proença Júnior\_Castelo Branco;



Fig. 32. Comboio decorado com as figuras identitárias para promoção dos “Museus no Centro”.



Fig.33,34. As imagens representam dois exemplos de cartazes A3 desenvolvidos para serem usados fisicamente e virtualmente na divulgação do projeto e atividades da Rede “Museus no Centro. Ilustrações de Patrícia Cortesão. Com estes exemplos, verifica-se que a quantidade de informação necessária para divulgar cria constrangimentos no que diz respeito à leitura da informação escrita.

No que diz respeito ao merchandising, é notória a preocupação de modernização e coerência da imagem dos objetos para venda, como exemplificam as imagens da loja do museu da cerâmica nas Caldas da Rainha que, à semelhança dos outros museus, aposta em novos produtos para venda.



Fig.35,36,37. Loja do Museu da Cerâmica das Caldas da Rainha. Imagens cedidas pela DRCC.

No Manual de Identidade dos “Museus no Centro” foram definidas regras para os tipos de letra, cor e formatos da marca, com as respetivas margens de segurança e aplicação em fundo de cor, mas não foram definidas regras de unificação e aplicação em cartazes e flyers (suportes maioritariamente utilizados para divulgação), assim como layouts para utilização em suportes digitais.

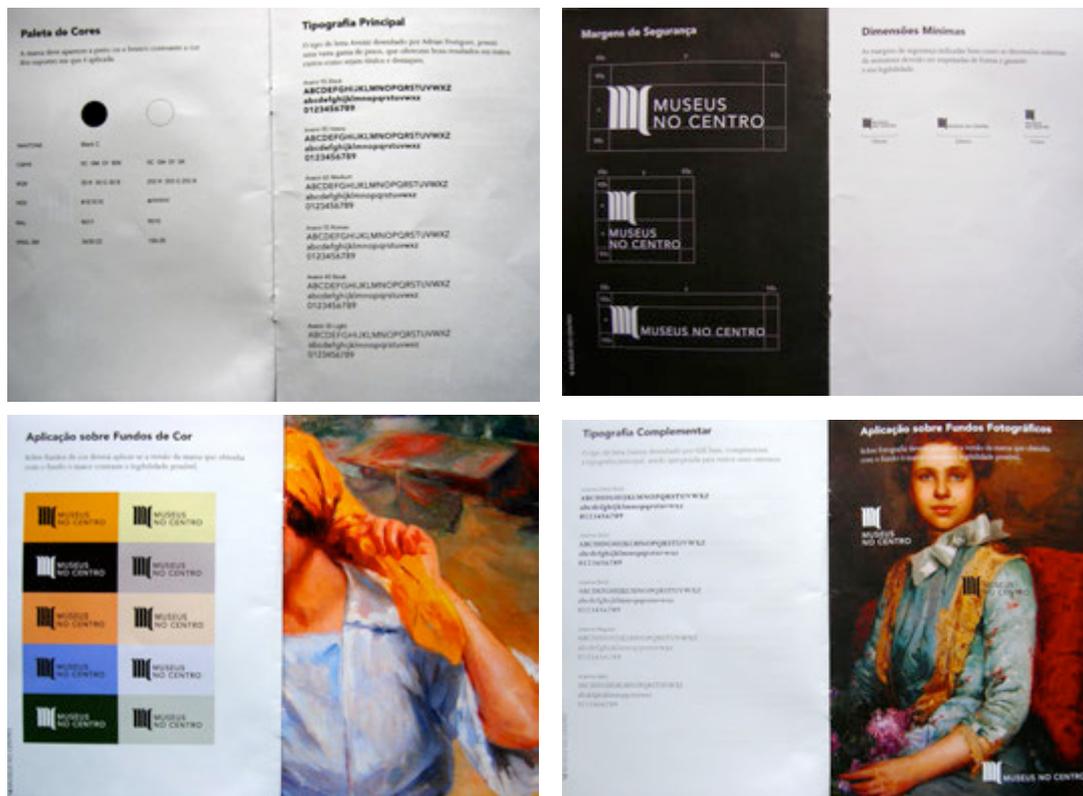


Fig.38,39,40,41. Manual de Identidade “Museus no Centro” criado pela empresa FBA.

Após a recolha e análise dos elementos gráficos já desenvolvidos, definiu-se o objetivo de trabalhar estes elementos em conjunto, de forma a iniciar um processo de coerência visual. O elemento cor foi escolhido com o objectivo de iniciar esse processo. Cabe à cor chamar a atenção do público consumidor. No design gráfico, “a cor tem quatro funções principais: atrair a atenção, manter a atenção, transmitir a informação e fazer com que a informação seja lembrada. O uso da repetição é

*igualmente uma estratégia para a consistência visual, sendo esta, tudo no design”<sup>156</sup>.*

Para se obter uma linguagem visual, a repetição de elementos gráficos ou até mesmo um layout inteiro, ajuda a manter uma experiência consistente nos trabalhos. A definição de uma paleta de cores que representasse cada museu foi uma das tarefas realizadas durante o período de estágio, em colaboração direta com a equipa responsável pela tomada de decisões no que diz respeito à imagem da rede “Museus no Centro”, com a perspectiva de que o seu uso repetido venha a proporcionar uma coerência visual. Esta paleta de cores foi definida com base em características associadas aos próprios museus. O castanho burel foi escolhido para o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha devido à cor do hábito das clarissas, o amarelo real para o museu de Aveiro dedicado à princesa Santa Joana, o azul celeste dos bordados de Castelo Branco para o Museu Francisco Tavares Proença Júnior, o azul mar para o museu Dr. Joaquim Manso na Nazaré aludindo às temáticas relacionadas com o mar, o verde foi escolhido para o Museu José Malhoa, associado ao seu jardim e às paisagens por ele pintadas, o vermelho ocre para o museu da cerâmica, aludindo aos pigmentos usados nessa arte e o vermelho sangue para o Museu da Guarda, aludindo ao sangue derramado nas batalhas ocorridas, ao longo da história, na região.

---

<sup>156</sup> BONNICI, Peter, *Linguagem Visual: o Misterioso Meio de Comunicação*, Lisboa, Destarte, 2000

		H: 28° S: 76% B: 74%	R: 189 G: 113 B: 45	L: 55 a: 27 b: 49	C: 22% M: 61% Y: 97% K: 7%	#bd712d
		H: 41° S: 88% B: 94%	R: 241 G: 174 B: 30	L: 76 a: 17 b: 74	C: 4% M: 34% Y: 100% K: 0%	#f1ae6e
		H: 201° S: 38% B: 91%	R: 142 G: 201 B: 231	L: 78 a: 14 b: 21	C: 42% M: 7% Y: 3% K: 0%	#8ec9e7
		H: 201° S: 80% B: 85%	R: 44 G: 156 B: 216	L: 50 a: 16 b: 40	C: 73% M: 24% Y: 0% K: 0%	#2c9cd8
		H: 111° S: 56% B: 74%	R: 99 G: 188 B: 83	L: 69 a: 43 b: 44	C: 64% M: 0% Y: 91% K: 0%	#63bc53
		H: 14° S: 65% B: 68%	R: 172 G: 85 B: 60	L: 47 a: 35 b: 32	C: 20% M: 73% Y: 79% K: 17%	#63bc53
		H: 7° S: 78% B: 87%	R: 222 G: 71 B: 49	L: 53 a: 59 b: 47	C: 7% M: 87% Y: 90% K: 1%	#de4731

Fig.42. Paleta de cores definida para a identificação de cada museu pertencente à Rede “Museus no Centro”

Com a definição da paleta de cores, os primeiros suportes a serem alterados foram os flyers informativos e cartazes. “Os cartazes são registos que têm a função social de noticiar e divulgar acontecimentos, num híbrido de estética e publicidade. Mas a divulgação pura e simples não é a única função do cartaz, tendo igualmente uma função cultural, de publicidade, propaganda, semiótica e educação”<sup>157</sup>. No caso dos “Museus no Centro”, a quantidade de informação necessária a ser utilizada provoca condicionalismos estéticos e de organização de informação no layout, tanto nos cartazes como nos flyers. Um dos principais motivos são as restrições na utilização da quantidade papel, obrigando à utilização mínima possível do seu tamanho para, desta forma, cumprir as metas de despesa em economato, uma vez que a impressão é realizada com os recursos disponíveis na Direção Regional de Cultura no Centro.

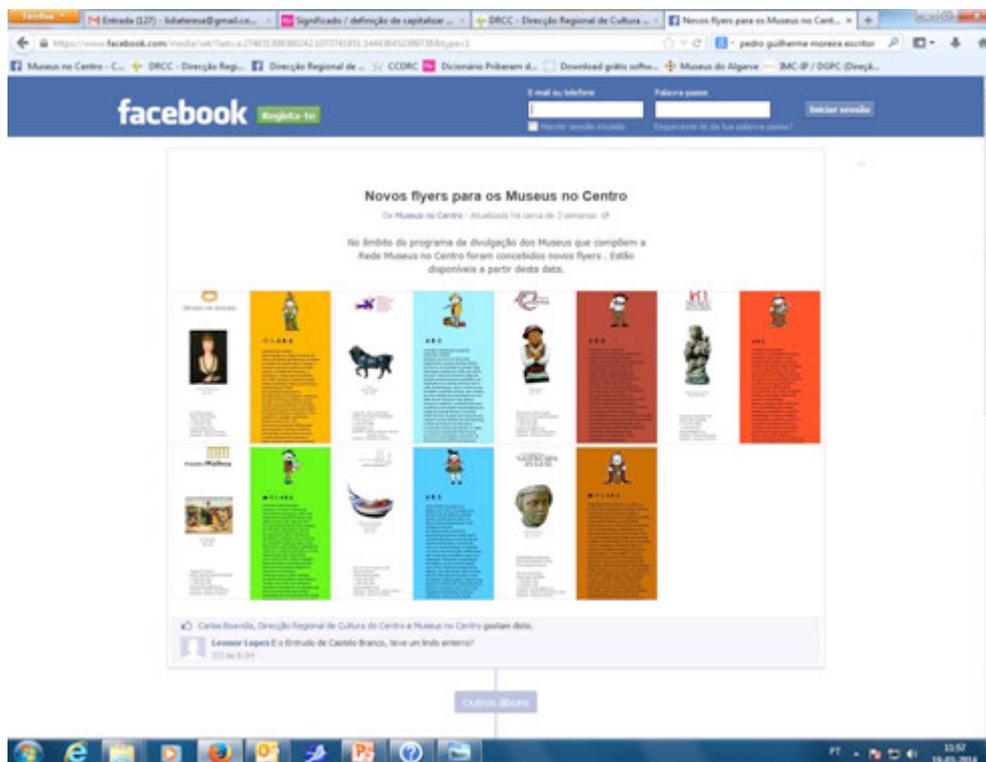
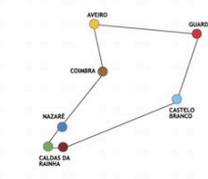


Fig.43. Pagina do facebook dos “Museus no Centro” divulgando o novo layout dos flyers.

<sup>157</sup>BORTOLUCI, Lauci Reis, MENDONÇA, Olga Maurício, “A função Social da Coleção de Cartazes do Museu de Arte Contemporânea MACUSP”, XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentário e Ciência da Informação, Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social, Maceió, Alagoas, 2011. Disponível em A Função Social da Coleção de Cartazes do Museu de Arte...-E-Lis eprints.rclis.org/16316/1/6-2807-1-PB.pdf. acedido em 14.05.2014.


**GOVERNO DE PORTUGAL** | SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA  
 DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO  

**MUSEUS NO CENTRO**  
 REDE DE SERVIÇOS DEPENDENTES DA DRCC



**MUSEUS NO CENTRO** projeta-se como uma Rede de instituições museológicas e patrimoniais de referência, ao serviço dos cidadãos, com afirmação da diversidade regional e das figuras identitárias de cada um dos espaços. || **MUSEUS NO CENTRO** pauta-se pelos valores da preservação do património, da promoção da cultura, pela competência e pela excelência dos serviços que presta, pela política de acessibilidade e inclusão, pela abertura à comunidade, numa relação estreita e dinâmica com cidadãos e parceiros, cumprindo um serviço público. || **MUSEUS NO CENTRO** tem como Missão o conhecimento, a conservação e a divulgação das diversas coleções e espólio arqueológico que constituem os seus acervos, o desenvolvimento de ações culturais e pedagógicas, tais como visitas comentadas e oficinas pedagógicas, um programa renovado de exposições temporárias, concertos e espetáculos, palestras e cinema. || Os **MUSEUS NO CENTRO** dispõem de lojas com livros e catálogos, réplicas de peças originais e artigos exclusivos, onde os conceitos de passado e contemporaneidade se cruzam, estando, para breve, o alargamento a todos do serviço de cafetaria, para que a fruição pública destes Espaços de Cultura e Lazer passe a fazer parte dos quotidianos.

DRCC - Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes - Jardim da Manga  
 3000-303 COIMBRA - TELÉF. 239 701 391 - FAX 239 701 378  
 culturacentro@drcc.pt

MUSEU	COORDENADAS	LOGO
AVEIRO	Museu de Aveiro N 40° 58' 20.21" O 0° 39' 03.72"	MUSEU DE AVEIRO
COIMBRA	Mosteiro de Santa Clara-a-Velha N 40° 12' 04.04" O 0° 25' 53.86"	MUSEU DE SANTA CLARA A VELHA
NAZARÉ	Museu Dr. Joaquim Manoel N 39° 36' 22.85" O 0° 04' 33.41"	MUSEU DR. JOAQUIM MANOEL
CALDAS DA RAINHA	Museu da Cerâmica N 39° 22' 56.66" O 0° 07' 46.18"	MUSEU DA CERÂMICA
	Museu José Malhoa N 39° 24' 03.49" O 0° 08' 02.34"	MUSEU MALHOA
CASTELO BRANCO	Museu Francisco Tavares Presença Junior N 39° 49' 42.85" O 0° 29' 40.36"	MUSEU FRANCISCO TAVARES
GUARDA	Museu da Guarda N 40° 02' 15.08" O 0° 16' 04.04"	MUSEU DA GUARDA




Santo António do Pio  
(séc. XVI-XVII)

Rua Alves Roçadas, 30  
6300-863 GUARDA  
T. 271 213 460  
F. 271 223 221  
mguarda@drcc.pt  
facebook - Museu da Guarda  
facebook - Museus no Centro

TERÇA-FEIRA A DOMINGO  
De abril à 1ª semana de outubro:  
10h00-18h00  
2ª semana de outubro a março:  
10h00-18h00

ENCERRAMENTO AO PÚBLICO  
segundas-feiras,  
1 de janeiro e 25 de dezembro




**O MUSEU DA GUARDA** encontra-se instalado no antigo Seminário Episcopal, o mais emblemático edifício da época Moderna da cidade, obra do bispo D. Nuno de Noronha, feita sob patrocínio do rei Filipe II, símbolo do poder e da autoridade religiosa da altura. O acervo do Museu, com cerca de 4800 peças, é constituído por várias coleções, sendo a exposição organizada de forma cronológica, desde os tempos pré-históricos até à atualidade, num amplo espaço museográfico. O espólio arqueológico integra vestígios do catolítico, cerâmica, escultura e numismas da época romana e medieval, provenientes da região. Da pintura e escultura sacra dos séculos XIII a XVII, realçam-se obras do Renascimento e Maneirismo. Apresenta também pintura e desenho de finais do século XIX e da primeira metade do século XX, de autores como Columbano, Eduardo Lapa, João Vaz, Carlos Reis e António Carneiro, entre outros, e armaria dos séculos XVII a XX, maioritariamente doada por António Moura. Detém ainda coleções etnográficas, atualmente em reserva, que assinalam as principais atividades económicas da região.

Fig. 44 e 45. Exemplo do novo layout do flyer para o museu da Guarda, que à semelhança dos restantes “Museus no Centro” foi desenvolvido durante o estágio curricular.

Após a experiência inicial com os flyers, desenvolveram-se estudos no sentido de aplicar cor<sup>158</sup> e formas nos cartazes de divulgação da Rede “Museus no Centro”, ou seja, para os dias temáticos como: 18 de Abril, Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, o dia 25 de Abril, comemoração dos seus 40 anos, e o dia 18 de Maio, Dia Internacional dos Museus. Este estudo, ainda no início e não desenvolvido na totalidade por ter sido iniciado na fase final do estágio curricular, revelou ser uma opção viável, apesar dos condicionalismos relacionados com a quantidade de informação necessária de usar. Para que o cartaz, neste caso informativo, cumprisse a sua função, teria de ser estudada uma fórmula para a utilização de um número exato de caracteres para cada museu, assim como desenvolver mecanismos mais céleres de recolha informação acerca das atividades desenvolvidas por parte dos museus da rede, de forma a agilizar o trabalho gráfico. Neste sentido, sugere-se uma plataforma de intranet, onde cada museu possa colocar a informação acerca das suas atividades de forma uniformizada. Assim, problemas como atrasos na recolha de informação, alterações de última hora, falta de espaço nos suportes a desenvolver por informação em excesso, seriam mais fáceis de solucionar. Houve igualmente a preocupação de iniciar o desenvolvimento de uma versão para a web, com títulos apenas genéricos, uma vez que as plataformas digitais para divulgação permitem inserir volumes de informação e caracteres superiores aos que é possível colocar num layout de um cartaz. Para aplicar a mancha de cor e informação institucional foi escolhida uma parte da marca desenvolvida para representar os “Museus no Centro” correspondente à palavra Centro [“C”] e dentro desta forma iniciaram-se estudos de aplicação de cor, informação institucional e imagens. Estes estudos, apesar de publicados<sup>159</sup>, requeriam mais tempo e experiências para uma definitiva e apelativa imagem, que não foram possíveis devido aos constrangimentos logísticos que se foram impondo no processo de trabalho. O facto de não dispor de programas de edição de imagem no computador que me foi disponibilizado e, para a execução

---

<sup>158</sup> “A cor é uma forma de comunicação em si, capaz de expressar sentimentos, ideias, contextos. Mas que, principalmente, é capaz de criar ligações emocionais com os seus receptores. (...) O uso da cor de forma planeada atua como facilitador fundamental no reforço da relação emocional e na tomada da decisão de compra.” (...) O design gráfico torna-se, em muitos casos, o único fator de diferenciação e identificação da embalagem entre um grupo de produtos similares. A eficiência dessa comunicação passa pela escolha de uma linguagem visual adequada e do arranjo ordenado e intencional dos elementos visuais que compõem a configuração gráfica da mensagem: imagens, textos símbolos gráficos, ornamentos e cores.” In BATTISTELLA, Natalie, Colombo R. Joana, ABREU, C. K.Karen, *A importância da Cor nas Embalagens como Fator Influenciador no Momento da Compra*. Disponível em [www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-kraemer-embalagens.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-kraemer-embalagens.pdf), acedido em 11.03.2014.

<sup>159</sup> Cf, as páginas de facebook dos Museus no Centro:  
<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.295970757246306.1073741852.144436452399738&type=1> e  
<https://www.facebook.com/144436452399738/photos/pb.144436452399738207520000.1409255614./290500444460004/?type=3&theater>

destes estudos, ter de utilizar, o meu próprio computador, tornou o processo de execução moroso, uma vez que, para testes de impressão, tinha de cumprir uma série de passos como: transformar em jpg o ficheiro de trabalho em Photoshop; retirar o trabalho do meu computador através de pen; inserir essa imagem num documento Word para finalmente poder ser impresso. Este “malabarismo”, causado pela falta de permissão para impressão direta de imagens, causou demoras em todos os processos de criação gráfica. Os condicionalismos, ainda presentes, segundo o Diretor de Serviços e Bens Culturais, serão alvo de reestruturação com um projeto de modernização administrativa, apoiado pelo QREN<sup>160</sup>, que está na fase inicial. Artur Côrte-Real assume, assim, que haverá uma forte aposta:

*“precisamente na modernização administrativa, de forma a tornar mais ágeis, em todos os pontos de vista, os procedimentos inerentes há gestão de uma rede, sobretudo no que corresponde à documentação administrativa. Muitas mudanças, estão já em curso, como a programação concertada, a partilha de recursos técnicos e humanos, mas de fato, os relatórios ainda são feitos à mão, não existindo uma base de dados que os possa gerar automaticamente, os bilhetes dos museus ainda são feitos na DRCC com uma imagem pouco dignificante para o próprio serviço, tudo é muito demorado, incluindo o relacionamento com os consignantes, existindo vários obstáculos devido ao processo moroso do envio do relatório de vendas. Este projeto vai permitir a modernização dos equipamentos informáticos obsoletos, tanto no hardware como no software, criar um servidor que vai ser o núcleo de comunicação entre museus. A organização e gestão dos acervos dos museus com fichas e fotografias vai também, passar a ser possível. Os bilhetes emitidos nas bilheteiras dos museus poderão ser registados informaticamente após a entrada do público, possibilitando fazer um, rápido, relatório mensal para a contabilidade. Esse trabalho com alguma complexidade está, praticamente, pronto e irá permitir de forma mais eficiente a gestão: administrativa interna, dos stocks das lojas e empresas consignantes e dos acervos trabalho que neste momento é feito manualmente. A DRCC herdou museus que estavam vinculados ao antigo IMC e desde a gestão das estruturas aos logótipos, tivemos de adaptar tudo e todos a um novo modelo de gestão. Essa mudança, em curso, vai permitir agilizar a rede tornando-a mais eficaz. Desde a gestão dos funcionários às atividades culturais desenvolvidas passando também pela gestão do número de visitantes, tudo o que é inerente à gestão destes espaços, está subjacente a este projeto de modernização.”<sup>161</sup>*

---

<sup>160</sup> Quadro de Referência Estratégica Nacional - [www.qren.pt](http://www.qren.pt)

<sup>161</sup> Texto adaptado de uma conversa no âmbito das reuniões mensais de acompanhamento das atividades realizadas no estágio curricular com o Diretor de Serviços e Bens Culturais da DRCC.



Na sequência da pesquisa efetuada no decorrer do estágio e dos resultados obtidos com o questionário realizado aos “Museus no Centro”, ficaram claras as condicionantes com que algumas estruturas museológicas se debatem. Na totalidade dos museus, o sistema operativo utilizado é o Windows e os respetivos programas que vêm instalados com esse sistema. As dificuldades encontradas na edição de imagem são solucionadas com recursos a trabalhos e parcerias externas, como anteriormente foi referido, ou com a adaptação dos funcionários que, por força das circunstâncias, passaram a trabalhar com os recursos informáticos existentes usando, para isso, os programas de edição de imagem disponíveis nos seus computadores, com os quais desempenharam as funções para as quais foram recrutados. Assim, como se constata na tabela seguinte, são ou foram usados programas para edição de imagem pouco apropriados para o efeito pretendido, como é o caso do Autocad, Paint e Publisher.

MUSEUS	PROGRAMAS DE EDIÇÃO DE IMAGEM
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha	Autocad, Adobe collection
Museu Joaquim Manso	Corel, PowerPoint, Publisher
Museu de Aveiro	Paint, PowerPoint, Publisher
Museu José Malhoa	Adobe collection, Paint, PowerPoint
Museu Francisco Tavares Proença Júnior	Publisher, Paint
Museu da Guarda	PowerPoint
Museu da Cerâmica	Photoshop

Tabela 4. Programas de edição gráfica disponíveis nos computadores dos Museus pertencentes à rede “Museus no Centro”.

Apesar de, evidentemente, existirem dificuldades técnicas no que diz respeito à agilização de processos administrativos e de execução, o cenário que encontrei não é, apesar de tudo, pessimista. Pude verificar que a capacidade de adaptação e reinvenção existente na equipa com a qual trabalhei diretamente na Direção Regional de Cultura do Centro é uma virtude reforçada diariamente. Esta rede está no início do seu funcionamento e, como tudo o que começa, encontra-se num período de adaptação. Os museus sentem a necessidade de adaptar os seus projetos museológicos, de forma a aliar as novas tecnologias, adequando os seus recursos técnicos e humanos às respectivas realidades, mas tal só é possível com algum investimento financeiro que, dada a conjuntura económica do país, se tem tornado particularmente difícil. Se este investimento não se fizer nas várias áreas que compõem os espaços museológicos, os museus ficarão tendencialmente obsoletos. Foi esse esforço que vi ser iniciado pela estrutura que tutela os "Museus no Centro". Concordando com Marília Cury, *"como a museologia é uma transdisciplina em formação, à semelhança da área de comunicação, a aproximação e reciprocidade com outras áreas é essencial para a construção da transversalidade"*<sup>162</sup>, mas com a noção de que, ao criar plataformas digitais e não aproveitar as suas potencialidades, corre-se o risco de apenas preencher "o quadrado do envolvimento social"<sup>163</sup> sem que de fato este funcione como um instrumento de marketing. Para além disso, a aposta numa homogeneização da imagem é essencial para que o público/consumidor percepcione os diferentes espaços museológicos como "partes de um todo". Para que tal aconteça é necessário, do meu ponto de vista, a continuação do estudo iniciado<sup>164</sup>; a modernização dos equipamentos informáticos e formação e sensibilização para questões gráficas e estratégias de marketing dos recursos humanos; a construção/adaptação uma plataforma digital para recolha mais rápida da informação e programação das atividades da rede, que ao mesmo tempo permita uma uniformização e rápida disponibilização da mesma, a quem tem que executar o trabalho gráfico e a divulgação nas plataformas digitais, que na maioria das vezes - experienciei isso durante o período de estágio - tem um curto espaço de tempo para a execução dos suportes gráficos devido às alterações de última hora ou à demora na

---

<sup>162</sup> CURY Marília Xavier, "Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus" in Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 1, pp. 269-279.

<sup>163</sup> SEMEDO, Alice, NORONHA, Elisa, "Plataformas e outras conversações: Web quê?", *Museologia.pt*, N°3, Ministério da Cultura-Instituto dos Museus e da Conservação, 2009, p. 193-197.

<sup>164</sup> (o qual ficou em suporte digital nos programas disponíveis para edição gráfica na Direção Regional de Cultura do Centro);

recolha de informação inerentes a um processo que está a ser implementado de raiz e que depende de uma equipa, muito pequena, dado a dimensão do projeto Rede “Museus no Centro”. No seguimento dos estudos de uniformização gráfica foram realizados, ainda, dois Cartazes A0 para a divulgação dos Museus específicos da Guarda e Francisco Tavares Proença Júnior para a Feira Ibérica de Turismo que se realizou na cidade da Guarda no início de Maio de 2014. Dentro da linha dos estudos iniciados nos cartazes para as atividades comuns dos “Museus no Centro” e usando, neste caso, a forma que corresponde ao início da letra “M” das palavra Museus, foi aplicada a cor escolhida para cada museu a essa forma e associado o respetivo logótipo da instituição. Essa forma, com outra disposição no layout, foi aplicada noutro estudo, neste caso, na folha de sala para a inauguração da exposição “Paixão de Cristo” reaberta ao público pelo Museu José Malhoa.



Fig.50. Frente da folha de sala desenvolvida para a reabertura da exposição “Paixão de Cristo”, série de esculturas de autoria de Bordalo Pinheiro em terracota



O Museu da Guarda encontra-se instalado no antigo Seminário Episcopal, o mais emblemático edifício da época Moderna da cidade, obra do bispo D. Nuno de Noronha, feita sob o patrocínio do rei Filipe II, símbolo do poder e da autoridade religiosa da altura. O cervo do Museu, com cerca de 4 800 peças, é constituído por várias coleções, sendo a exposição organizada de forma cronológica, desde os tempos pré-históricos até à atualidade, num amplo espaço museográfico. O espólio arqueológico integra vestígios do calcolítico, cerâmica, escultura e numismas da época romana e medieval, provenientes da região. Da pintura e escultura sacra dos séculos XIII a XVIII realçam-se obras do Renascimento e Maneirismo. Apresenta também pintura e desenho de finais do século XIX e da primeira metade do século XX, de autores como Columbano, Eduarda Lapa, João Vaz, Carlos Reis e António Carneiro, entre outros e armaria dos séculos XVII a XX, maioritariamente doada por António Moura. Detém ainda coleções etnográficas, atualmente em reserva, que assinalam as primeiras atividades económicas da região.

**MUSEU DA GUARDA**

Rua General Álvaro Bezerra  
N.º 10, 4 100-443 Guarda  
tél 271 213 448  
e-mail: museu@dg-guarda.pt  
www.culturacentro.pt  
<https://facebook.com/pagina/Museu-da-Guarda>

**MUSEUS NO CENTRO**  
Rede de serviços desenvolvida por DGPC  
<https://facebook.com/pagina/Museus-no-Centro>

Fig.51. Layout do cartaz informativo desenvolvido para a Feira Ibérica de Turismo, realizada na cidade da Guarda<sup>165</sup>

<sup>165</sup> Mais info em <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.295970757246306.1073741852.144436452399738&type=1>

Por fim, não pude ainda deixar de lado a ilustração, onde a imaginação e a técnica interpretam ideias através de imagens que, neste caso específico, aglutinaram uma experiência profissional e pessoal que constituiu a base para a construção de um scrapbook. Assim, procurei dar uma interpretação muito pessoal, às imagens de alguns objetos que fazem parte dos acervos dos museus pertencentes à rede “Museus no Centro”. O resultado materializou-se num misto de livro de recortes e álbum de memórias, no qual recortes de fotos, papel, tesoura e colagens compuseram um objeto gráfico, apresentado na quarta edição do Brevemente - Concurso Universitário Internacional de Design e Multimédia, destinado a todos os estudantes de expressão Portuguesa no âmbito da Semana Cultural da Universidade de Coimbra, que este ano teve como mote, REDES.<sup>166</sup>



Fig.52. Scrapbook realizado no âmbito da IV edição do concurso Brevemente

---

<sup>166</sup> [www.brevemente.org](http://www.brevemente.org) - REDES, “Redes em que nos movimentamos ou que nos circundam - de trabalho, sociais, de solidariedade, familiares, dos afetos, do ecossistema, do universo, de transportes, da música, redes de investigação, redes científicas”



ig.53. Museu de Santa Joana do lado esquerdo e Mosteiro de Santa Clara-a-Velha do lado direito.



Fig.54.Mosteiro de Santa Clara-a-Velha do lado esquerdo e Museu Joaquim Manso do lado direito.



Fig.55.Museu Joaquim Manso do lado esquerdo e Museu da Cerâmica no lado direito.



Fig.56.Museu da Cerâmica do lado esquerdo e Museu José Malhoa do lado direito.



Fig.57.Museu José Malhoa do lado esquerdo e Museu Francisco Tavares Proença Júnior do lado direito.



Fig.58. Museu Francisco Tavares Proença Júnior.do lado esquerdo e Museu da Guarda do lado direito.



Fig.59. Museu da Guarda do lado esquerdo e Imagens de todos os museus do lado direito.

Um dos conceitos contemporâneos de museologia é a partilha de responsabilidade e de recursos. Assim, é fulcral o papel das equipas dos grupos promotores das redes museológicas, os quais trabalham cada vez mais para a inclusão social e para o envolvimento da comunidade local, facilitando o acesso, a partilha e divulgação das coleções e acervos que constituem o seu património museológico<sup>167</sup>. Como afirma Luís Raposo “*Cacos e pedras apenas falam quando se consegue entender o contexto*”<sup>168</sup>. De facto, pude verificar, ao longo do percurso extracurricular<sup>169</sup> iniciado no primeiro ano do mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, que a adaptação às novas tecnologias e a interatividade das coleções que os museus conservam, caminha para a contemporaneidade; o investimento e a aposta na modernização dos circuitos expositivos e dos serviços educativos são dignos de nota. Apesar das constrições financeiras, que, à semelhança do século passado, permanecem, existe um esforço por parte das entidades que tutelam os espaços museológicos no sentido de melhorar as suas condições físicas, nomeadamente na formação do pessoal, na aposta efetiva de implementação de programas de serviço educativo e no esforço protocolar de empreender parcerias com outras entidades museológicas, com o intuito de divulgar os seus acervos, partilhar os custos e as responsabilidades. Com efeito, procuram pôr em prática uma melhor gestão, conservação e divulgação do património que lhes está afeto, cumprindo, assim, as funções<sup>170</sup> inerentes a um museu, que passam pelo estudo, investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, segurança, interpretação, exposição e educação do público.

---

<sup>167</sup> Cf. CURY Marília Xavier, “Novas prespetivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus” *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, Volume 1, pp. 269-279. Disponível em : <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8132.pdf>, acedido em 31.07.2014. e MENSCH, Peter van, MENSCH, Léontine Meijer-van, RIHTER, Andreja, *New Trends in Museology*, Celje, Museum of Recent History, 2011.

<sup>168</sup> RAPOSO, Luís, “Arqueologia e Museus: experiências portuguesas recentes”, *Museologia.pt*, Nº 3, Lisboa, Ministério da Cultura-Instituto dos Museus e da Conservação, 2009, p.99

<sup>169</sup> Como tive já oportunidade de referir, realizei estágios extracurriculares nos renovados espaços museológicos, Museu Machado de Castro e Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, durante o primeiro ano curricular do Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural.

<sup>170</sup> Lei nº47/2004 de 19 de Agosto - Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses.

A noção de rede tem agregado o conceito de partilha de serviços comuns, cooperação, articulação, transversalidade, flexibilidade e comunicação, competências que a Rede Portuguesa de Museus certifica e qualifica às entidades que possuam as características museológicas básicas, necessárias e adequadas para a conservação e divulgação dos seus acervos. Três museus pertencentes a esta rede (Museu de Aveiro, Museu Tavares Proença Júnior e Museu da Guarda), fazem igualmente parte, desde 2012, da recente criada Rede “Museus no Centro”, tutelada pela Direção Regional de Cultura do Centro. Trata-se de um serviço central de administração direta do Estado, dotada de autonomia administrativa que exerce as suas atribuições e competências na área da cultura da zona centro, em articulação com os serviços e organismos da Presidência do Conselho de Ministros. Tendo obtido sucessão das responsabilidades do Instituto dos Museus e da Conservação, que tinha a seu cargo, entre outros espaços, o Museu de Aveiro, o Museu Francisco Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco, o Museu da Guarda, o Museu da Cerâmica e o Museu José Malhoa das Caldas da Rainha, o Museu Etnográfico e Etnológico Dr. Joaquim Manso, na Nazaré. Este conjunto de museus, do qual faz igualmente parte o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, constituem um grupo heterogéneo de espaços museológicos, quer pelos acervos e coleções que albergam, quer pelas condições e programas museológicos de que dispõem. De salientar que, o renovado espaço museológico do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, supra citado, celebrou em 2013 um protocolo de cooperação com dez instituições museológicas da cidade, com o intuito primordial de valorizar e incrementar a recuperação da perceção de Coimbra como “Cidade Museu”. A “Coimbra-Rede de Museus”, rede museológica, desenvolve atividades e promove a permuta de acervos, de forma a valorizar e divulgar o espólio dos museus e a cativar mais público. Desde 2012, a rede museológica “Museus no Centro” desenvolve uma programação de atividades culturais e de serviço educativo, partilhando recursos técnicos e humanos. No entanto, muitas necessidades, nomeadamente administrativas e técnicas, estão ainda por colmatar; neste sentido, está em desenvolvimento um projeto de modernização administrativa, apoiado pelo QREN, com o intuito de modernizar equipamentos informáticos, processos administrativos e de atualizar software de trabalho e gestão. As dificuldades em causa não permitem ainda o desenvolvimento e aplicação de uma imagem gráfica coerente e eficaz. A criação da marca, que teve início no final de 2012, com a criação de um logótipo para a rede museológica, surgiu

com o claro objectivo de unificar a imagem gráfica do todo que a rede constitui. Apesar do símbolo criado neste sentido representar os setes espaços museológicos, não foram definidas regras para a uniformização dos suportes gráficos necessários a cada instituição, como por exemplo, cartazes, folhas de sala, folhetos informativos, convites e plataformas digitais (suportes maioritariamente usados para divulgação de atividades). O desenvolvimento das plataformas digitais, no caso o site e a aplicação para telemóvel<sup>171</sup>, criadas por pessoas especializadas na área, maioritariamente estagiários de escolas de design não remunerados, beneficia a instituição a custo zero, mas imprime uma imagem negativa, devido à falta de manutenção das supra citadas plataformas, uma vez que, após a sua criação e implementação on-line, não lhes foi dada continuidade; para tal contribui o facto de a DRCC não dispor de recursos humanos com formação nem de meios técnicos que permitam uma eficiente atualização e manutenção das plataformas em causa. O objectivo original, informar e divulgar, acaba, assim, por perder-se, pois origina precisamente o efeito inverso. Digno de referência é o investimento na modernização das lojas existentes nos museus, que constituiu uma forte aposta durante o ano de 2013. Deste modo, foram criadas sete figuras identitárias representativas de cada espaço museológico impressas numa linha de produtos promocionais desenvolvidos especificamente para esse fim; estão disponíveis em todas as lojas dos museus pertencentes à rede.

O design tem como base um trabalho de investigação e busca necessário para a obtenção de resultados diferentes e inovadores. A criatividade, neste contexto, é direccionada tendo sempre em vista uma finalidade, que é a de fazer com que o objecto gráfico cumpra a sua função de chegar a um público. Por isso, os estudos gráficos iniciados no âmbito do estágio curricular para a uniformização dos suportes gráficos da rede museológica “Museus no Centro” deixam apenas sugestões que, obviamente, carecem de desenvolvimento. Quanto aos resultados da pesquisa acerca do universo das redes museológicas, tive oportunidade de completar a minha percepção do processo de transformação, baseado nas tecnologias de informação, a que a sociedade assiste, no sentido de que, como Manuel Castells defende: <sup>172</sup> “A

---

<sup>171</sup> The internet allows for new definitions of heritage and new forms of participation; mobile telephony offers new possibilities for meaning and sharing of experiences *in situ*. MENSCH Peter van, MENSCH, Léontine Meijer-van, RIHTER, Andreja, *New Trends in Museology*, Celje, Museum of Recent History, 2011.

<sup>172</sup> CASTELLS, Manuel, CARDOSO Gustavo, *Debates, A sociedade em rede - do conhecimento à ação política*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, disponível em [biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf](http://biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf), acedido em 29.05.2014.

*sociedade em rede, é a nossa sociedade, em diferentes graus, e com diferentes formas dependendo dos países e das culturas. Qualquer política, estratégia, projeto humano, tem de partir desta base. Não é o nosso destino, mas o nosso ponto de partida para qualquer que seja o «nosso» caminho, seja o céu, o inferno, ou apenas, uma casa remodelada.”*

## *ANEXOS*



exto publicado na Revista Via Latina da Seção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra, Número 11, Série VI, Março de 2014, pp.94-98.



*O meu agradecimento ao Dr. Artur Côrte Real<sup>1</sup> pela disponibilidade na orientação e correção deste texto.*

Vivemos numa era em que as redes de conhecimento adquiriram uma extensão planetária. Hoje em simultâneo, grupos de pessoas recebem grandes quantidades de informação universalmente disponível. O homem, recetor e emissor de informação, está cada vez mais integrado em redes de conhecimento, trabalho e diversão. Palavras como globalização, reprodução, diferenciação, democratização, assim como diversidade e semelhança, caminham lado a lado, num jogo de identidades. O processo de globalização é a energia que move a sociedade contemporânea e a sua economia, promovendo o desenvolvimento industrial e cultural, onde a maior transformação se deu, precisamente, nas tecnologias da comunicação.

Tecnologias que permitem a conexão de diferentes contextos sociais e regionais, onde centros de saber e de recursos se interligam à escala local e global, exercendo a sua influência num determinado pólo, mas cruzando-se, em diferentes pontos, com outros pólos de conhecimento e de poder.

Nos países mais desenvolvidos, o nível de escolarização é mais elevado e a informação está disponível à distância de um clique. No entanto, a rápida disponibilização de informação e conhecimento não impede as pessoas de procurarem as fontes originais; antes pelo contrário, as estatísticas apontam para uma maior procura de espaços museológicos por parte desse público mais instruído, para aprendizagem e lazer, percorrendo por vezes milhares de quilómetros em busca do contacto real com as fontes. Os museus deixaram de ser vistos como lugares onde se observa de uma forma conservadora, mas sim como espaços onde se aprende, interagindo com as coleções e o meio envolvente. É com este intuito que o conhecimento se difunde e cruza, cada vez mais, em ligações reais e virtuais promovidas por estes espaços, guardiões de memórias.

Foi na procura dessas memórias que dei por

<sup>1</sup>Diretor de Serviços dos Bens Culturais da Direção Regional de Cultura do Centro

mim a descobrir tesouros do património nacional guardados em Coimbra, inseridos nas estruturas de três redes museológicas de carácter nacional, regional e local, defendendo objetivos e valores comuns de partilha, de conhecimento e de cultura. Após o início do segundo semestre do mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, surgiu a vontade de redescobrir os principais locais onde a arte, que faz parte da história, nos permite o prazer da fruição. Iniciei o meu percurso pelo Museu Nacional de Machado de Castro, renovado espaço museológico, onde o seu primeiro diretor, António Augusto Gonçalves, foi mestre do grande defensor do conceito de rede museológica para a realidade portuguesa. Refiro-me a João Rodrigues da Silva Couto, nascido em Coimbra a 29 abril de 1892, licenciado em Direito e Letras na Universidade de Coimbra. Distinto museólogo e pedagogo, pioneiro na função pedagógica, animação cultural e na formação profissional, defendeu que os museus deveriam apresentar-se como "ativos, convidativos e explicativos [...]". Os museus, como as bibliotecas, podem e devem receitar-se como tónicos para a nossa desregulada vida, se tais estabelecimentos souberem adaptar-se de forma a atrair, mas sobretudo de forma a segurar o público dentro das suas paredes". Uma primeira proposta de rede no panorama museológico em Portugal terá ocorrido em 1941, por João Couto, numa conferência apresentada ao II Congresso do Pessoal Superior dos Museus de Arte<sup>2</sup>. Foi referida a necessidade de incluir na rede dos Museus do

<sup>2</sup>COUTO, João, "Tese apresentada ao II Congresso Transmontano", in Congressos e Conferências do Pessoal Superior dos Museus de Arte, Lisboa, 1941. Cit. in CAMACHO, Clara Frayão, "1- Problemática das redes de museus: contextualização e precedentes", in IPM/EP (RPM), "Rede Portuguesa de Museus: Linhas Programáticas", Ministério da Cultura, 2001





Estado que tivessem maior dimensão e necessitassem de mais apoio financeiro, assistência técnica, restauro e obras nos edifícios, pessoal devidamente qualificado, assim como estudar uma forma do Estado apoiar o desenvolvimento e a organização dos museus que dependessem das autarquias locais e das instituições particulares, promovendo o entendimento e trabalho em equipa entre diretores e os conservadores dos mesmos. Essa necessidade concretizou-se cerca de 60 anos mais tarde. No início de 1998, altura em que se iniciavam as reflexões para a criação da Rede Portuguesa de Museus, foi realizado um inquérito pelo Instituto Português de Museus com o intuito de conhecer de forma rigorosa a realidade museológica nacional e proceder ao recenseamento das instituições existentes. Este inquérito surgiu com a constatação, por parte do Instituto Português de Museus (IPM) da inexistência de instrumentos fiáveis e atualizados de recenseamento e caracterização da realidade museológica portuguesa. O setor museológico português revelou uma heterogeneidade que deixava a claro dificuldades financeiras, constrangimentos técnicos, necessidade de qualificação de pessoal e a urgência em trabalhar de forma a cativar públicos. A Rede Portuguesa de Museus<sup>9</sup>, criada na dependência orgânica do Instituto Português de Museus, pelo Despacho Conjunto n.º 616/2000 de 17 de maio, começou a funcionar como Estrutura de Projeto Rede Portuguesa de Museus (EP-RPM) em agosto de 2000. Aberta a todo o tipo de museus, independentemente da sua tutela, da abrangência do seu campo temático, das suas coleções e do seu âmbito territorial, submete os candidatos a um processo de credenciação, que

visa avaliar a qualidade técnica da instituição, para poder ser integrada na mesma. Em maio de 2012, no âmbito do Plano de Redução e Melhoria da Administração Central (PREMAC) do XIX Governo Constitucional, foi repensada e organizada a estrutura do estado, no sentido de lhe dar maior coerência e capacidade de resposta no desempenho de funções, reduzindo os seus custos de funcionamento. É criada a estrutura orgânica da Direção Geral do Património Cultural (DGPC)<sup>10</sup>, dotada de autonomia administrativa, que sucede nas atribuições do IGESPAR, I.P. Acompanhando as alterações do quadro institucional português na área da Cultura e as dinâmicas do panorama museológico nacional, fruto da orgânica institucional, neste caso da DGPC, o Departamento de Museus, Conservação e Credenciação e a Divisão de Museus e Credenciação (DMCC/DMC)<sup>11</sup> herdaram a missão de articulação da RPM, havendo assim uma troca direta de competências do anterior Departamento de Museus do Instituto dos Museus e Conservação (IMC).

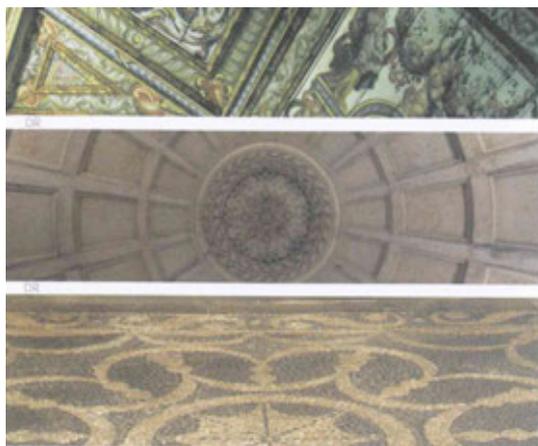
Atualmente constituída por 137 museus, inclui os museus e palácios nacionais tutelados pela DGPC, os museus tutelados pelas Direções Regionais da Cultura do Continente, da Região Autónoma dos Açores e da Região Autónoma da Madeira, os palácios nacionais e mais 90 museus tutelados por diversas entidades como Municípios, Universidades, Fundações, Associações, Empresas Públicas, Empresas Privadas, Igreja Católica e Misericórdias. São 14 os museus que se encontram geograficamente na zona centro e que fazem parte da RPM: Museu de Aveiro, Museu do Caramulo, Museu Escolar de Marrazes (Leiria), Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco), Museu da Guarda, Museu Grão Vasco (Viseu), Museu da Imagem e Movimento (Leiria), Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (Covilhã), Museu Marítimo de Ílhavo, Museu Monográfico de Conímbriga (Condeixa), Museu Municipal de Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra), Museu da Pedra (Cantanhede) e Museu da Vila Romana do Rabaçal (Penela).

O Museu Nacional de Machado de Castro, mem-

<sup>9</sup>Disponível em [http://www.oac.pt/pdfs/boletim\\_RPM\\_1.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/boletim_RPM_1.pdf)

<sup>10</sup>Criada pelo Decreto-Lei n.º 115/2012

<sup>11</sup>Despacho n.º 11142/2012



Estado que tivessem maior dimensão e necessitassem de mais apoio financeiro, assistência técnica, restauro e obras nos edifícios, pessoal devidamente qualificado, assim como estudar uma forma do Estado apoiar o desenvolvimento e a organização dos museus que dependessem das autarquias locais e das instituições particulares, promovendo o entendimento e trabalho em equipa entre diretores e os conservadores dos mesmos. Essa necessidade concretizou-se cerca de 60 anos mais tarde. No início de 1998, altura em que se iniciavam as reflexões para a criação da Rede Portuguesa de Museus, foi realizado um inquérito pelo Instituto Português de Museus com o intuito de conhecer de forma rigorosa a realidade museológica nacional e proceder ao recenseamento das instituições existentes. Este inquérito surgiu com a constatação, por parte, do Instituto Português de Museus (IPM) da inexistência de instrumentos fiáveis e atualizados de recenseamento e caracterização da realidade museológica portuguesa. O setor museológico português revelou uma heterogeneidade que deixava a claro dificuldades financeiras, constrangimentos técnicos, necessidade de qualificação de pessoal e a urgência em trabalhar de forma a cativar públicos. A Rede Portuguesa de Museus<sup>3</sup>, criada na dependência orgânica do Instituto Português de Museus, pelo Despacho Conjunto n.º 616/2000 de 17 de maio, começou a funcionar como Estrutura de Projeto Rede Portuguesa de Museus (EP-RPM) em agosto de 2000. Aberta a todo o tipo de museus, independentemente da sua tutela, da abrangência do seu campo temático, das suas coleções e do seu âmbito territorial, submete os candidatos a um processo de credenciação, que

visa avaliar a qualidade técnica da instituição, para poder ser integrada na mesma. Em maio de 2012, no âmbito do Plano de Redução e Melhoria da Administração Central (PREMAC) do XIX Governo Constitucional, foi repensada e organizada a estrutura do estado, no sentido de lhe dar maior coerência e capacidade de resposta no desempenho de funções, reduzindo os seus custos de funcionamento. É criada a estrutura orgânica da Direção Geral do Património Cultural (DGPC)<sup>4</sup>, dotada de autonomia administrativa, que sucede nas atribuições do IGESPAR, I.P. Acompanhando as alterações do quadro institucional português na área da Cultura e as dinâmicas do panorama museológico nacional, fruto da orgânica institucional, neste caso da DGPC, o Departamento de Museus, Conservação e Credenciação e a Divisão de Museus e Credenciação (DMCC/DMC)<sup>5</sup> herdaram a missão de articulação da RPM, havendo assim uma troca direta de competências do anterior Departamento de Museus do Instituto dos Museus e Conservação (IMC).

Atualmente constituída por 137 museus, inclui os museus e palácios nacionais tutelados pela DGPC, os museus tutelados pelas Direções Regionais da Cultura do Continente, da Região Autónoma dos Açores e da Região Autónoma da Madeira, os palácios nacionais e mais 90 museus tutelados por diversas entidades como Municípios, Universidades, Fundações, Associações, Empresas Públicas, Empresas Privadas, Igreja Católica e Misericórdias. São 14 os museus que se encontram geograficamente na zona centro e que fazem parte da RPM: Museu de Aveiro, Museu do Caramulo, Museu Escolar de Marrazes (Leiria), Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco), Museu da Guarda, Museu Grão Vasco (Viseu), Museu da Imagem e Movimento (Leiria), Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (Covilhã), Museu Marítimo de Ílhavo, Museu Monográfico de Conimbriga (Condeixa), Museu Municipal de Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra), Museu da Pedra (Cantanhede) e Museu da Vila Romana do Rabaçal (Penela).

O Museu Nacional de Machado de Castro, mem-

<sup>3</sup>Disponível em [http://www.oac.pt/pdfs/boletim\\_RPM\\_1.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/boletim_RPM_1.pdf)

<sup>4</sup>Criada pelo Decreto-Lei n.º 115/2012

<sup>5</sup>Despacho n.º 11142/2012

bro da Rede Portuguesa de Museus, é composto por núcleos de arte romana, arquitetura medieval, escultura, pintura, ourivesaria e mobiliário. Tendo iniciado o meu percurso de redescoberta de património por este espaço museológico, deparei-me com o relicário em prata simples e dourada representando Nossa Senhora com o Menino. Este pertenceu ao tesouro legado por Dona Isabel de Aragão, proveniente de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Trata-se de uma obra representativa do vasto espólio de objetos de culto dedicados à Virgem, legado pela época medieval, que nela encontrou uma das figuras de maior devoção.

Motivada pela curiosidade, procuro mais sobre a proveniência desse riquíssimo espólio. Sigo ao encontro do Mosteiro das Clarissas – fundado por D. Mor Dias, dama da Nobreza, em 1283 - e acarinhado por D. Isabel de Aragão, mais tarde Rainha Santa Isabel - hoje padroeira da cidade de Coimbra, que se envolveu no processo de o conservar, proteger e patrocinar. Foi na igreja deste Mosteiro que mandou colocar a sua arca tumular, esculpida por Mestre Pêro, hoje depositada no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, na sequência dos sucessivos alagamentos devido às cheias do Mondego e deteriorização das condições de habitabilidade, que levaram à construção, por iniciativa de D. João IV de Portugal, de um novo edifício para alojar as Clarissas no vizinho Monte da Esperança<sup>6</sup>. No Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, encontro um vasto acervo arqueológico, musealizado no centro interpretativo, fruto de um projeto de valorização do monumento e terrenos envolventes, disponível ao público desde 2009. Este Monumento Nacional não faz parte, por enquanto, da Rede Portuguesa de Museus, mas está incluído em duas redes, uma local e outra regional.

A primeira, a recém criada “Coimbra – Rede de Museus”<sup>7</sup>, pretende contribuir para a vitalidade e o dinamismo cultural de Coimbra articulando,

<sup>6</sup>CÔRTE-REAL, Artur, GAMBINI, Lígia, Mosteiro de Santa Clara de Coimbra – Do convento à ruína, da ruína à contemporaneidade, Direção Regional da Cultura do Centro, 2.ª edição, Coimbra, 2009

<sup>7</sup>Texto retirado do protocolo de colaboração estabelecido entre as entidades, a 13 de Maio de 2013, gentilmente disponibilizado pelo Dr. Artur Côte Real, Diretor de Serviços dos Bens Culturais da Direção Regional de Cultura do Centro.

cooperando e partilhando responsabilidades e recursos entre os oito parceiros, de adesão voluntária, que representam dez espaços museológicos da cidade. São eles, Museu da Água de Coimbra, Museu Municipal de Coimbra, Memorial Irmã Lúcia, Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Museu Nacional de Machado de Castro, Casa Museu Bissaya-Barreto, Museu da Santa Casa de Misericórdia de Coimbra, Museu Académico, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra e o Paço das Escolas, pertencente também à Universidade de Coimbra. Em 2013, a rede realizou a sua primeira ação no Dia Internacional dos Museus, partilhando uma programação disciplinada a par de uma divulgação conjunta, onde a permuta de acervos e atividades heterogéneas em simultâneo foram ao encontro do cerne da sua constituição.

A segunda rede, “Museus no Centro”, apresenta-se como um órgão de gestão de serviços dependentes da Direção Regional de Cultura do Centro. Pretende criar uma nova dinâmica na política cultural dos museus afetos, não subestimando a



identidade específica de cada um deles. É composta por sete espaços museológicos<sup>2</sup>: Museu de Aveiro, Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, Museu Dr. Joaquim Manso (Nazaré), Museu da Cerâmica e Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo-Branco) e Museu da Guarda. Aposta em programação transregional, horários alargados, lojas identitárias com mais oferta, serviços pedagógicos temáticos, atividades dinâmicas culturais (no campo da música, teatro, cinema, exposições temporárias, entre outras) para, desta forma, promover uma maior proximidade da comunidade e dos cidadãos. Defensora de valores como a preservação do património, a promoção da cultura, o conhecimento, a conservação e a divulgação das diversas coleções e espólio arqueológico que constituem os seus acervos, desenvolve ações de extensão cultural e pedagógica, procurando criar uma relação mais estreita e dinâmica com as comunidades e parceiros, apostando em políticas de acessibilidade e inclusão, cumprindo, dessa forma o papel de um serviço público.

Este modelo de gestão museológica vem ao encontro de um público que se quer cada vez mais instruído, informado e exigente. Com o intuito de uma intercomunicação regional e cumprindo as diretrizes do Plano de Redução e Melhoria da Administração Central (PREMAC) - dar maior coerência e capacidade de resposta no desempenho de funções, reduzindo os seus custos de funcionamento, é promovido pela rede Museus no Centro (um sentido de equipa onde a sinergia de ideias, recursos humanos e materiais apresenta uma maior eficácia operacional, pois não depende de um órgão administrativo central nacional,

<sup>2</sup><https://m.facebook.com/pages/Museus-no-Centro>

para a tomada de decisões regionais). Está criada assim, uma nova dinâmica de intercomunicação de pólos culturais regionais que, por estarem inseridos em rede, partilham recursos, saberes, experiências e públicos.

Constater, neste meu percurso de descoberta e aprendizagem, que os museus já não são “casas de memória que representam o passado”, mas espaços vivos que trabalham, cada vez mais, para a comunidade e para a contemporaneidade. Uma peça do tesouro da Rainha Santa Isabel sugeriu-me visitar dois pólos principais dos espaços museológicos da cidade de Coimbra que fazem parte de diferentes redes museológicas. Confesso que, como cidadã, essa percepção não é imediata, faltava a devida sensibilização, adquirida no âmbito do mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural. Ciente de que estas redes trabalharão no esforço (nem sempre fácil) de sinergias em prol de um bem comum, fica a esperança de que a frequência de ações em conjunto seja maior e que a sua divulgação seja mais diversificada e abrangente, para além das *mailing list* e do Facebook.

Que a *linkagem* da história do seu património possa ser dada a conhecer através de atividades educativas comuns, que envolvam diversas gerações e que as intenções lavradas em papel o ultrapassem. Importa, ainda, fazer o reconhecimento do profissionalismo e empenho das equipas reduzidas que encontrei ao longo da minha passagem por estes espaços museológicos. À semelhança dos anos 70, continuam a deparar-se com dificuldades financeiras, materiais e de recursos humanos. Têm que se reinventar e ajustar aos novos desafios que a constante evolução da sociedade solicita.



Estudo inicial da estrutura do arquivo digital, elaborado em conjunto com a equipa de coordenação da Rede “Museus no Centro”, Artur Côrte Real (Diretor de Serviço), Leonor Lopes (Assessoria), José Augusto Dias (Assistente Técnico)

ENTIDADE	REF	CATEGORIA	TIPO	RECURSOS	5m	RECURSOS
Serviços Dependentes	2012	PRODUÇÃO CULTURAL	Ateliers Oficinas Dias temáticos Festas Jogos Visitas guiadas Férias Concursos Conferências Congressos Encontros Jornadas Palestras Seminários Fóruns Feiras de Livro Ciclos de Música Ciclos de Cinema Teatro Jantar temático	cartazes, folheto informativo, desdobráveis, convite,		900,20,
				cartazes, folheto informativo, desdobráveis, convite,		
				cartazes, folheto informativo, desdobráveis		
				internet (gestão de conteúdos)		900,20,200
				manual de identidade, (logotipo, normalização de documentos gráficos)		900,20,001
Serviços de Apoio ou Projetos comuns	2012	PRODUÇÃO CULTURAL	Feira do Livro Feira Temática Livros (EDP&S) Jantares Ciclos de Cinema Concursos Dias temáticos Jornadas Marca Museu no Centro Projeto Lojas Museus	cartaz		900,10, 900,10,900 900,10,900
				Festival das Artes		
				Festival de Teatro Amador		
Fundação Inês de Castro Lyon Club Figueras Foz Associação Escolhadas	2012	PRODUÇÃO CULTURAL	Escaladas Ecor de Orgão Bnadas em concerto	Escaladas		
				Ecor de Orgão		
				Bnadas em concerto		

## Anexo 2

Estrutura final do arquivo digital para catalogação dos suportes gráficos , impressos, de divulgação das actividades culturais desenvolvidas desde 2012 no âmbito da Rede “Museus no Centro”. Trabalho elaborado no decorrer do estágio curricular que resultou no início da construção de um arquivo físico. Na imagem apenas se visualizam 11 cotas , mas o arquivo conta com mais de 50 suportes gráficos catalogados, que vão de cartazes, a panfletos, passado por bilhetes de entrada, entre outros, suportes de divulgação.

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO Suportes gráficos - 2012 / 2014									
Título	Produto Gráfico	Serviço Emissor	Serviço Dependente	Atividade	Data do início	Duração	Apoios	Observações	Cota
Museus no Centro, rede de serviços dependentes da DRCC	Cartaz A4	DRCC	Museus no Centro	Divulgação da rede de serviços dependentes	2013-00-00		DRCC		A-1-1
Museus no Centro, rede de serviços dependentes da DRCC	Cartaz A4	DRCC	Museus no Centro	Divulgação da rede de serviços dependentes	2012-00-00		DRCC		A-1-2
Museus no Centro, rede de serviços dependentes da DRCC	Cartaz A4	DRCC	Museus no Centro	Divulgação da rede de serviços dependentes	2012-00-00		DRCC	Design Hugo Barreto	A-1-3
Feira solidária	Cartaz A4	DRCC		Divulgação de Feira solidária	2013-03-29	3 dias	Cáritas Portuguesa, DRCC	Design ESEC-Tiago Dinis	A-1-4
Feira solidária	Cartaz 34,5 x 50cm	DRCC		Divulgação de Feira solidária	2013-03-29	3 dias	Cáritas Portuguesa, DRCC	Design ESEC-Tiago Dinis	A-1-5
Feira solidária	Bilhetes 15,5 x 5cm	DRCC		Divulgação de Feira solidária	2013-03-29	3 dias	Cáritas Portuguesa, DRCC	Design ESEC-Tiago Dinis - impressão de exemplar em A4	A-1-6
Museus no Centro rede de serviços dependentes da DRCC	Cartaz A3	DRCC	Museus no Centro	Apresentação do Projeto Museus no Centro	2013-06-13	1 dia	Freguesia Santa Clara - Coimbra, Quinta das Lágrimas, Expresso mágico, Lamounier e gallego, lda.	Design ESEC - não dá para perceber quem foi o autor	A-1-7
Museus no Centro rede de serviços dependentes da DRCC	Bilhetes 15,5 x 5cm	DRCC	Museus no Centro	Bilhetes para os museus pertencentes à rede de serviços Dependentes da DRCC	2013-00-00			Design DRCC	A-1-8
Museus no Centro rede de serviços dependentes da DRCC	Calendário A3	DRCC	Museus no Centro	Calendário A3	2013-00-00			Design DRCC	A-1-9
730 anos -1ª Fundação Mosteiro Santa Clara a Velha	Cartaz A3	DRCC	Mosteiro Santa Clara-a-Velha	Comemoração dos 730 Anos da 1ª Fundação Mosteiro Santa Clara a Velha	2013-04-12	6 dias	ESEC	Existe um apoio que não consegui confirmar no logo impresso	A-1-10
Dia da Cidade de Coimbra	Cartaz A3	DRCC	Mosteiro Santa Clara-a-Velha	4 de Julho - Dia da Cidade de Coimbra	2013-07-04	1 dia	ESEC, Escola secundaria Fernando Namora		A-1-11

Exemplos do manual de identidade do Museu de Aveiro desenvolvido pela empresa:  
tvm designers. [www.tvmdesigners.pt](http://www.tvmdesigners.pt)

### Versão a Cores



MUSEU DE AVEIRO

CORES DIRECTAS IMPRESSÃO	CMYK IMPRESSÃO	RGB ECRÁ	HTML ECRÁ
 Pantone 131	C0 · M35 · Y100 · K20	R200 · G164 · B19	# c8a413
 Pantone 431	C11 · M0 · Y0 · K64	R116 · G121 · B126	# 74797e

### Versão a Preto



MUSEU DE AVEIRO

CORES DIRECTAS IMPRESSÃO	CMYK IMPRESSÃO	RGB ECRÁ	HTML ECRÁ
 Pantone Black	K100	R0 · G0 · B0	# 000000

### Anexo 3

#### Tipos de letra

The Antiqua SemiBold Caps [AUTORIA DE LUCAS DE GROOT]

ABCDEFGHIJKLMN**OPQRSTUVWXYZ**  
ABCDEFGHIJKLMN**OPQRSTUVWXYZ**

Este tipo de letra é usado exclusivamente para a denominação do Museu.

Myriad Pro [AUTORIA DE ROBERT SLIMBACH E CAROL TWOMBLY]

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz  
ABCDEFGHIJKLMN**OPQRSTUVWXYZ** REGULAR  
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz  
ABCDEFGHIJKLMN**OPQRSTUVWXYZ** SEMIBOLD  
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz  
ABCDEFGHIJKLMN**OPQRSTUVWXYZ** BOLD

Este tipo de letra é usado para toda e qualquer informação associada à identidade visual do Museu.

#### Comportamento sobre fundos de cor



O comportamento sobre fundos de cor deve cumprir as regras mais elementares de legibilidade de ambos os componentes da identidade (símbolo e designação). As cores originais da identidade só devem ser usadas sobre cores claras ou preto. Sobre fundos de luminosidade média a versão aberta a branco é a aconselhada. Sobre fundos escuros que permitam a legibilidade do símbolo, este deve manter a sua cor original (amarelo ocre) mas a designação deve ficar a branco.

### Comportamento sobre fundos fotográficos



Sobre fundos fotográficos, deve procurar-se uma área preferencialmente lisa, sem muita variação cromática e aplicar as mesmas regras do *comportamento sobre fundos de cor*.

É de evitar o uso sobre zonas com grande contraste lumínico. Se tal for impossível, deve usar-se um rectângulo (cujas dimensões mínimas correspondam à *margem de segurança*), opaco ou com um grau de transparência favorável à boa legibilidade.

### Protecção da identidade



MUSEU DE AVEIRO

A identidade visual do Museu de Aveiro é composta pelo conjunto símbolo/denominação.

A colocação relativa destes elementos e a relação proporcional entre si é imutável.

Não são permitidas alterações, tais como: modificação das proporções ou de posicionamento, composição num outro tipo de letra, mudança de cores, ou quaisquer outras que comprometam a unidade da identidade.



### Anexo 3

## Dimensões de reprodução

#### DIMENSÃO MÁXIMA

Não há limites para a dimensão máxima, desde que se utilizem as artes-finais feitas com vectores (AI, EPS, WMF ou PDF).

Não são permitidas ampliações a partir de ficheiros JPEG ou PSD (imagens feitas de mapas de bits) devido à perda da qualidade da imagem.

#### DIMENSÃO MÍNIMA

Se a impressão for em quadricromia a dimensão mínima é de 19mm de largura.



Se a impressão for com cores directas ou a preto a dimensão mínima é de 12 mm.



Logótipos dos espaços museológicos da Rede “Museus no Centro”.



MUSEU DE AVEIRO

mosteiro  
SANTA CLARA  
A VELHA



MUSEU DR. JOAQUIM MANSO



Museu da  
Cerâmica



museu **Malhoa**



MUSEU  
FRANCISCO  
TAVARES  
PROENÇA  
JÚNIOR



## Anexo 5

Passaporte “Museus no Centro”

Textos Lígia Inês Gambini; Coordenação Artur Côrte-Real e Lígia Inês Gambini

Edição Gráfica e capa Patrícia Cortesão-ESEC



Passaporte “Museus no Centro”.  
Exemplos das Ilustrações elaboradas por Tiago Dinis-ESEC



## Anexo 6

As imagens abaixo apresentam a ilustração de autoria de Patrícia Cortesão representando o conjunto dos sete espaços museológicos que compõe a rede “Museus no Centro”. Esta ilustração foi aplicada em t-shirts, no passaporte museus no centro, em cartazes e vídeos promocionais.



Cartaz elaborado para a divulgação da feira de Natal realizada em 2013 em todas as lojas dos museus da rede “Museus no Centro”. Foram executas duas versões: a primeira com as figuras identitárias criadas para cada museu e, a segunda com peças de referência de cada museu, mostrando dessa forma a diversidade de acervos existentes. Versão I



GOVERNO DE PORTUGAL  
INSTITUTO DE ESTADOS DA CULTURA  
DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

MUSEUS NO CENTRO  
REDE DE SERVIÇOS DEPENDENTES DA DRCC

**“O MUSEU  
É UMA PRENDA”**  
Feira de Natal  
3.12.2013 a 12.01.2014

**-50%**

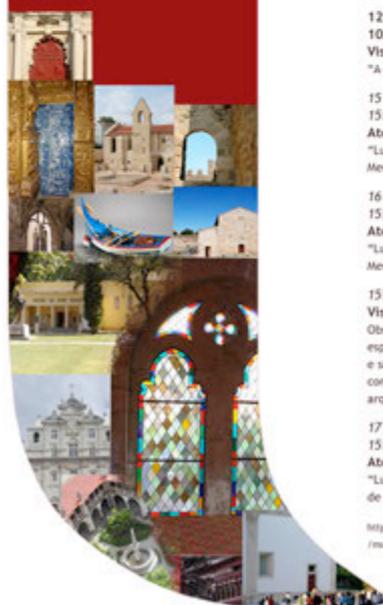
MUSEU MALHOA  
CASA DA AVÓ  
MUSEU DE AVEIRO  
MUSEU DO PORTUGAL  
MUSEU DE LISBOA

Cartaz com programação das atividades do dia 18 de Abril - Dia Internacional dos Monumentos e Sítios



18 de abril 2014

Dia Internacional dos Monumentos e Sítios  
lugares de memória





**15 de abril**  
14:00  
**Percurso da Nazaré**  
Praia, Pederneira e Sítio  
"O Mar - Do trabalho à religiosidade"

**16 de abril**  
14:00  
**Percurso de Familiarção da Nazaré**  
"Fontes e Lavadouros"

**17 de abril**  
14:00  
**Percurso do Valado dos Frades**  
"Da Antiga Lagoa da Pederneira aos Rios do Valado"

**18 de abril**  
11:00 e 15:00  
**Visitas guiadas**  
"O museu como lugar de memória"

<https://pt-pt.facebook.com/museudalazare>



**15 de abril**  
10:00-16:30  
**Oficina pedagógica**  
"As jóias da coroa"

18:00  
**Tertúlia**  
"Memórias perdidas, da regra alimentar monástica às regras alimentares da medicina chinesa de hoje"

**16 de abril**  
10:00-16:30  
**Oficina pedagógica**  
"O meu brasão"

17:00  
**Apresentação do Projeto**  
"Beira Serra - Clássicos no Centro - Por esses museus fora..."

**17 de abril**  
10:00-16:30  
**Oficina pedagógica**  
"Os mimos doces do Convento"

**18 de abril**  
10:30 e 15:00  
**Visitas guiadas**  
"Olhar a arquitetura"

11:30 e 16:00  
**Visitas guiadas**  
"O Paço da Rainha e o Hospital de Santa Isabel"

<https://pt-pt.facebook.com/Mosteiro.santaclara.aveia>



**16 e 18 de abril**  
15:00  
**Mesa redonda**  
"Lugares de memória - Identidades"

18 de abril  
10:00-18:00  
**Jogo**  
"A descoberta de um tesouro no MFTPJ"

**Oficina pedagógica**  
"Vamos construir um museu?"

**Projeção**  
"História do Museu em imagens"

11:00 e 16:00  
**Visitas guiadas**  
pelo museu na perspetiva do Monumento/Paço Episcopal e na perspetiva do Museu

<https://pt-pt.facebook.com/pages/Museu-Francisco-Tavares-Praenca-Xantô>



**12 de abril**  
10:00-13:00  
**Visita temática**  
"A cerâmica"

**15 de abril**  
15:00-16:30  
**Atelier no Jardim**  
"Lugares de Memória"

**16 de abril**  
15:00-16:30  
**Atelier no Jardim**  
"Lugares de Memória"

15:00-17:00  
**Visita ao Jardim**  
Observação de espécies da flora e sua análise no contexto arquitetónico

**17 de abril**  
15:00-16:30  
**Atelier no Jardim**  
"Lugares de Memória"

<https://pt-pt.facebook.com/museu.ceramica>



**18 de abril**  
10:30-12:30  
**Visita guiada**  
"A tumularia, um lugar de memória"

<https://pt-pt.facebook.com/museuaveiro>



**15 de abril**  
10:00  
**Mesa redonda**  
"Lugares de memória - Identidades"

14:00  
**Visita guiada**  
Museu, Sé, Centro Histórico e Jardim

18 de abril  
10:00-18:00  
**Atividade**  
"Vamos construir um monumento"

**Atividade**  
"Jogo da memória"

**Atividade**  
"Tangram: Guarda - séculos de história e comércio com tradição"

**Projeção de filme**  
"Lugares da cidade em imagens"

11:00 e 16:00  
**Visitas guiadas**  
"Ex-Museu Regional da Guarda - lugares de Memória"

<https://pt-pt.facebook.com/Museu-da-Guarda>



**12 a 20 de abril**  
10:00-17:00  
**Oficina pedagógica**  
"O aprendiz do património"

<https://pt-pt.facebook.com/museuomalhoa>

Informações: <https://facebook.com/Museus-no-Centro> | <https://www.culturacentro.pt>

137

## Anexo 9

Cartaz com programação das atividades para a comemoração dos 40 anos do dia 25 de Abril.

**GOVERNO DE PORTUGAL**  
SECRETARIA REGIONAL DO CENTRO  
DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO  
**MUSEUS NO CENTRO**  
REDE DE SERVIÇOS DEPENDENTES DA DRCC

# Comemorações dos 40 Anos do 25 de Abril

**MUSEU DE AVEIRO**

25 de abril  
16:00-18:00  
**Sessão de Curtas-Metragens**

"Antes de amanhã"  
de Gonçalo Galvão Teles

"Timor Loro Sae"  
de Vitor Lopes

"Rajada"  
de Vasco Branco

**Tertúlia**  
Leonel Rosa, professor  
Francisco Vaz da Silva, designer  
e editor Rocha Andrade, advogado

<https://pt-pt.facebook.com/museuaveiro>

**MUSEU DA GUARDA**

25, 26 e 27 de abril  
10:00-19:00  
**Oficina**

**Fanzines de Abril**  
Realização de fanzines, sob o tema "O que é para mim o 25 de Abril", no âmbito da exposição "Fanzines - esse desconhecido! Mostra de Fanzines e de trabalhos de Geraldo Lino".

25 de abril  
15:30  
**Projeção do Filme**

"Agora nós" por Pedro Soares

<https://pt-pt.facebook.com/pages/MuseuDaGuarda>

**MUSEU DA CERÂMICA**

25 de abril  
21:00  
**Palestra**

A importância da cerâmica criativa de autor no desenvolvimento da imagem, da projeção e da modernidade da cerâmica das Caldas

<https://pt-pt.facebook.com/museuda.ceramica>

**MUSEU MALHOA**

25 de abril  
11:00 e 15:00  
**Oficina pedagógica**

"Dia da Liberdade"  
Dobragens e escrita criativa, através da construção de um cartão, com escrita de mensagem, comemorativo dos 40 anos da revolução de 25 de Abril de 1974, também conhecida como Revolução dos Cravos.

<https://pt-pt.facebook.com/museuomalhoa>

**MUSEU FRANCISCO TAVERES FREIXO-ANTOR**

25 de abril  
18:00  
**Exposição**

Inauguração da exposição no salão Nobre, "Palavras da Liberdade". Ary dos Santos

<https://pt-pt.facebook.com/pages/Museu-Francisco-Taveres-Freixo-Antor>

24 e 25 de abril  
11:00, 15:00 e 16:30  
**Projeção do filme**

"A Hora da Liberdade"  
Cedido pelo Núcleo Museológico do Posto de Comando do MFA, da Câmara Municipal de Odivelas.

25 de abril  
17:00  
**Tertúlia**

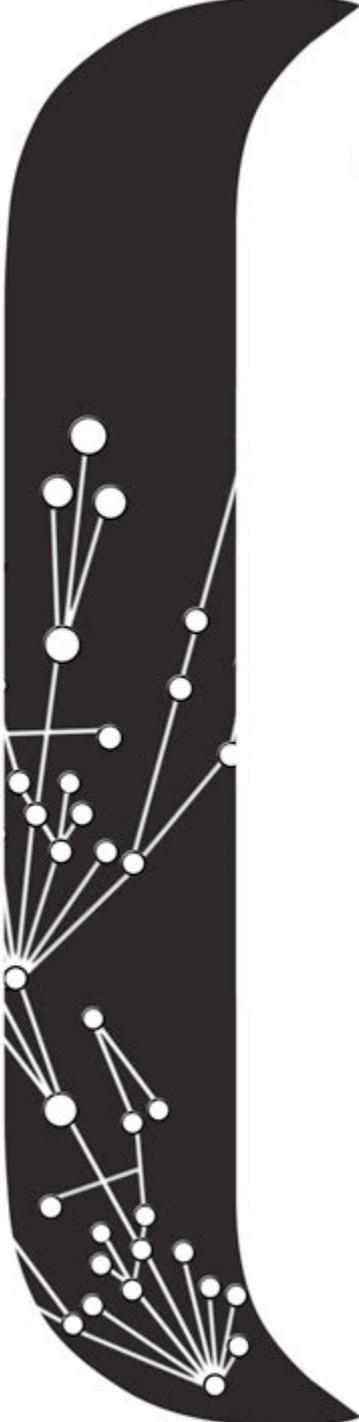
"Conversas de Abril"  
Conversa informal entre convidados e público, sobre memórias e vivências de abril de 1974.

18:30  
**Concerto**

"Canções de Abril"

<https://pt-pt.facebook.com/Museu-da-Guarda>

Informações <https://Facebook.com/Museus-no-Centro> | <https://www.culturalcentro.pt>



 GOVERNO DE PORTUGAL | SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA  
DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

 MUSEUS NO CENTRO

# 18 de Maio 2014

## Dia Internacional dos Museus

“Museus: As coleções criam conexões”

 MUSEU DE AVEIRO

 Cerâmica

 MUSEU DO ALENTEJO

 MUSEU DA GUARDA

 MUSEU DE JACIM BRANCO

 museu Malhoa

 museu CASTAGNARA AVELHA

Informações: <https://facebook.com/Museus-no-Centro> | <https://www.culturascentro.pt>

## Anexo 11

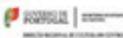
Layout do projecto Beira Serra- Clássicos no Centro por esses museus fora...”. A opção por imagens realistas tanto do museu Francisco Tavares Proença Júnior como de um exemplar dos carros clássicos que fizeram parte da comitiva foi propositada de forma a criar uma imagem “cinematográfica” para aplicação em faixas, dossiers de imprensa, cartazes e panfletos.



**BEIRA SERRA**  
CLÁSSICOS NO CENTRO  
POR ESSES MUSEUS FORA ...  
31 MAIO E 1 JULHO  
MUSEU FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

CIRCULOS  
PALESTRA  
APRESENTAÇÃO FILME  
EXPOSIÇÃO CLÁSSICOS  
EXPOSIÇÃO MINIATURAS  
VENTAS GUARDAS

ORGANIZAÇÃO

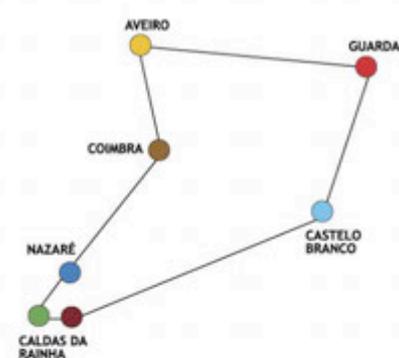
Anuncio de Revista e marcador executados para a Direção regional de Cultura do Centro



Anexo 13

Flyers informativos sobre os museus da rede "Museus no Centro" - Frente comum a todos





**MUSEUS NO CENTRO** projeta-se como uma Rede de instituições museológicas e patrimoniais de referência, ao serviço dos cidadãos, com afirmação da diversidade regional e das figuras identitárias de cada um dos espaços. || **MUSEUS NO CENTRO** pauta-se pelos valores da preservação do património, da promoção da cultura, pela competência e pela excelência dos serviços que presta, pela política de acessibilidade e inclusão, pela abertura à comunidade, numa relação estreita e dinâmica com cidadãos e parceiros, cumprindo um serviço público. || **MUSEUS NO CENTRO** tem como Missão o conhecimento, a conservação e a divulgação das diversas coleções e espólio arqueológico que constituem os seus acervos, o desenvolvimento de ações culturais e pedagógicas, tais como visitas comentadas e oficinas pedagógicas, um programa renovado de exposições temporárias, concertos e espetáculos, palestras e cinema. || os **MUSEUS NO CENTRO** dispõem de lojas com livros e catálogos, réplicas de peças originais e artigos exclusivos, onde os conceitos de passado e contemporaneidade se cruzam, estando, para breve, o alargamento a todos do serviço de cafetaria, para que a fruição pública destes Espaços de Cultura e Lazer passe a fazer parte dos quotidianos.

DRCC - Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes - Jardim da Manga  
3000-303 COIMBRA - TELEF. 239 701 391 - FAX 239 701 378  
culturacentro@drcc.pt

	<p>AVEIRO</p> <p>Museu de Aveiro N 40° 38' 20.21'' O 8° 39' 03.72''</p>	
	<p>COIMBRA</p> <p>Mosteiro de Santa Clara-a-Velha N 40° 12' 04.04'' O 8° 25' 53.86''</p>	
	<p>NAZARÉ</p> <p>Museu Dr. Joaquim Manso N 39° 36' 22.95'' O 9° 04' 33.41''</p>	
	<p>CALDAS DA RAINHA</p> <p>Museu da Cerâmica N 39° 23' 56.66'' O 9° 07' 48.18''</p>	
	<p>Museu José Malhoa N 39° 24' 03.49'' O 9° 08' 02.34''</p>	
	<p>CASTELO BRANCO</p> <p>Museu Francisco Tavares Proença Júnior N 39° 49' 42.85'' O 7° 29' 40.36''</p>	
	<p>GUARDA</p> <p>Museu da Guarda N 40° 32' 15.08'' O 7° 16' 04.04''</p>	



**MUSEU DE AVEIRO**



Princesa Santa Joana  
(Séc. XV)

Av. Santa Joana  
3810-329 AVEIRO  
T. 234 423 297  
F. 234 421 749  
maveiro@drcc.pt  
facebook - Museu de Aveiro  
facebook - Museus no Centro

**TERÇA-FEIRA A DOMINGO**  
De abril à 1ª semana de outubro:  
10h00-19h00  
2ª semana de outubro a março:  
10h00-18h00

**ENCERRAMENTO AO PÚBLICO**  
segundas-feiras,  
1 de janeiro e 25 de dezembro





**O MUSEU DE AVEIRO**  
está sediado no antigo Convento de Jesus, da Ordem Dominicana, fundado no século XV, tendo sido D. Afonso V a lançar a primeira pedra em 1462. Contra a vontade do monarca, a sua filha D. Joana nele se recolheu em 1472, ficando o convento desde então associado à figura da Princesa, beatificada em 1693.

Na exposição permanente, destaque para as imagens e relíquias do culto da Princesa Santa Joana, usadas na procissão de 12 de Maio, aniversário da sua morte, para além de obras de pintura, escultura, talha, mobiliário e azulejo, ordenadas desde o século XV a XIX.

Dos acervos constam ainda peças de ourivesaria, têxteis, cerâmica, livro antigo, manuscritos e outras.

A visita proporciona o percurso pelos antigos espaços conventuais: a portaria, o claustro, com colonata renascentista rodeado de capelas, a casa do capítulo, a igreja (monumento nacional), ricamente ornada com talha dourada, painéis de azulejo e telas alusivas à vida da Princesa, o coro baixo, onde se encontra o seu monumental túmulo barroco, e algumas capelas.

## Anexo 13

Flyers informativos sobre os museus da rede "Museus no Centro" - Museu de Castelo Branco



Touro da Serra de Oleiros  
(Séc. II-III)

Largo Dr. José Lopes Dias  
6000-462 CASTELO BRANCO  
T. 272 344 277  
F. 272 347 880  
mftpj@drcc.pt  
facebook - Museu Francisco Tavares  
Proença Júnior  
facebook - Museus no Centro

TERÇA-FEIRA A DOMINGO  
De abril à 1ª semana de outubro:  
10h00-19h00  
2ª semana de outubro a março:  
10h00-18h00

ENCERRAMENTO AO PÚBLICO  
segundas-feiras,  
1 de janeiro e 25 de dezembro



### O MUSEU FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

destaca-se como um dos mais importantes museus da região da Beira Baixa. Encontra-se instalado no antigo Paço Episcopal, erguido em 1596, por iniciativa de D. Nuno de Noronha, bispo da Guarda, posteriormente ampliado e enriquecido com o jardim barroco, por D. João de Mendonça. Deve o nome ao seu fundador e primeiro diretor, que o dotou de uma coleção de arqueologia com espólio da pré-história e das épocas romana e medieval, resultado das suas recolhas e escavações arqueológicas na região de Castelo Branco e noutros locais do País. Integra seis Tesouros Nacionais: os três Menires de São Martinho, a Fibula do tesouro de Monsanto, a Estatueta romana de Idanha-a-Velha e a Gravura rupestre de Vilas Ruivas. Ao acervo arqueológico somaram-se obras de arte primitiva portuguesa, paramentaria e tapeçarias do século XVI, provenientes do Paço Episcopal. É de destacar o núcleo de colchas de Castelo Branco, doadas por Ernesto Vilhena. O Museu dispõe de uma oficina-escola de bordados regionais, onde se pode observar a manufatura de colchas e painéis bordados a seda sobre linho. Exibe ainda uma coleção de arte contemporânea portuguesa.



Zé Povinho  
(Séc. XX)

Rua Doutor Ilídio Amado  
2500-217 CALDAS DA RAINHA  
T. 262 840 280  
F. 262 840 281  
mceramica@drcc.pt  
facebook - Museu da Cerâmica  
facebook - Museus no Centro

**TERÇA-FEIRA A DOMINGO**  
De abril à 1ª semana de outubro:  
10h00-19h00  
2ª semana de outubro a março:  
10h00-18h00

**ENCERRAMENTO AO PÚBLICO**  
segundas-feiras,  
1 de janeiro e 25 de dezembro



O MUSEU DA CERÂMICA reúne um dos mais representativos espólios de cerâmica do país, desde as formas olárias à produção artística dos séculos XIX a XX. De produção caldense são de realçar as invulgares peças de Manuel Mafra e de Rafael Bordalo Pinheiro, inspiradas na fauna e na flora e nas figuras populares portuguesas, a produção "Arte Nova" de Costa Motta Sobrinho e as criações contemporâneas de Ferreira da Silva e Eduardo Constantino. O Museu exhibe peças de outros centros cerâmicos e artistas nacionais e estrangeiros, como a Real Fábrica do Rato, Juncal, Rouen, Wedgwood, Cifka; um núcleo de cerâmica contemporânea, como Llorens Artigas, Júlio Pomar e Manuel Cargaleiro; obras ilustrativas de design em cerâmica e vidro nacionais e estrangeiras. Mostram-se ainda núcleos de azulejaria hispano-mourisca e holandesa do século XVI ao século XX. O Museu está instalado na Quinta Visconde de Sacavém, num palacete romântico revivalista, rodeado de jardins com lagos, floreiras e alamedas e dispõe de um edifício histórico, exposições temporárias, oficina de olaria e loja.

## Anexo 13

Flyers informativos sobre os museus da rede "Museus no Centro" - Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

mosteiro  
**SANTA CLARA  
A-VELHA**



Cabeça Feminina  
(Séc. XV-XVI)

MONUMENTO NACIONAL  
CENTRO INTERPRETATIVO  
SITIO ARQUEOLÓGICO

Rua das Parreiras  
3040-266 COIMBRA  
T. 239 801 160  
F. 239 801 169  
mosteiro.scvelha@drcc.pt  
facebook - Mosteiro.santaclara.a.velha  
facebook - Museus no Centro

TERÇA-FEIRA A DOMINGO  
De abril à 1ª semana de outubro:  
10h00-19h00  
2ª semana de outubro a março:  
10h00-18h00

ENCERRAMENTO AO PÚBLICO  
segundas-feiras,  
1 de janeiro e 25 de dezembro



☎️ 🗺️ ♿ 🧑🏫 📖 🎁

FUNDADO INICIALMENTE em 1283, por D. Mor Dias, o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra foi extinto pouco depois e refundado pela rainha D. Isabel de Aragão. A sua proximidade ao rio Mondego determinou uma convivência conturbada com as suas águas, acabando por ser abandonado em finais do séc. XVII. Após uma escavação arqueológica em grande escala e a valorização do espaço da antiga cerca monástica, o Mosteiro abriu ao público, em 2009, dotado de um centro interpretativo. A exposição "Freiras e Donas de Santa Clara: arqueologia da clausura" ilustra a vida quotidiana das clarissas, através do espólio arqueológico. Exibe achados únicos, tais como algumas das mais antigas porcelanas a chegar à Europa, e outros objetos requintados como esculturas, faianças, vidros e adornos pessoais e também simples utensílios, como fusos, agulhas e dedais. Documentários sobre a história do convento e sobre o seu resgate para a contemporaneidade completam o percurso pelo novo edifício. No exterior destaca-se a imponente arquitetura da igreja e o maior claustro gótico de Portugal, onde avultam escultura e azulejaria do século XV e XVI. Uma modelação virtual mostra a adaptação do mosteiro às inundações, ao longo dos séculos. Melhor Museu Português em 2010.



Santo António do Pão  
(Séc. XVI-XVII)

Rua Alves Roçadas, 30  
6300-663 GUARDA  
T. 271 213 460  
F. 271 223 221  
mguarda@drcc.pt  
facebook - Museu da Guarda  
facebook - Museus no Centro

**TERÇA-FEIRA A DOMINGO**  
De abril à 1ª semana de outubro:  
10h00-19h00  
2ª semana de outubro a março:  
10h00-18h00

**ENCERRAMENTO AO PÚBLICO**  
segundas-feiras,  
1 de janeiro e 25 de dezembro



O MUSEU DA GUARDA encontra-se instalado no antigo Seminário Episcopal, o mais emblemático edifício da época Moderna da cidade, obra do bispo D. Nuno de Noronha, feita sob patrocínio do rei Filipe II, símbolo do poder e da autoridade religiosa da altura. O acervo do Museu, com cerca de 4800 peças, é constituído por várias coleções, sendo a exposição organizada de forma cronológica, desde os tempos pré-históricos até à atualidade, num amplo espaço museográfico. O espólio arqueológico integra vestígios do calcolítico, cerâmica, escultura e numismas da época romana e medieval, provenientes da região. Da pintura e escultura sacra dos séculos XIII a XVIII, realçam-se obras do Renascimento e Maneirismo. Apresenta também pintura e desenho de finais do século XIX e da primeira metade do século XX, de autores como Columbano, Eduarda Lapa, João Vaz, Carlos Reis e António Carneiro, entre outros, e armaria dos séculos XVII a XX, maioritariamente doada por António Moura. Detém ainda coleções etnográficas, atualmente em reserva, que assinalam as principais atividades económicas da região.

## Anexo 13

Flyers informativos sobre os museus da rede "Museus no Centro". Museu José Malhoa



museu **Malhoa**



"As Promessas", José Malhoa  
1933

Parque D. Carlos I  
2500-109 CALDAS DA RAINHA  
T. 262 831 984  
F. 262 843 420  
mjosemalhoa@drcc.pt  
facebook - Museu José Malhoa  
facebook - Museus no Centro

**TERÇA-FEIRA A DOMINGO**  
De abril à 1ª semana de outubro:  
10h00-19h00  
2ª semana de outubro a março:  
10h00-18h00

**ENCERRAMENTO AO PÚBLICO**  
segundas-feiras,  
1 de janeiro e 25 de dezembro





O MUSEU JOSÉ MALHOA assume-se como o museu do naturalismo português, com uma importante coleção de pintura de vários autores dos séculos XIX e XX, que expressaram a sua mestria em retratos, paisagens, pintura de costumes e das vivências do quotidiano. Realçam-se os artistas do chamado Grupo do Leão, como Silva Porto, José Malhoa Columbano, João Vaz e António Ramalho, e os da segunda geração naturalista, como Carlos Reis, Veloso Salgado, Eduardo Malta e Henrique Medina, além de uma notável coleção de escultura e estatuária. O Museu reúne a maior coleção de pinturas do próprio José Malhoa e exibe, ao ar livre, um núcleo de escultura. Completam as coleções um acervo de cerâmica das Caldas, articulada em torno da obra de Rafael Bordalo Pinheiro, do conjunto único das 60 esculturas em terracota da "Paixão de Cristo" de sua autoria. Considerado um museu acessível, dispõe de um vídeo em língua gestual portuguesa, uma brochura em braille, audioguias e um filme de animação dedicado ao público juvenil. A Biblioteca de Arte reúne mais de 5.000 espécies.

Flyers informativos sobre os museus da rede "Museus no Centro". Museu da Nazaré



MUSEU DR. JOAQUIM MANSO



Barco de arte xávega  
"Jesus de Nazaré"  
(miniatura)  
(Séc. XX)

Rua D. Fuas Roupinho, 30  
Sítio da Nazaré  
2450-065 NAZARÉ  
T. 262 562 801  
F. 262 561 246  
mjmanso@drcc.pt  
facebook - Museu Dr. Joaquim Manso  
facebook - Museus no Centro

**TERÇA-FEIRA A DOMINGO**  
De abril à 1ª semana de outubro:  
10h00-19h00  
2ª semana de outubro a março:  
10h00-18h00

**ENCERRAMENTO AO PÚBLICO**  
segundas-feiras,  
1 de janeiro e 25 de dezembro







**ESTE MUSEU** foi aberto ao público em 1976, na antiga casa de férias do jornalista Joaquim Manso, localizada no Sítio, um dos núcleos populacionais mais antigos da Nazaré.

Os testemunhos milenares da presença humana nesta costa, a história da vila e o culto de Nossa Senhora da Nazaré, a cultura do mar e as artes de pesca, o trabalho e a festa e os seus trajes tradicionais, são temas que compõem o percurso expositivo, incidente na identidade da região e na sua íntima relação com o mar. Diversas categorias de objetos, que vão desde a pré-história até ao nosso século, ilustram estas temáticas: embarcações e apetrechos da pesca tradicional, trajes populares, pintura e escultura, bem como uma coleção de fotografias de Álvaro Laborinho, entre outros, fixam momentos da religiosidade e da vida quotidiana desta vila piscatória, eleita como praia de veraneio nos alvares do século XX e, hoje, famosa pela sua "Onda".

Na proximidade, o majestoso Promontório sobranceiro ao mar e o conjunto monumental religioso da Ermida da Memória e Santuário de Nossa Senhora da Nazaré.

## Anexo 14

Reprodução integral dos resultados obtidos dos questionários enviados aos sete museus que integram a rede "Museus no centro"

### QUESTIONÁRIO

No âmbito de um estudo, a decorrer sobre o processo de concepção de suportes de comunicação dos museus afetos à DRCC, gostaríamos de solicitar a vossa colaboração na resposta ao questionário que se segue.

Nome do Museu: Museu da Cerâmica\_ Preencheu o questionário \_ Guilhermina Costa

1. Que Sistema Operativo e que programas para execução gráfica de flyers, cartazes e outros suportes usam atualmente? Coloque um X à frente.

Sistema Operativo:

Windows

Mackintosh - OS

Linux

Programas:

PowerPoint

Publisher

Paint

Adobe collection

Freehand

Corel

Outro. Qual? Photoshop

2. Dispõem de colaboradores com formação em artes gráficas ou design? Coloque um X à frente.

Sim

Formação específica:

Não

3. Com que dificuldades se deparam na concepção de suportes gráficos?

Resposta: com falta de programas adequados à execução dos suportes de divulgação

4. Recorrem a colaborações externas para a execução e impressão dos suportes gráficos? Se sim, quais?

Resposta: Impressão dos suportes gráficos- R-Zero, Vogal e Netcópia

5. Que apoio recebem da DRCC para a resolução de questões relacionadas com a concepção dos suportes de comunicação e impressão?

Resposta: sempre que os trabalhos sejam apresentados atempadamente

6. Que plataformas de divulgação usam na internet? Coloque um X à frente.

b) Site institucional

a) Facebook

- d) Twitter
- c) Newsletter
- d) Outro. Qual?                      Blog

**7. Que dificuldades sentem na utilização destas plataformas?**

Resposta: as pessoas que utilizam esta plataforma não têm dificuldade no acesso

**8. Fazem campanhas conjuntas com outros Museus / Serviços para divulgação de acções culturais?**

Resposta: regularmente fazemos divulgação em parceria com outras instituições culturais

**9. A programação das actividades desenvolvidas pelo museu é elaborada? *Coloque um X à frente.***

- a) Anualmente                      X
- b) Semestralmente
- c) Mensalmente

**10. Sugestões para melhoria de dificuldades.**

Resposta: aquisição de bons equipamentos juntamente com os programas adequados que permitam desenvolver melhor os suportes de divulgação.

*Obrigada pela Colaboração.*

## Anexo 14

Reprodução integral dos resultados obtidos dos questionários enviados aos sete museus que integram a rede "Museus no centro"

### QUESTIONÁRIO

No âmbito de um estudo, a decorrer sobre o processo de concepção de suportes de comunicação dos museus afetos à DRCC, gostaríamos de solicitar a vossa colaboração na resposta ao questionário que se segue.

**Nome do Museu:** Museu Francisco Tavares Proença Júnior Preencheu o questionário \_ Aida Rechena

**1. Que Sistema Operativo e que programas para execução gráfica de flyers, cartazes e outros suportes usam atualmente? Coloque um X à frente.**

**Sistema Operativo:**

Windows -  X

Mackintosh - OS X

Linux

**Programas:**

PowerPoint

Publisher -  X

Paint -  X

Adobe collection

Freehand

Corel

Outro. Qual?

**2. Dispõem de colaboradores com formação em artes gráficas ou design? Coloque um X à frente.**

Sim

Formação específica:

Não -  X

**3. Com que dificuldades se deparam na concepção de suportes gráficos?**

Resposta:

A falta de formação específica e de programas mais eficazes e direcionados para a criação gráfica.

**4. Recorrem a colaborações externas para a execução e impressão dos suportes gráficos? Se sim, quais?**

Resposta: Por vezes recorremos a colaboração/parcerias com entidades externas:

Instituto Politécnico de Castelo Branco/ ESART - Escola Superior de Artes Aplicadas

Conservatório Regional de Castelo Branco

**5. Que apoio recebem da DRCC para a resolução de questões relacionadas com a concepção dos suportes de comunicação e impressão?**

Resposta: Apoio na concepção e impressão de suportes de comunicação

**6. Que plataformas de divulgação usam na internet? Coloque um X à frente.**

b) Site institucional – X (da DRCC)

a) Facebook X

d) Twitter

c) Newsletter

d) Outro. Qual? Email

**7. Que dificuldades sentem na utilização destas plataformas?**

Resposta: O acesso à internet (através de PEN de Banda larga) é a principal dificuldade

**8. Fazem campanhas conjuntas com outros Museus / Serviços para divulgação de acções culturais?**

Resposta: Sim no âmbito da Rede de Museus no Centro

**9. A programação das actividades desenvolvidas pelo museu é elaborada? Coloque um X à frente.**

a) Anualmente X

b) Semestralmente

c) Mensalmente

**10. Sugestões para melhoria de dificuldades.**

Resposta: Instalação do Office nos computadores (a maioria tem o Open Office)

Disponibilização de programas de desenho gráfico (além do Publisher e do Paint)

***Obrigada pela Colaboração.***

## **Anexo 14**

Reprodução integral dos resultados obtidos dos questionários enviados aos sete museus que integram a rede "Museus no centro"

### **QUESTIONÁRIO**

No âmbito de um estudo, a decorrer sobre o processo de concepção de suportes de comunicação dos museus afetos à DRCC, gostaríamos de solicitar a vossa colaboração na resposta ao questionário que se segue.

**Nome do Museu: Museu da Guarda Preencheu o Questionário\_ Aida Rechena**

**1. Que Sistema Operativo e que programas para execução gráfica de flyers, cartazes e outros suportes usam atualmente? Coloque um X à frente.**

**Sistema Operativo:**

Windows -

Mackintosh - OS

Linux

**Programas:**

PowerPoint

Publisher

Paint -

Adobe collection

Freehand

Corel

Outro. Qual?

**2. Dispõem de colaboradores com formação em artes gráficas ou design? Coloque um X à frente.**

Sim

Formação específica:

Não -

**3. Com que dificuldades se deparam na concepção de suportes gráficos?**

Resposta: A falta de formação específica e de programas mais eficazes e direcionados para a criação gráfica

**4. Recorrem a colaborações externas para a execução e impressão dos suportes gráficos? Se sim, quais?**

Resposta: Por vezes recorremos a colaboração/parcerias com entidades externas; Câmara Municipal da Guarda; Conservatório Regional de Castelo Branco

**5. Que apoio recebem da DRCC para a resolução de questões relacionadas com a concepção dos suportes de comunicação e impressão?**

Resposta: Apoio na concepção e impressão de suportes de comunicação

**6. Que plataformas de divulgação usam na internet? Coloque um X à frente.**

b) Site institucional - X (da DRCC)

a) Facebook X

d) Twitter

c) Newsletter

d) Outro. Qual? Email

**7. Que dificuldades sentem na utilização destas plataformas?**

Resposta: O acesso à internet (através de PEN de Banda larga) é a principal dificuldade

**8. Fazem campanhas conjuntas com outros Museus / Serviços para divulgação de acções culturais?**

Resposta: Sim no âmbito da Rede de Museus no Centro

**9. A programação das atividades desenvolvidas pelo museu é elaborada? Coloque um X à frente.**

a) Anualmente X

b) Semestralmente

c) Mensalmente

**10. Sugestões para melhoria de dificuldades.**

Resposta: Instalação da Internet por fibra ótica ; Instalação do Office nos computadores (muitos têm Open Office que é muito limitado); Disponibilização de programas de desenho gráfico (além do Publisher e do Paint)

***Obrigada pela Colaboração.***

## Anexo 14

Reprodução integral dos resultados obtidos dos questionários enviados aos sete museus que integram a rede "Museus no centro"

### QUESTIONÁRIO

No âmbito de um estudo, a decorrer sobre o processo de concepção de suportes de comunicação dos museus afetos à DRCC, gostaríamos de solicitar a vossa colaboração na resposta ao questionário que se segue.

Nome do Museu: MUSEU JOSÉ MALHOA\_Preencheu o Questionário\_Carlos Coutinho

1. Que Sistema Operativo e que programas para execução gráfica de flyers, cartazes e outros suportes usam atualmente? Coloque um X à frente.

Sistema Operativo:

Windows - X

Mackintosh - OS

Linux

Programas:

PowerPoint X

Publisher

Paint X

Adobe collection X

Freehand

Corel

Outro. Qual?

2. Dispõem de colaboradores com formação em artes gráficas ou design? Coloque um X à frente.

Sim X

Formação específica: Frequentou a licenciatura em Design Gráfico

Não

3. Com que dificuldades se deparam na concepção de suportes gráficos?

Resposta: Necessidade de uma colaboração a tempo inteiro, visto que o colaborador que realiza este tipo de trabalhos é Assistente Administrativo.

4. Recorrem a colaborações externas para a execução e impressão dos suportes gráficos? Se sim, quais?

Resposta: Sim -DRCC - Coimbra, ACCCRO - Caldas da Rainha; Netcópia - Caldas da Rainha. Solicitamos a impressão de Cartazes, Flyers e Lonas.

5. Que apoio recebem da DRCC para a resolução de questões relacionadas com a concepção dos suportes de comunicação e impressão?

Resposta: Impressão e execução de alguns suportes gráficos

**6. Que plataformas de divulgação usam na internet? Coloque um X à frente.**

b) Site institucional

a) Facebook

d) Twitter

c) Newsletter

d) Outro. Qual?

**7. Que dificuldades sentem na utilização destas plataformas?**

Resposta: Nenhuma

**8. Fazem campanhas conjuntas com outros Museus / Serviços para divulgação de acções culturais?**

Resposta: Sim, com os Museus do Centro, Turismo das Caldas

**9. A programação das actividades desenvolvidas pelo museu é elaborada? Coloque um X à frente.**

a) Anualmente

b) Semestralmente

c) Mensalmente

**10. Sugestões para melhoria de dificuldades.**

Resposta: Técnico especializado em Design Gráfico.

***Obrigada pela Colaboração.***

## Anexo 14

Reprodução integral dos resultados obtidos dos questionários enviados aos sete museus que integram a rede "Museus no centro"

### QUESTIONÁRIO

No âmbito de um estudo, a decorrer sobre o processo de concepção de suportes de comunicação dos museus afetos à DRCC, gostaríamos de solicitar a vossa colaboração na resposta ao questionário que se segue.

**Nome do Museu:** Museu de Aveiro\_ Preencheu o Questionário\_ Cláudia Pinto e Melo

**1. Que Sistema Operativo e que programas para execução gráfica de flyers, cartazes e outros suportes usam atualmente? Coloque um X à frente.**

**Sistema Operativo:**

Windows

Mackintosh - OS

Linux

**Programas:**

PowerPoint

Publisher

Paint

Adobe collection

Freehand

Corel

Outro. Qual?

**2. Dispõem de colaboradores com formação em artes gráficas ou design? Coloque um X à frente.**

Sim

Formação específica: Informático (DRCC); Design e Ilustração (CEI Património 2013/14)

Não

**3. Com que dificuldades se deparam na concepção de suportes gráficos?**

Resposta: Não existem dificuldades na concepção de suportes gráficos.

**4. Recorrem a colaborações externas para a execução e impressão dos suportes gráficos? Se sim, quais?**

Resposta: Esporadicamente sim.

**5. Que apoio recebem da DRCC para a resolução de questões relacionadas com a concepção dos suportes de comunicação e impressão?**

Resposta: Quando necessário os suportes de comunicação são concebidos pela DRCC.

**6. Que plataformas de divulgação usam na internet? *Coloque um X à frente.***

b) Site institucional No presente, apenas existe o site da DRCC (<http://www.drcc.pt> )

a) Facebook X

d) Twitter

c) Newsletter Em preparação

d) Outro. Qual?

**7. Que dificuldades sentem na utilização destas plataformas?**

Resposta: Nenhuma.

**8. Fazem campanhas conjuntas com outros Museus / Serviços para divulgação de acções culturais?**

Resposta: Sim, as campanhas de divulgação produzidas pela DRCC.

**9. A programação das actividades desenvolvidas pelo museu é elaborada? *Coloque um X à frente.***

a) Anualmente

b) Semestralmente

c) Mensalmente X

**10. Sugestões para melhoria de dificuldades.**

Resposta: A chegada recente de um novo equipamento de impressão/fotocopiadora/gráfico, já nos permitirá ser mais rápidos na produção atempada dos materiais gráficos.

***Obrigado pela Colaboração.***

## **Anexo 14**

Reprodução integral dos resultados obtidos dos questionários enviados aos sete museus que integram a rede "Museus no centro"

### **QUESTIONÁRIO**

No âmbito de um estudo, a decorrer sobre o processo de concepção de suportes de comunicação dos museus afetos à DRCC, gostaríamos de solicitar a vossa colaboração na resposta ao questionário que se segue.

**Nome do Museu: Mosteiro De Santa Clara-A-Velha\_Preencheu o Questionário\_Catarina Leal**

**1. Que Sistema Operativo e que programas para execução gráfica de flyers, cartazes e outros suportes usam atualmente? Coloque um X à frente.**

**Sistema Operativo:**

Windows

Mackintosh - OS

Linux

**Programas:**

PowerPoint

Publisher

Paint

Adobe collection

Freehand

Corel

Outro. Qual? AUTOCAD

**2. Dispõem de colaboradores com formação em artes gráficas ou design? Coloque um X à frente.**

Sim

Formação específica:

Não

**3. Com que dificuldades se deparam na concepção de suportes gráficos?**

Resposta: Falta de conhecimentos.

**4. Recorrem a colaborações externas para a execução e impressão dos suportes gráficos? Se sim, quais?**

Resposta: Sim. Desde Janeiro de 2014 temos contado com o apoio de um elemento CEI PATRIMÓNIO e com o responsável pela segurança, que possuem conhecimentos na área.

**5. Que apoio recebem da DRCC para a resolução de questões relacionadas com a concepção dos suportes de comunicação e impressão?**

Resposta: Sempre que necessário recorreremos à DRCC, nomeadamente no que diz respeito à concepção de suportes de comunicação.

**6. Que plataformas de divulgação usam na internet? Coloque um X à frente.**

- b) Site institucional           X
- a) Facebook                    X
- d) Twitter
- c) Newsletter
- d) Outro. Qual?                Agenda7, Eventoscoimbra.com

**7. Que dificuldades sentem na utilização destas plataformas?**

Resposta: Inserção de múltiplas imagens e vídeos.

**8. Fazem campanhas conjuntas com outros Museus / Serviços para divulgação de acções culturais?**

Resposta: sim

**9. A programação das actividades desenvolvidas pelo museu é elaborada? Coloque um X à frente.**

- a) Anualmente                 X
- b) Semestralmente
- c) Mensalmente

**10. Sugestões para melhoria de dificuldades.**

Resposta: Formação na área do design gráfico.

***Obrigada pela Colaboração.***

## Anexo 14

Reprodução integral dos resultados obtidos dos questionários enviados aos sete museus que integram a rede "Museus no centro"

### QUESTIONÁRIO

No âmbito de um estudo, a decorrer sobre o processo de concepção de suportes de comunicação dos museus afetos à DRCC, gostaríamos de solicitar a vossa colaboração na resposta ao questionário que se segue.

Nome do Museu: Joaquim Manso\_Respondeu ao Questionário\_Dóris Santos

#### 1. Que Sistema Operativo e que programas para execução gráfica de flyers, cartazes e outros suportes

usam atualmente? Coloque um X à frente.

##### Sistema Operativo:

Windows

Mackintosh - OS X

Linux

##### Programas:

PowerPoint

Publisher

Paint

Adobe collection

Freehand

Corel

Outro. Qual? Photoshop

#### 2. Dispõem de colaboradores com formação em artes gráficas ou design? Coloque um X à frente.

Sim

Formação Específica:

Não

#### 3. Com que dificuldades se deparam na concepção de suportes gráficos?

Resposta: Falta de equipamento informático, de programas e software adequado (Corel, Photoshop, etc.) e de técnicos com formação específica; Falta de meios para impressão / divulgação dos suportes gráficos produzidos.

#### 4. Recorrem a colaborações externas para a execução e impressão dos suportes gráficos? Se sim, quais?

Resposta: Para execução, pontualmente do Gabinete de Design da Câmara Municipal da Nazaré ou de outra entidade parceira em projectos (Escolas, associações, etc.).

Para impressão, recurso pontual a serviço externo, sempre que o equipamento do Museu não é adequado ao tipo de impressão (dimensão, qualidade, tipo de trabalho), ou por falta de consumíveis.

#### 5. Que apoio recebem da DRCC para a resolução de questões relacionadas com a concepção dos suportes de comunicação e impressão?

Resposta: Pontualmente, apoio na concepção de cartazes dos eventos ou na sua impressão.

#### 6. Que plataformas de divulga..o usam na internet? Coloque um X . frente.

b) Site institucional  X (blog)

- a) Facebook X
- d) Twitter
- c) Newsletter X
- d) Outro. Qual? X Mailing list

**7. Que dificuldades sentem na utiliza..o destas plataformas?**

Resposta: Dificuldades técnicas ao nível do funcionamento normal da internet e falta de formação dos técnicos.

**8.Fazem campanhas conjuntas com outros Museus / Serviços para divulgação de ações culturais?**

Resposta: Por norma não. A não ser em eventos realizados conjuntamente (exposições, ações do serviço educativo, etc.) ou na divulgação de material gráfico produzido centralmente pela DRCC.

9. A programação das atividades desenvolvidas pelo museu é elaborada? Coloque um X . frente.

- a) Anualmente X (Plano Anual de Atividades)
- b) Semestralmente
- c) Mensalmente X (Agenda Mensal, a partir do Plano Anual de Atividades e/ou de nova programação)

**10. Sugestões para melhoria de dificuldades.**

Resposta: Proporcionar açõeas de formação na àrea da produção de materiais gráficos (Corel, Photoshop ou outros programas similares); Equipar os PC's dos museus com os referidos programas; Assegurar meios internos para a impress.o imediata dos materiais gr.ficos elaborados, com qualidade.

Obrigada pela Colaboração.

## BIBLIOGRAFIA

- BERNARDES, João Pedro, “As Paisagens da Memória: museus, património e identidades”, *Património e Identidades (actas XIV Jornadas sobre a função social do Museu)*, Ourém, Câmara Municipal de Ourém, 2003.
- BONNICI, Peter, Frayão, “A rede portuguesa de museus e os museus com colecções de arqueologia: parâmetros de sustentabilidade”, *Revista da Linguagem Visual: o Misterioso Meio de Comunicação*, Lisboa, Destarte, 2000.
- CAMACHO, Clara *Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, I Série, Vol. VII-VIII, Porto, Universidade do Porto, 2008-2009.
- CAMACHO, Clara Frayão, *Rede Portuguesa de Museus: linhas programáticas*, Lisboa, Rede Portuguesa de Museus-Instituto Português de Museus, 2001.
- CAMACHO, Clara Frayão, “Rede Portuguesa de Museus - Um projecto em construção”, *Actas Fórum Internacional Rede de Museus*, Instituto Português de Museus, 2002.
- CARVALHO, Ana Cristina Barreto de, *Gestão de Património Museológico: as Redes de Museus*, [pós-graduação em Artes Visuais], São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008.
- DABNER, David, *Design and Layout: Understanding and Using Graphics*, London, Batsford, 2003.
- GASPAR, Sónia Filipa da Silva, *Museu Nacional do Traje: Reflexões e Contributos para a Elaboração do Programa Museológico*, [dissertação de mestrado], Lisboa, FCSH-Universidade Nova de Lisboa, 2010.
- GONÇALVES, António Manuel, *Museus e turismo*, Lisboa, [s.n.], 1965.
- GRECHO, Pedro, *Comunicação em Serviços Públicos: o impacto da publicidade na alteração de comportamentos do cidadão*, [dissertação de mestrado], Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, 2010.

- MENSCH, Peter van, MENSCH, Léontine Meijer-van, RIHTER, Andreja, *New Trends in Museology*, Celje, Museum of Recent History, 2011.
- *Museus em Rede. Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, Nº 37, Lisboa, Direcção-Geral do Património Cultural, 2010.
- NEVES, José Soares, SANTOS, Jorge Alves, NUNES, Joana Saldanha, “Os museus em Portugal: políticas públicas e dinâmicas do sector em Portugal nos anos mais recentes”, *Mundos Sociais: Saberes e Práticas* (Actas do VI Congresso Português de Sociologia), Lisboa, FCSH-Universidade Nova de Lisboa, 2008.
- SALDANHA, Nuno, *José Malhoa - Tradição e Modernidade*, Lisboa, Scribe, 2010.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima *et al.* (coord.), *Inquérito aos Museus em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais-Instituto Português dos Museus, 2000.
- SANTOS, Maria de Lurdes Lima, OLEIRO, Manuel Bairrão (coords.), *O panorama museológico em Portugal: 2000-2003*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais-Instituto Português dos Museus, 2005.
- SEMEDO, Alice, NORONHA, Elisa, “Plataformas e outras conversações: Web quê?”, *Museologia.pt*, Nº3, Ministério da Cultura-Instituto dos Museus e da Conservação, 2009.
- RAPOSO, Luís, “Arqueologia e Museus: experiências portuguesas recentes”, *Museologia.pt*, Nº 3, Lisboa, Ministério da Cultura-Instituto dos Museus e da Conservação, 2009, p. 75-103.
- RÊGO, Carla Maria P. C. R, *João Couto-Homem e Obra, [Dissertação de Mestrado] em Museologia e Património Cultural*, Coimbra, FLUC Universidade de Coimbra, 2008.
- ROCHA, Carlos Sousa, *Teoria do Design*, Lisboa, Plátano Editora, 1994.

## ARTIGOS CONSULTADOS ON-LINE

- BATTISTELLA, Natalie, Colombo R. Joana, ABREU, C. K.Karen, *A importância da Cor nas Embalagens como Fator Influenciador no Momento da Compra*: Disponível em [www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-kraemer-embalagens.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-kraemer-embalagens.pdf), acessado em 11.03.2014
- 
- Cf.CURY Marília Xavier, “Novas prespetivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus” *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, Volume 1, pp. 269-279. Disponível em : <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8132.pdf>, acessado em 31.07.2014.
- CAMACHO, Clara, “ *In Memoriam*” *Per-Uno Agren*, Informação icom.pt, série II, nº2 (Set-Nov 2008) - info II-2\_set-nov08.pdf. Disponível em [www.icom-portugal.org/boletim\\_icom,0,210.aspx](http://www.icom-portugal.org/boletim_icom,0,210.aspx), acessado em 20.01.2014
- LEITE, Pedro Pereira, “*A Nova Museologia e os Movimentos sociais em Portugal*”, 2014, disponível em <http://hdl.handle.net/10437/4642>, acessado em 27.06.2014
- MOUTINHO, Mário C. “Definição evolutiva de Sociomuseologia-proposta para reflexão”, *XIII Atelier Internacional do MINOM*, Lisboa,2007, disponível em [www.minom-portugal.Org/documentos-de-referencia/10-definicao-de-sociomuseologia.html](http://www.minom-portugal.Org/documentos-de-referencia/10-definicao-de-sociomuseologia.html), acessado em 27.06.2014.
- NEVES, José Soares, SANTOS, Jorge Alves dos, NUNES, Joana Saldanha, “*Os museus em Portugal: políticas públicas e dinâmicas do sector em Portugal nos anos mais recentes*” in VI Congresso Português de Sociologia,Univrsidade Nova de Lisboa,2008 Disponível em <http://www.aps.pt/vicongress/pdfs/768.pdf>,acessado em 02-03-2014.
- POLL, Carolina Rodrigues, *Identidade Visual para um Museu do Design no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, [Trabalho de conclusão de graduação], Universidade Federal do Rio Grande do Sul,2010, disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/27848>,acessado em 19.05.2014

- Rede Portuguesa de Museus, *Relatório dos encontros RPM 2013*. Disponível em [http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/Relatorio\\_reunioes\\_RPM\\_2013.pdf](http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/Relatorio_reunioes_RPM_2013.pdf), acessado em 23.02.2014
- THE ECONOMIST, “*Museums Temples of delight*”, disponível em [www.economist.com/news/special-report/21591707-museums-world-over-are-doing-amazingly-well-says-fiammetta-rocco-can-they-keep](http://www.economist.com/news/special-report/21591707-museums-world-over-are-doing-amazingly-well-says-fiammetta-rocco-can-they-keep), acessado em 6-01-2014.

### **ARTIGOS DE JORNAL**

- MARQUES, Paulo, Artur Côrte-Real vai traçar política da rede regional de museus” “*Diário As Beiras*”, 25 de Agosto, 2012, p.6.
- MARQUES, Paulo, “Todos os museus da região Centro cresceram em visitantes e receitas”, “*Diário As Beiras*”, 26 de Junho, 2014, p.4.

### **LEGISLAÇÃO**

- Despacho n.º 11348/2012: Criação das unidades orgânicas flexíveis da Direção Regional de Cultura do Centro.
- Despacho nº 11142/2012 de 16 de agosto de 2012 - Determina a estrutura flexível da DGPC, definindo as competências cometidas às várias unidades orgânicas.
- Decreto-Lei n.º 114/2012, de 25 de Maio - Aprova a orgânica das Direções Regionais de Cultura.
- Decreto-Lei Nº 115/2012 de 25 Maio - Relativo à orgânica da nova Direção-Geral do Património Cultural iniciou-se uma fase transitória de fusão do IGESPAR IP (Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico), do IMC IP (Instituto dos Museus e Conservação) e da DRCLVT (Direção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo).

- Portaria n.º 829/2009, DR, 2ª série, n.º163 de 24 Agosto 2009: Gestão dos monumentos, conjuntos e sítios que lhe forem afectos
- Decreto-Lei n.º 215/2006. D.R N.º 208, Série I de 2006-10-27. Aprova a Lei Orgânica do Ministério da Cultura
- Decreto-Lei n.º 115/2006. DR 114 SÉRIE I-A de 2006-06-14 - Regulamenta a rede social, definindo o funcionamento e as competências dos seus órgãos, bem como os princípios e regras subjacentes aos instrumentos de planeamento que lhe estão associados, em desenvolvimento do regime jurídico de transferência de competências para as autarquias locais.
- Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto - Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses.
- Despacho conjunto n.º 616/2000, de 17 de Maio - Cria uma estrutura de projecto, denominado "rede portuguesa de museus» (RPM) que funciona na dependência directa do Instituto Português de Museus e define a sua composição e atribuições.
- Decreto-Lei n.º 398/99 - Altera o Decreto-Lei n.º 161/97, de 26 de Junho, que aprova a orgânica do Instituto Português de Museus
- Decreto-Lei n.º 161/97: Aprova a orgânica do Instituto Português de Museus (IPM), do Ministério da Cultura
- Decreto-Lei n.º 278/91: Cria o Instituto Português de Museus
- Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136 de 23 Junho 1910: Decreta os Monumentos Nacionais

## SITES

Câmara Municipal da Nazaré: <http://www.cm-nazare.pt/>

Coisa da Cultura: <http://acultura.no.sapo.pt>

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro: <https://ccdr.pt>

**Comissão Nacional Portuguesa do Icom** : [www.icom-portugal.org](http://www.icom-portugal.org)

Confraria de Nossa Senhora da Nazaré: [www.cnsn.pt](http://www.cnsn.pt)

Diário da República Eletrónico: <http://dre.pt/>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: [www.priberam.pt](http://www.priberam.pt)

Direção Regional de Cultura do Centro: [www.culturacentro.pt](http://www.culturacentro.pt)

Facebook dos Museus no Centro: : <https://m.facebook.com/pages/Museus-no-Centro>

Igogo - Turismo e Lazer: <http://www.igogo.pt/>

Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico: Antes:  
<http://www.igespar.pt>. Agora: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>

Instituto de História da Arte: <http://iha.fcsh.unl.pt>

Jornal As Beiras: <http://www.asbeiras.pt>

Jornal de Notícias: <http://www.jn.pt>

Jornal Público: <http://www.publico.pt/cultura>

No Mundo dos Museus: <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org>

Observatório das Atividades Culturais: <http://www.oac.pt>

Ólifante: [www.olifantedesign.com](http://www.olifantedesign.com)

Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural: [www.imc-ip.pt](http://www.imc-ip.pt) este link remete  
agora para <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

Portal do Cidadão: <http://www.portaldocidadao.pt>

Programa Operacional da Cultura: <http://www.qca.pt/pos/poc.asp>

Programa Operacional Sociedade da Informação: <http://www.qca.pt/pos/posc.asp>

Programas Operacionais Regionais: <http://www.qren.pt/np4/POs>

Rádio Televisão Portuguesa: <http://www.rtp.pt>

Rede Portuguesa de Museus: <http://www.patrimoniocultural.pt>

Santuários de Portugal: [www.santuariosdeportugal.pt](http://www.santuariosdeportugal.pt)

Sistema de informação para o Património Arquitectónico: <http://www.monumentos.pt>

Televisão Independente: <http://www.tvi24.iol.pt>

Tinta Fresca - Jornal de Cidadania e Cultura: <http://www.tintafresca.net>

## **VIDEOS**

Documentário - “Passado e Contemporaneidade”.

Disponível em: <https://www.facebook.com/video.php?v=179269738916409&set=>

[vb.144436452399738&type=3&theat](https://www.facebook.com/video.php?v=179269738916409&set=), acedido em 17.04.2014